



Brigada de Intervenção

Revista da Brigada de Intervenção, dezembro 2015, Ano IX, Nº 15



FORÇA BLINDADA DE RODAS



Descubra o café que sabe a Portugal.

Há mais de 50 anos que a Delta aperfeiçoa o sabor do café ao gosto de Portugal. Podemos não ser um país produtor de café mas sabemos bem como é que ele fica bom. Delta Portugal é o café como nós gostamos, no ponto perfeito da torra ao sabor português. Uma tradição que se renova, porque o sabor ao que é nosso nunca muda.



O CAFÉ DA SUA VIDA 



Ficha Técnica

Diretor:

MGen

Carlos Henrique de Aguiar Santos

Coordenação & Projecto

TCor Cav Paulo Marques

Maj Tm Gustavo Gapo

G9/BrigInt

Edição, Grafismo e Imagem

Saj SGE Rui Marceneiro

Capa

Saj SGE Rui Marceneiro

CCapa:

Victor Costa

Propriedade:

Brigada de Intervenção

Publicação:

Semestral

Distribuição:

Gratuita

Impressão:

250 exemplares

Reprodução:

Simões & Linhares

simoes.linhares@gmail.com

Índice	01
Editorial	02
Agradecimentos ao Comando	03

FND/APRONTAMENTO DE FORÇAS

A operacionalização da NRF 2016 - Desafios para a BrigInt	04
GAM no KOSOVO - O culminar de 10 anos de história	08
Apoio de CSI no Teatro de Operações do KOSOVO - 1ºSEM2015/GAM/KFOR	11
Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção - A última missão	14
Módulo de Comunicações da RECCE COY/FND/AM2015	18

EXERCÍCIOS

A participação do 2BIMec(R) no Exercício Trident Juncture 2015	20
O NSE no Trident Juncture 2015 – Lições Identificadas	23
Unified Reflection 2015	24
Exercício Camões 15 – O Combate em Áreas Edificadas	25
Participação Portuguesa no STEADFAST FOUNT 2015	27
CPX/CAX – TRJE 15 – Experiência de participação na Célula de Resposta de Divisão	28

FORMAÇÃO

A formação nas unidades da BrigInt	30
RI13 - Polo de Formação de Excelência de VBR PANDUR II (8X8)	32
A Formação Profissional no Regimento de Engenharia Nº3	35
O 1º Curso de Promoção a Cabo 2015 no RC6	37

TEMAS DIVERSOS

Revisão pós ação de um Subalterno de Infantaria no 2BI	38
Pandur II IFV x LAV III. O melhor das VBR 8x8	39
O Sistema de Comunicações TWH-101 - Comando e Controlo no escalão Pel/Sec	42
Sistema de Apoio de Fogos – MORTEIROS	44
Plano de atividades do RE3	46
A BrigInt nas Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar	48
A Importância dos Valores na Liderança	49
Intervencionismo Humanitário e uso da Força	53
Trident Juncture 2015 - Moral, bem-estar e atividades de coesão	55
O papel do Sargento-Chefe como Adjunto do Comandante de uma Un Escalão Batalhão	56
VII Mostra de Doçaria Conventual e Regional de Coimbra	58

CAMPEONATOS DESPORTIVOS MILITARES

Competições Desportivas Militares na Brigada de Intervenção	60
---	----

CERIMÓNIAS E EVENTOS

Cerimónias e Efemérides das Unidades	61
--	----

LISTAGEM COM APOIOS PRESTADOS	80
-------------------------------------	----



2015 foi um ano de grande exigência para a Brigada de Intervenção. Valeu a pena? E como será o ano de 2016?

É na busca da resposta a estas duas perguntas que escrevo este editorial!

O primeiro elemento, e que é transversal a todas as tarefas e missões que cumprimos, é de que fizemos prova de ser uma Unidade Operacional, muito bem equipada e treinada. Por isso valeu a pena todo o esforço despendido no aprontamento e treino operacional, bem como o esforço contínuo de manutenção dos nossos sistemas de armas.

A *Recce Coy/AM 2015* cumpriu na Lituânia um exigente programa de treino e exercícios e recolheu o pessoal e todo o material projetado. A excepcional competência profissional demonstrada mereceu os maiores encómios de autoridades nacionais e internacionais.

O *GAM/KFOR* cumpriu a sua missão no Kosovo fazendo jus à sua capacidade operacional e elevada prontidão. Após o seu regresso viu o seu desempenho ser honrosamente reconhecido.

Após a certificação nacional no exercício ORION 15, o 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMec(R)) participou ativamente no exercício NATO de alta visibilidade, *Trident Juncture 2015*, tendo o seu desempenho evidenciado um alto nível de proficiência técnico-tática. O nível de operacionalidade atingido e sua elevada prontidão marcarão o futuro imediato, estando integrado na *VJTF/NRF 2016* e pronto para ser empenhado.

Também o Destacamento de Apoio (*NSE*) participou nos mesmos exercícios, partilhando a experiência de uma operação multinacional e garantindo apoio real às forças, no que se constituiu num treino de grande nível para as operações futuras de sustentação logística do 2BIMec(R).

É tempo de saudar a integração de mais uma Unidade na nossa Brigada, o Regimento de Transmissões, com as responsabilidades acrescidas que tal implica, a quem damos as boas vindas e que consideramos ser uma substantiva mais-valia, desde logo e prioritariamente, em termos operacionais mas também na sua forte ligação à sociedade civil, com ênfase nos meios académicos, de investigação e de formação nas áreas de comunicações e sistemas de informação, e bem como, a exemplo de todas as Unidades da Brigada de In-

tervenção, no contributo para as tarefas de salvaguarda de pessoas e bens e no apoio ao desenvolvimento e bem-estar dos portugueses.

Continuamos a pugnar por uma formação de qualidade e contribuímos para o todo do Exército no que respeita à Formação Geral Comum de Praças do Exército e aos Cursos de Promoção a Cabo. Simultaneamente levamos a efeito várias ações de qualificação no âmbito das CSI e formação específica das *VBR PANDUR 8X8*, entre muitas outras.

Não posso deixar de referir, com particular agrado, o facto de a nossa Brigada ter vencido, pelo quinto ano consecutivo, o Troféu “Comando do Exército” nos Campeonatos Desportivos Militares, alcançado o título de penta campeã, projetando também a esse nível esta nossa Grande Unidade.

VALEU A PENA!

Antecipando o ano de 2016, iniciaremos um novo ciclo que se pretende de transformação, repleto de desafios, com objetivos ambiciosos e de alto nível, de que apenas refiro, a manutenção do período de *standby* do 2BIMec(R) e do respetivo Destacamento de Apoio, com um *NTM* de excepcional prontidão, a certificação do Comando da Brigada e a declaração da *FOC* do Grupo de Reconhecimento, uma nova unidade do sistema de forças e cujo levantamento já iniciamos, bem como o aprontamento de forças para satisfação dos compromissos de Portugal para com a segurança no mundo.

Tudo faremos, estou certo, para cumprir com a determinação as missões e tarefas que nos estão atribuídas, alicerçando a nossa ação no valor dos Soldados, mas também na competência e coesão, bem na inovação a qual, através da criatividade e eficácia, tanto têm caracterizado a nossa atuação. Também aqui valerá a pena - a Brigada de Intervenção é, cada vez mais, um coletivo dinâmico, motivado e centrado na sua missão.

É assim, com este caloroso ambiente que nos envolve, que desejo aos militares e civis da Brigada de Intervenção e excelentíssimas famílias, um santo e feliz Natal e os melhores auspícios para o novo ano que se avizinha, num pleno de felicidades pessoais e êxitos profissionais.

Bem hajam!

Carlos Henrique de Aguiar Santos
Major-general
Comandante da Brigada de Intervenção



COMANDO DO PESSOAL – GABINETE DO COMANDANTE

Encarrega-me o Exmo. Tenente-General Ajudante General do Exército, de agradecer a disponibilidade e colaboração prestadas pela Fanfarra da Brigada de Intervenção, por ocasião da visita ao Comando do Pessoal de S. Ex.^a o Ministro da Defesa da Roménia, H. E. Mircea Dusa, em 20 de julho último, que em muito contribuíram para que o evento decorresse conforme planeado e com grande dignidade.

O Chefe de Gabinete (em regime de substituição),

Carlos José Barradas Fernandes
TCor Art



AGRADECIMENTO DA CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA

“É com grande satisfação que o município de Braga vem, por este meio, agradecer a Vossa colaboração nas “Férias em Grande”.

Estas semanas de férias, que reuniram mais de 150 crianças e jovens num ambiente descontraído, festivo e saudável, superaram todas as nossas expectativas.

O sucesso destes momentos é, em grande medida, o resultado do trabalho e de dedicação de todos aqueles que nele se envolvem ativamente, nomeadamente todas as instituições e entidades parceiras, às quais dirigimos os nossos agradecimentos.

Peço, deste modo, que transmita a todos os colaboradores envolvidos o agradecimento pela disponibilidade demonstrada, que foi, igualmente, fundamental para o sucesso destas “Férias em Grande”.

O Município de Braga continuará disponível para futuras oportunidades de cooperação de modo a potenciar e ampliar as ligações à sociedade local.”

Com os melhores cumprimentos,

A Vereadora
Dra. Sameiro Araújo



AGRADECIMENTO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS

Vimos pelo presente agradecer o vosso apoio nas Comemorações do 53.º Aniversário da Elevação de Vendas Novas a Concelho.

Sem o vosso imprescindível apoio na cedência da Parada D. Pedro V e das tendas que deram a vida a mais uma edição da Feira do Livro e sem nos terem facultado os diferentes espaços que serviram para acolher os artistas e os diversos materiais de som e imagem, não teria sido possível avançarmos com este projeto. Agradecemos ainda a disponibilização da Capela Real que acolheu a exposição do nosso Arquivo da Memória e que proporcionou aos seus visitantes, pedaços de História ímpares do nosso Concelho.

Obrigado por, mais uma vez, estarem do nosso lado em mais este momento tão importante para a vida dos Vendasnovenses. Bem hajam!

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

Presidente da Câmara Municipal
Luis Carlos Piteira Dias



EM/BRIGINT

1. Introdução

A NATO ao longo da sua história tem sentido a necessidade de acompanhar e de se adaptar à evolução do ambiente estratégico, de forma a responder, com eficácia, à emergência de novas ameaças, capazes de pôr em causa a estabilidade e segurança internacionais. Neste particular, a emergência do terrorismo assumiu um carácter especial, ao deixar de ser visto como uma questão exclusiva de segurança interna dos estados, passando a ser encarado como um desafio à segurança internacional.

É pois na senda de um conjunto de transformações, ao nível das estruturas de comandos e de forças, de análises estratégicas e de conceitos militares, que surge o conceito de *NATO Response Force (NRF)*.

Este conceito despontou durante a Cimeira de Praga, realizada em Novembro de 2002, e foi instituído através do *Military Committee 477* de 2003, com a finalidade de fomentar o estabelecimento de um conjunto de forças organizadas, treinadas e certificadas, segundo um “pacote” de capacidades previamente estabelecidas. O conceito visava a mobilização de diferentes capacidades dos estados membros da Aliança, com o intuito de se conseguir uma resposta célere aos novos desafios com que a Aliança se deparava.

A NRF pretendeu proporcionar à Aliança uma força tecnologicamente avançada, treinada e certificada internacionalmente, com facilidade de projecção e elevada capacidade de atuação em todo o espectro da conflitualidade, podendo ser empregue com um reduzido prazo de intervenção onde fosse necessário.



Em 2014, na Cimeira da NATO, realizada no País de Gales, foi estabelecido um Plano de Ação de Prontoidão (*Readiness Action Plan – RAP*) para garantir que a Aliança possa estar preparada para responder de forma imediata e com firmeza aos novos desafios de segurança que recomenda a melhoria da prontoidão (*readiness*) e o reforço da capacidade de resposta (*responsiveness*) da NRF, a fim de garantir a projecção de um poder militar credível que, por si só, possua um efeito dissuasor.

Decorrente deste plano, a estrutura da NRF encontra-se numa fase de transição para a designada NRF Reforçada (*Enhanced NRF – ENRF*) que contempla três escalões de forças com diferentes categorias de prontoidão:

- Uma *Very High Readiness Joint Task Force (VJTF)*; focada em operações artigo 5º, é o primeiro escalão da ENRF, constituída por uma unidade escalão Brigada a 5-7 dias de *Notice to Move (NTM)*, com pelo menos um dos seus Batalhões em 48-72 horas NTM, durante 12 meses;
- Uma *Initial Follow on Forces Group (IFFG)*; conjunto de forças que se destina a reforçar a VJTF, se necessário e composto por duas Brigadas, uma com um NTM de 45 dias e outra a 30 dias, no período de stand up e de stand down, IFFG 45 e IFFG 30, respetivamente, durante 12 meses. Esta força juntamente com a VJTF constituem uma unidade escalão Divisão;
- Um *Follow on Forces Group (FFG)*. Estes meios não serão previamente definidos, estarão no grau de prontoidão definido pelas Nações com uma estrutura a ser sustentada anualmente através do processo de geração de força.

Portugal tem vindo a participar neste esforço coletivo, ao longo dos tempos e, por despacho de SExa o Gen CEME, de 26Jun14, foi aprovada a participação do Exército na NRF 2016 com um *Infantry Mechanized Battalion (InfMechBn)*. No decurso desta decisão a Brigada de Intervenção (BrigInt) recebeu a missão de aprontar um Batalhão de Infantaria Mecanizada de Rodas e um Destacamento de Apoio (geralmente designado por NSE – *National Support Element*), para sustentação logística a esse Batalhão, integrando a NRF 2016.

O MechInfBn/ENRF 2016 integra a Brigada VJTF, do *Land Component Command (LCC)*, liderado pelo *NATO Rapid Deployable Corps SPAIN (NRDC ESP)*, na dependência direta do *Joint Force Command Brunssum (JFCBS)*.

2. O contributo do Exército para a NRF 2016

A necessidade de cumprir o conceito da NRF, indo de encontro ao contributo oferecido por Portugal (um batalhão a 600 militares), esteve na origem do ajustamento dos quadros orgânicos de pessoal e material de um Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (BIMec(R)), para se constituir o MechInfBn/NRF 2016.

Neste ajustamento, em função da tipologia de tarefas e operações que a força tinha de estar apta a desenvolver, foram tidos em consideração um conjunto de pressupostos e de capacidades, que deviam ser inerentes à força, nomeadamente:

- Garantir a coerência operacional;
- Manter a capacidade de comando e controlo;
- Manter a capacidade de apoio de combate;
- Garantir a adequada flexibilidade para o cumprimento dos requisitos operacionais da missão, no quadro das responsabilidades cometidas;



- Manter a capacidade de apoio de serviços para autossustentação da força;
- Garantir um elemento de apoio nacional para assegurar as valências necessárias à continuidade do apoio em operações e capacidade de ligação ao território nacional;
- Garantir capacidade de apoio sanitário de nível 1 (Role 1).

Na sequência deste ajustamento a força manteve um comando e secção de comando, três unidades de manobra, uma unidade de apoio de combate e uma companhia de comando e serviços.

O NSE foi constituído com a finalidade de permitir a ligação ao território nacional e a sustentação logística da força, em caso de projecção da força para um teatro de operações.

Para cumprir a tarefa atribuída, a BrigInt iniciou o levantamento desta força a partir do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado Rodas (2BIMec(R)/RI14).

De acordo com o ciclo de vigência da NRF de 3 anos (*stand-up / stand-by / stand-down*) e não sendo possível assegurar a permanência dos militares RV/RC, durante todo esse período de tempo, foi necessário proceder a uma seleção, tendo sido excluídos todos os militares contratados que vissem o término do seu contrato acontecer durante o ano de 2015.

No entanto, e como os recursos humanos e materiais existentes no RI14 não foram suficientes para o preenchimento da Estrutura Orgânica de Pessoal (EOP) e da Estrutura Orgânica de Material (EOM), foi necessário recorrer a meios, humanos e materiais, de todas as Unidades da BrigInt, para colmatar algumas faltas específicas, ao nível de especialidades e cargos mais técnicos, enquanto o RI13, assegurou o levantamento e integração na força de uma Companhia de Atiradores (CAAt) e da Companhia Apoio de Combate (CAC), do 1BIMec(R)/RI13.



Ao nível logístico houve a necessidade de reajustar a Estrutura Operacional de Pessoal (EOP) para os 600 militares, a partir dos quadros orgânicos superiormente aprovados. Esta tarefa foi um trabalho conjunto entre o Comando das Forças terrestres (CFT), Comando da Brigada e Unidade Mobilizadora (RI14) do 2BIMec(R). No caso do NSE, cuja unidade mobilizadora é o RI19, um trabalho previamente elaborado pelo CFT e um seminário, promovido pela BrigInt, em dezembro de 2014, que consolidou algumas linhas orientadoras sobre o levantamento e organização do NSE, com a participação de militares da Escola dos Serviços (ES), do Regimento de Manutenção

(RMan), do Regimento de Transmissões (RT) e do Regimento de Transportes (RTransp), no referido evento, revelaram-se de extrema importância para a definição das respetivas EOP e EOM.

O passo seguinte foi garantir ao 2BIMec(R)/NRF2016 os meios materiais definidos na EOM entretanto aprovada, de acordo com as orientações superiores, que estabeleciam que se devia recorrer aos meios e capacidades do RI14, da Brigada e CFT por esta ordem.

Nesta fase surgiram algumas dificuldades pela inexistência de alguns meios, no seio das Unidades da Brigada, como são exemplo algumas viaturas táticas, alguns tipos de armamento e materiais de apoio logístico. Estas dificuldades levaram à identificação de um conjunto de materiais que estão em permanência com a força e de outros meios que se concentram apenas para os exercícios e outras atividades, como poderá ser o caso da projecção.

No âmbito do NSE, a sua constituição por módulos, a garantir por diferentes unidades e órgãos, implicou que cada entidade responsável pelo módulo garanta os meios humanos e materiais respetivos, tarefa em que se pôde verificar um elevado empenhamento para consubstanciar este objetivo.

Outra tarefa não menos complexa foi a identificação das dotações de materiais para equipar a força: Comando, Controlo e Comunicações, Sobrevivência e Proteção da força, Vigilância do Campo de Batalha, Lote de Manutenção, NBQR,

Equipamentos Sanitários, Dotação de Equipamentos para Armamento entre outros. As dotações estão identificadas e cada Unidade sabe o que tem de ceder. No entanto, existem lacunas que são de difícil satisfação.

Todo o planeamento descrito acautelou sempre o empenhamento das Unidades da BrigInt, ao longo do ano de 2015, nomeadamente o emprego do

Esquadrão de Reconhecimento (RecceCoy) na Lituânia e do Grupo de Autometralhadoras (GAM), no TO do KOSOVO.

Garantindo o normal emprego de meios em toda a BrigInt, a manutenção da operacionalidade de meios tem também concentrado esforços nos meios afetos ao 2BIMec(R)/NRF2016 e NSE.

O 2BIMec(R)/NRF2016 possui na sua orgânica um Pelotão de Manutenção que recebeu da Companhia de Manutenção (CMan) da BrigInt, que garante a capacidade de manutenção até



ao nível Intermédio de Apoio Direto. Apesar desta capacidade, em TN os equipamentos do Batalhão, nomeadamente o seu sistema de armas principal, a VBR Pandur II 8X8, realiza as suas ações de manutenção, maioritariamente nas instalações da CMan /RMan.

No programa foram ainda estabelecidos os objetivos de treino para cada uma das forças, assim como as orientações gerais para a sua execução tendo em consideração o seu emprego inserido na NRF2016.



As preparações do equipamento, antes e durante os exercícios realizados em 2015, visaram a operacionalidade de todo o equipamento, incluindo o armamento onde se realça o tiro efetuado pelas VBR Pandur II 8X8 IFV, com os canhões 30mm, e pelas metralhadoras pesadas Browning 12,7mm com o sistema Quick Change Barrel (QCB).

No âmbito do aprontamento do 2BIMec(R)/NRF2016 e NSE, foram identificadas um conjunto de necessidades de formação com a finalidade de garantir à força o conhecimento necessário em várias áreas, para o cumprimento das missões que lhe possam vir a ser atribuídas. Essas necessidades foram transpostas para um Plano de Formação específico, englobando um conjunto de formações das quais se destacam, as ligadas à viatura PANDUR.

De forma a garantir a coerência do treino, durante as fases de aprontamento nacional e multinacional, foi elaborado pelo Comando da BrigInt, em colaboração com o RI13, RI14 e RI19, o Programa de Treino Operacional do 2BIMec(R)/NRF2016 e NSE, tendo como referência que o primeiro período se destinava essencialmente à aquisição de competências e capacidades, certificando-as a nível nacional, o segundo a mantê-las e integrá-las com as restantes forças da NRF 2016, para que as forças estivessem aptas a serem empregues nos períodos de stand-by e stand-down.

Assim, o treino operacional foi conduzido de forma sequencial e faseada, seguindo um programa diferenciado mas integrado, para o 2BIMEC(R)/NRF2016 e para o NSE, de acordo com a figura seguinte:

Das diversas atividades realizadas, destacam-se pela sua dimensão e relevância, no processo de preparação das forças, a realização dos exercícios MARTE/SATURNO 15, ORION 15 e Trident Juncture 2015 (TRJE 15).

Estes exercícios revelaram-se oportunidades de treino fundamentais e constituíram marcos importantes no processo de preparação e aprontamento, para o 2BIMec(R)/NRF2016 e NSE. O primeiro, conduzido pela Brigada de Intervenção, na modalidade de *Field Training Exercise (FTX)*, com a finalidade de praticar o planeamento, o controlo e a conduta de operações táticas, associadas ao quadro das missões e tarefas passíveis de serem desempenhadas pelo 2BIMec(R)/NRF2016, tendo como referencial o ambiente operacional associado às Operações Ofensivas e às Operações de Estabilização. Durante este exercício o NSE conduziu o apoio logístico, simulando a presença num teatro de operações fora do território nacional. Este exercício constituiu o primeiro momento de validação integrada do treino até aí desenvolvido, permitindo recolher ensinamentos e introduzir alguns ajustamentos adequados à continuidade das atividades de preparação planeadas.

O segundo, da responsabilidade do CFT, materializou a certificação das forças, ao nível nacional, em resultado da avaliação conduzida pela Inspeção Geral do Exército (IGE), validando assim o treino ministrado durante o período de aprontamento nacional, que atestou as forças como operacionalmente prontas.

Por último, refere-se a participação das forças no exercício TRJE15, no âmbito do aprontamento multinacional que permitiu o treino combinado com forças de outros países da



NATO e materializou o final do período de aprontamento multinacional.

3. Conclusões/considerações finais

O ano de 2015 constituiu, um desafio significativo para a BrigInt principalmente pela operacionalização do processo da NRF 2016 (2BIMec(R) e do NSE), que se constituiu na principal e primeira prioridade para a Brigada. No entanto este desafio não se esgotou nesta tarefa pois, em simultâneo, foi necessário criar as condições e garantir a projeção da RecceCoy para a Lituânia, a sua sustentação e retração (de Março a Julho de 2015), assim como garantir o acompanhamento e retração do GAM/KFOR, do Kosovo (de Janeiro a Março de 2015), para referir apenas as tarefas relacionadas com o aprontamento e projeção de forças. Para além disso importa mencionar ainda todas as outras atividades relacionadas com o desenvolvimento do Plano Integrado de Treino Operacional e com o

vimento dos diversos cursos e, por outro lado, normalizar táticas, técnicas e procedimentos, aos diversos escalões, transportando para o papel, o resultado da experiência e do saber fazer, treinado e rotinado, pela prática continuada das atividades de treino.

Chegados ao final de 2015, podemos considerar que a maior parte dos objetivos, relacionados com o aprontamento das forças para a NRF2016, se encontram atingidos. Nem tudo está concluído mas também a este nível as situações estão identificadas. Neste momento já se procedeu a um reajustamento da estrutura de pessoal, para colmatar as saídas previstas de militares contratados, que expiram o seu contrato durante 2016, e de outros que, por razões diversas optaram por se desvincular do Exército. Ao nível dos meios materiais, continuamos a procurar encontrar soluções para os problemas identificados que não foi possível resolver durante a fase de aprontamento, mas que se considera de relativa fácil resolução.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

desenvolvimento do processo de formação, conduzidas nas Unidades da Brigada, entre a gama de atividades conduzidas por todas as unidades da BrigInt.

O esforço desenvolvido pelos diferentes escalões de comando (CFT, Brigada e Regimentos), permitiu dotar as Unidades com os meios necessários e adequados ao cumprimento da missão do 2BIMec(R)/NRF2016 e do NSE.

O desempenho demonstrado ao longo de todo o percurso de aprontamento atestam a prontidão e a capacidade operacional das forças e confirmam a oportunidade e adequabilidade de algumas das decisões tomadas, das prioridades estabelecidas e da gestão dos recursos materiais e humanos. Para além disso, todo este caminho realizado de forma intensa e contínua, possibilitou constatar que, no âmbito do desenvolvimento da cultura mecanizada, centrada na Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR, ainda há bastante a fazer e a concretizar. As questões estão identificadas. Importa continuar a aprofundar e consolidar processos, em particular no que se refere ao edifício formativo, onde se verificou a necessidade de rever e uniformizar um conjunto de documentação fundamental para o desenvol-

O calendário de atividades planeadas para 2016 garantem a continuação de uma atividade de treino que se afigura realista, ajustada e adequada para assegurar a manutenção das capacidades desenvolvidas e possibilitará a resolução de algumas das situações referidas como não completamente concluídas.

O ano de 2015 exigiu elevada dedicação e empenho dos quadros da Brigada de Intervenção, no desenvolvimento das tarefas e missões atribuídas, mas demonstrou também toda a capacidade de realização, sustentada e alicerçada nos seus Regimentos, e a coesão e espírito de corpo, que se tem vindo a consolidar e desenvolver nesta Grande Unidade do Exército Português.

O ano de 2016 apresenta-se com novos desafios e a Brigada de Intervenção, com toda a competência e potencial, em resultado do capital de experiência acumulada de enorme qualidade, dos seus quadros e marcado pela capacidade tecnológica e inovação dos materiais disponíveis, será capaz de continuar a dar uma resposta cabal a esses desafios, implementando e desenvolvendo os processos e conceitos de treino operacional já testado com sucesso, em diversas situações anteriores.



TCOR CAV
JORGE FERREIRA

1. Nota Introdutória

Apesar de só após a difusão da Ordem Preparatória do CFT em 26Set14, se ter iniciado oficialmente o ciclo de aprontamento do GAM/KFOR com vista à sua projeção para o Teatro de Operações do Kosovo no 1º semestre de 2015, já desde o início de 2014 que se trabalhava nesse sentido, aproveitando todas as oportunidades criadas pelo ciclo do treino operacional da Brigada de Intervenção para se ir preparando o pessoal e constituindo cenários de treino que seriam utilizados posteriormente no período de aprontamento. Tendo como base o Grupo de Autometralhadoras (GAM) da Brigada de Intervenção (BrigInt), o GAM/KFOR assentou numa Estrutura Operacional de Pessoal com 177 militares.

Ao iniciar o aprontamento, o GAM já sabia que esta seria a sua última missão uma vez que não constava como uma das forças médias no Sistema de Forças 2014 (aprovado em CSDN de 30 de julho de 2014). Após cerca de 10 anos, o GAM terminava a sua existência da melhor forma possível: cumprindo mais uma missão como Força Nacional Destacada. Apesar da sua curta existência ao serviço do Exército o GAM foi responsável pela constituição, aprontamento e projeção do 5º Módulo de Apoio para a ISAF/Afganistão (2009/2010) e 03 UEB para a KFOR/Kosovo (2008/2009, 2011/2012 e 2015).

2. Aprontamento

O aprontamento do GAM/KFOR iniciou-se em 06Out14 tendo sido planeado para decorrer ao longo de 03 fases:

- Aprontamento Administrativo-Logístico (06Out14 a 29Mar15),
- Aprontamento Orientado para a Missão (27Out14 a 15Mar15) e Preparação para a Projeção (16Mar15 a 07Abr15).

A fase de **Aprontamento Administrativo-Logístico** foi dedicada à redistribuição dos militares do Grupo e aos pedidos e efetivação de transferências e re completamentos do pessoal necessário para preenchimento da Estrutura Operacional de Pessoal (EOP), seguindo-se a atribuição das competências necessárias através do planeamento, pedido e frequência de diversas atividades de formação, em simultâneo com o aprontamento sanitário, a avaliação psicológica e os pedidos de fornecimento de diversos artigos da classe II.

Antes da projeção para o TO foi ainda requisitado, levantado e distribuído/re completado a Dotação Individual de Equipamento e Fardamento dos militares do GAM/KFOR.

A Fase de **Aprontamento Orientado para a Missão** focou-se no treino das tarefas críticas para o desempenho das missões no TO, tendo sido conduzido em diversas subfases: nivelamento, treino orientado para as operações convencionais, treino orientado para as operações de apoio à paz e por último, treino orientado para operações de controlo de tumultos.

Ainda nesta fase foram planeados e conduzidos os exercícios “TEAM SPIRIT” (nivelamento - 30 a 31Out15); “PRISTINA START” (nivelamento, operações convencionais, operações de apoio à paz - 17 a 28Jan15); “MORCEGO” (operações de controlo de tumultos - 16 a 20Fev15); “PRISTINA 151” (CREVAL - 28Fev15 a 06Mar15).

A Fase de **Preparação para a Projeção**, constituindo a última fase do aprontamento em Território Nacional, consistiu na preparação e acondicionamento dos materiais que era necessário transportar para o TO e na realização das atividades necessárias para colocação desse material, das bagagens individuais e do pessoal, no AT1 a fim de serem projetados por via aérea para o Kosovo através de aeronave militar C-130 em 30Mar15 (1ª leva com 48 militares) e aeronave civil fretada em 07Abr15 (2ª leva com 149 militares).

3. Cumprimento da Missão

Depois da chegada da 1ª leva do GAM/KFOR, a 30 de março, iniciou-se o “Handover-Takeover” com o 1BIPara/KFOR, tendo todos os procedimentos decorrido de uma forma ordenada, fluida e profissional fruto do planeamento detalhada e da prévia preparação efetuada pelos militares do 1BIPara.

No dia 6 de abril de 2015 realizou-se a cerimónia da Transferência de Autoridade do 1BIPara/KFOR para o GAM/KFOR. Esta cerimónia foi conduzida em duas fases: uma nacional, que foi presidida pelo Exmo Cmdt da BrigInt MGen Carlos Henrique Aguiar dos Santos e contando apenas com militares portugueses nas forças em parada (mudança do Comando Nacional), e uma fase multinacional presidida pelo Exmo Cmdt da KFOR, MGen Francesco Paolo Figliuolo, com militares portugueses e húngaros nas forças em parada (mudança do Comando da KTM). Assistiram à cerimónia, para além dos militares portugueses que prestam serviço no QG da KFOR, diversas entidades militares da KFOR. Após a TOA iniciou-se um ciclo de treino intensivo para que a KTM atingisse a *Full Operational Capability*, que foi declarada a 17 de abril de 2015.

A KTM cuja missão é “to be prepared to be engaged as TACTICAL RESERVE by conducting all infantry specific tasks including crowd and riot control all over KOSOVO in order to deter and/or counter any threat against SASE and FOM”, é o batalhão da reserva tática permanente da KFOR, podendo





ser empregue em Nível I ⁱⁱ, com um *Notice to Move* (NTM) de 04 horas, ou Nível II ⁱⁱⁱ, com um NTM de 08 horas.

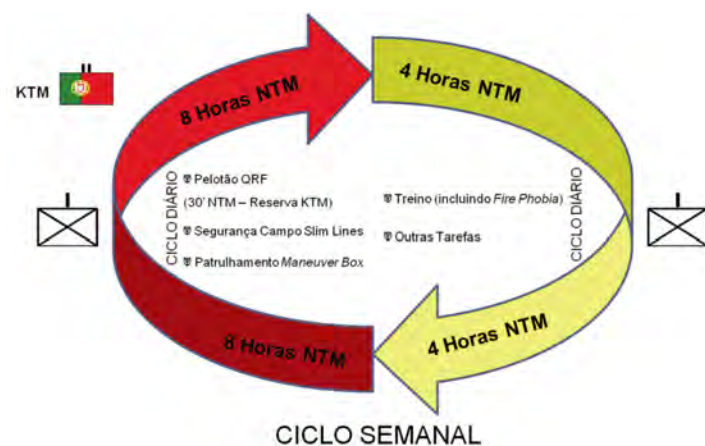
A KTM foi empenhada em várias operações, das quais se destaca a operação “*Demonstration in Downtown Pristina*” realizada no centro de Pristina, devido ao aumento da tensão, agitação popular e ao descontentamento manifestado por algumas organizações, atos potenciados pela débil conjuntura político-social do Kosovo.



Em todas as missões atribuídas, a KTM planeou o emprego das suas unidades, assim como o emprego de unidades de apoio de combate que foram atribuídas em Controlo Tático (TACON), nomeadamente o Destacamento de Apoio à Mobilidade nº 2 (Freedom of Movement Detachment - FOMD#2), a Equipa Tática de Operações Psicológicas (Tactical PSYOPS Team - TPT) e a Polícia Militar Internacional (International Military Police - IMP). Em determinadas operações e planos a KTM contou também com o reforço de companhias do MNBG-E e do MNBG-W, sendo estas de proveniência austríaca, alemã e polaca.

O Battle Rythm das duas companhias de manobra da KTM era feito de acordo como dois ciclos de rotação: um ciclo diário e um ciclo semanal, de acordo com o Esquema 1.

A KTM manteve em permanência, ao longo dos 06 meses de missão, um pelotão empenhado com a missão de patrulhamento na MANBOX em MITROVICA Norte, no âmbito da OPERAÇÃO PRESENCE MITRO V.



A fim de manter os requisitos operacionais e de acordo com o alto nível de exigência que impôs a si própria, a KTM procurou aproveitar todas as oportunidades quer de treino interno quer com forças de outras nacionalidades, desenvolvendo atividades de treino ao longo de toda a missão. Para tal, o foco do treino da KTM foi essencialmente ao nível de pelotão e de companhia, tendo a KTM Nível II (Comando, SOTU e 02 companhias de manobra) treinado em vários exercícios, para os quais foram desenvolvidos diversos cenários de acordo com as situações atuais no Kosovo, passíveis de afetar a SASE e FOM

Este treino foi, na sua maioria, levado a cabo em Camp Vrelo ^{iv}.

Assumindo a responsabilidade de *Lead Nation* para o treino de reação a agentes incendiários em Operações de CRC (*Fire Phobia*), a KTM de acordo com a KFOR SOP 3015, ministrou o treino destas TTP e certificou todas as unidades da KFOR (quer as companhias de manobra dos MNBG quer a MSU), validando-as para o treino, em exercícios, com agentes incendiários (*Cocktail Molotov*) e preparando-as para lidarem com este tipo de ameaça em situações reais. A KTM desenvolveu um total de 30 treinos cruzados de Fire Phobia, certificando um total de 1410 militares de 10 diferentes nacionalidades.



Ainda no âmbito do treino, a KTM desenvolveu várias sessões de fogos reais com o armamento orgânico individual, na carreira de tiro de KICICE e GOLASH, ambas pertencentes à Polícia do Kosovo e ainda sessões em simulador de tiro em Camp Bond Steel.





4. Retração

Foi no último mês de missão que se começou a preparar o regresso a Território Nacional. Para além da necessidade de se fazer uma conferência prévia dos materiais, para se aquilatar da sua operacionalidade e da necessidade de serem reparados ou elaborada a respetiva participação, foi estabelecido um Check List^v conforme extrato apresentado no Esquema 2, para o “handover-takeover” com o 2BIMec/BrigMec, força que renderia o GAM/KFOR.

KTM/KFOR
HOTO CHECK LIST

Job Title: COM	Branch Name: KTM Command	NBO: 001
Rank: OF-4	Security Clearance: NATO SECRET	Nationality: PRT

- ☐ Organização do gabinete do COM (folha de registo de fecho)
- ☐ Assuntos Diversos (+ ou – urgentes)
 - ☐ Pedido de Esclarecimento (apoio a refugiados)
 - ☐ CAC HSG – responder
 - ☐ Competição Eslovenas (CVI) – responder
 - ☐ Agenda Semanal para MA COMKFOR
 - ☐ Viatura do PRT SNR (troca com o COS para viagens/diversos)
 - ☐ Limpeza do Castro Lusitano. Outros apoios (café, máquina, etc)
 - ☐ Entrada do Sr Philippe Bouedo, com o carro (assistir à missa, semanal, miúdos pequenos)
- ☐ Avaliação de militares Húngaros (IER para o 2º Cndt, troca de medalhas e letters of commendation)
- ☐ Mentions Service Medal (periódico – propostas)
- ☐ FAI extraordinária
- ☐ Louvores e Condecorações – conflitos e despacho CEMGFA
- ☐ Computador nacional, email e organização de arquivos
- ☐ Apresentação do Computador Mission Secret
 - ☐ Retirar disco diariamente e guardar em cofre
 - ☐ Rastrear Abertura/fecho do cofre
- ☐ A. KFOR COP
 - ☐ 01. KTM
 - ☐ 02. JOC Watch
 - ☐ 03. Plans&Orders
 - ☐ 04. Tasker Tracker
 - ☐ 05. DHS
- ☐ B. email
- ☐ Morning Briefing
- ☐ Weekly Briefing
- ☐ Documentação a despacho - toda a documentação passa pelo COS que faz a primeira correção para depois enviar a despacho
- ☐ Créditos de Movimento (Supervisão do S3 e S4 na autorização). Condutor do Cndt tem a password do Cndt e pode aprovar de imediato. Utilização e Distribuição da Exemption card

A retração exigiu desde cedo algumas coordenações, com o Canal Logístico Nacional, FAP, transitária comercial, Terminal Militar do Kosovo. Tudo foi acertado, desde listas de passageiros, listas de mercadorias militares, horas de partida e de chegada, autorizações de missões de voo, requisição de espaços em placa para aeronaves, estadia, alojamento, alimentações que fazem desta manobra, uma verdadeira operação logística. No dia 29 de setembro estávamos preparados para fazer regressar os primeiros elementos em C-130 da FAP a TN. Foram 47 militares acompanhados com cerca três mil quilos de material, que seguiram nesse primeiro voo.

Os trabalhos continuaram, e a última fase da retração teve início no dia 04 de outubro, com a receção dos restantes materiais coletivos da ACoy, BCoy e Staff. As bagagens individuais foram processadas na véspera do voo, que chegou no final da manhã do dia 06 ao Terminal Militar do Kosovo. Uma aeronave do modelo A-310, que veio preparada para receber as seis toneladas de equipamento e os 129 militares do GAM/KFOR ansiosos e desejosos de chegar a casa. Pelas 15h00 horas locais, o avião descolou de Pristina rumo a Portugal e chegou a Lisboa, ao Aeródromo de Trânsito Nº 1, pelas 19h00.

5. Desmobilização

Após um dia de descanso para os militares da 2ª leva, iniciou-se o processo de desmobilização do GAM/KFOR, por forma a não atrasar o regresso dos militares às suas unidades de origem. Conseguiu-se em dois dias encerrar todo o processo administrativo-logístico da Força, isto porque boa parte das

tarefas tinham sido antecipadamente coordenadas, com o apoio do RC6. Foram realizadas também as análises clínicas pós-missão, bem como os treinos necessários para a Cerimónia de Entrega do Estandarte Nacional à guarda do GAM/KFOR à BrigInt.

No dia 10 de outubro, na Praça do Município de Braga teve lugar a Cerimónia de Entrega do Estandarte Nacional do GAM/KFOR à BrigInt, que terminou com um lanche convívio no RC6, após o que todos os militares não pertencentes ao RC6 regressaram às suas unidades de origem, para que todos pudessem iniciar as merecidas férias. Apesar de oficialmente o primeiro documento que extingue, explicitamente, o GAM ser a Nota DPF/RO-2015-00799 Pº 10.880.0180 de 11Nov15 da DPF do Estado-maior do Exército, na prática a cerimónia de 10 de outubro de 2015 é o final simbólico desta força, pois a partir desta data iniciam-se os trabalhos preparatórios para o levantamento do Grupo de Reconhecimento.

6. Nota Final

Apesar de alguns percalços surgidos no início do aprontamento, a experiência cimentada no ciclo de treino operacional da brigada, o espírito de corpo e motivação dos militares do GAM/KFOR permitiram atingir os níveis de desempenho necessários para ser considerados como “Combat Ready” durante a CREVAL realizada pela equipa da IGE.

Após a sua projeção e a assunção da responsabilidade, em cerimónia pública no TO em 06Abr15, a preocupação principal do GAM/KFOR foi conseguir de uma forma sustentada, mas rápida, edificar novamente a “Full Operational Capability” da KTM, assumindo e interiorizando o mote desta força “Two Nations One Force”.

A KTM tem, desde 2005, conseguido elevar bem alto o valor do soldado português, sendo considerada como uma unidade credível, com elevada prontidão, reconhecida e respeitada pelo empenhamento e profissionalismo demonstrados em todas as atividades em que participa, desde as cerimónias militares, aos exercícios e ações de treino, até à condução de diversos tipos de operações. Ao longo dos seis meses da missão procurou-se manter essa credibilidade, através de uma postura profissional, flexível e sempre disponível.

Como disse o Exmo TGen CFT Faria Menezes, em 10Out15 em Braga, no seu discurso aquando da cerimónia de entrega dos estandartes nacionais à Brigada de Intervenção “Foram, cumpriram a sua missão e regressaram pelo seu pé e em boa ordem”.

“Cavaleiros a quem nenhum se iguala”.

- i Transmitida a coberto da nota nº EM.G5-2014-004866, Pº 00.560.2810 de 26set14, do CFT.
- ii Nível I - Grupo de Comando, 01 companhia de manobra, SOTU e meios de apoio de serviços, se necessário.
- iii Nível II - Posto de Comando Tático, 02 companhias de manobra, SOTU e meios de apoio de serviços, se necessários.
- iv Antiga Base da Força Aérea, localizada junto do Aeroporto Internacional de Pristina. Atualmente as instalações estão ocupadas por uma unidade da Polícia do Kosovo. Esta base tem excelentes condições para o treino de unidades até ao escalão Batalhão.
- v Este Check List foi idealizado e testado aquando do reconhecimento efetuado ao TO por elementos do 2BIMec/BrigMec, sendo finalizado e aperfeiçoado no último mês de missão, para permitir uma passagem ordenada e fluida de documentos, procedimentos e processos.



TENTM

RUBEN RODRIGUES

O Módulo de Comunicações do GAM/KFOR foi constituído por oito militares de Transmissões (um Oficial, três Sargentos e quatro Praças e tinha como função do Módulo de Comunicações passou por garantir as comunicações no TO (com meios NATO e com os meios nacionais), a ligação às comunicações permanentes no TN através do link de satélite (SATCOM) e a gestão da rede de moral e bem-estar, rede esta que além de garantir que os militares pudessem comunicar com os seus familiares, permite também a visualização de conteúdos de multimédia garantindo que os militares apresentassem os níveis de moral necessários para o cumprimento das missões que lhes eram inerentes.

1. Rede Telefónica e Comunicações Satélite

A ligação satélite SATCOM VSAT para interligação ao TN, com uma largura de banda de 512 kbps e modulação QPSK não apresentou problemas significativos, mantendo-se estável e onde era através desta que eram encaminhados os serviços da Rede de Dados do Exército (RDE), telefonia IP, videoconferência, correio eletrónico e rede segura (SECNET) com um terminal de MMHSv2. Este link tem sido suficiente ainda que não seja o ideal pois nas videoconferências verificaram-se atrasos na imagem e na voz degradando assim a qualidade do serviço e consequentemente os restantes serviços utilizados em simultâneo na rede.

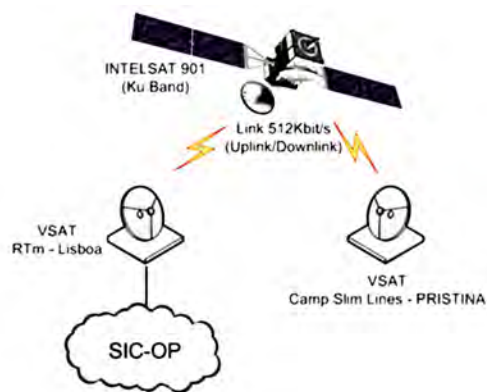


Figura 1 – Esquema de ligações VSAT

2. Meios Rádio nacionais

Os meios rádio nacionais utilizados foram os P/PRC-425, P/GRC-525, E/R ICOM IC-F51, MARCONI/SELEX PRR-H 4855 e THOMSON TRC-3500.

A maior parte dos equipamentos rádio das viaturas são da família P/PRC-425, pois as mesmas são o legado das missões na Bósnia Herzegovina (BiH), sendo que tem sido verificado um desgaste acentuado ao longo dos anos.

Para comunicações seguras utilizaram-se os meios da família P/GRC-525, sendo que os mesmos se apresentaram como um meio rádio bastante útil em alternativa aos meios rádio da KFOR. Este meio serviu essencialmente para a transmissão de voz e dados em modo seguro SECOM-V e para o Tracking

GPS das viaturas equipadas com este meio rádio. Foi possível efetuar comunicações em modo não seguro com os equipamentos rádio húngaros na banda de VHF.



Figura 2 – Tracking de viaturas portuguesas da KTM em Pristina

A banda HF também foi testada tendo sido efetuados testes com sucesso em HF com a montagem P/GRC-525, versão HV das viaturas blindadas PANDUR 8X8 com a RecceCoy da Lituânia. Para garantir a cobertura rádio entre as zonas de Mitrovica Norte (principal área de responsabilidade da KTM) e o campo de Slim Lines existe um repetidor activo no monte de Vidomeric que garante a comunicação em modo seguro (SECOM-V) para transmissão de voz e dados e em modo não seguro (FF – fixed frequency) para a transmissão de voz.

O E/R ICOM IC-F51 foi utilizado essencialmente em redes internas de controlo e arbitragem de exercícios, pelos militares de serviço à porta de armas, pelas patrulhas em redor do aquartelamento e no plano de defesa do aquartelamento de Slim Lines.

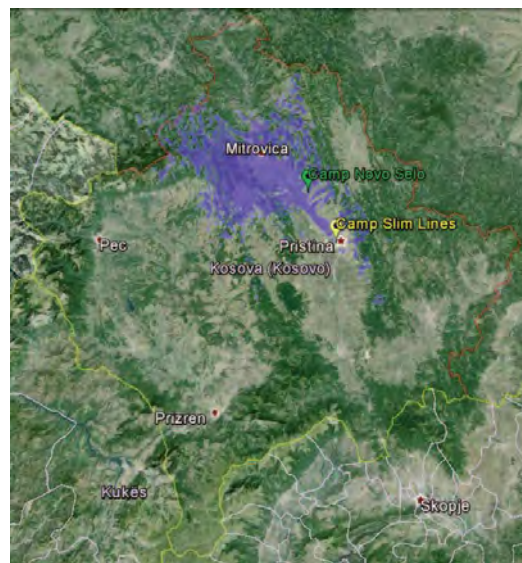


Figura 3 – Área de cobertura do repetidor de VHF de Vidomeric

O E/R MARCONI SELEX PRR-H 4855 foi utilizado em operações CRC (Crowd Riot Control). O E/R THOMSON TRC-3500, equipamento que funciona na banda do HF foi utilizado com sucesso em comunicações de voz entre o Kosovo e a RecceCoy da Lituânia e está pronto a ser empregue na BiH.



Figura 4 – Alinhamento da antena de VHF do repetidor de Vidomeric

3. Meios rádio NATO/KFOR

A KFOR disponibiliza diversos meios de comunicação à KTM para esta se ligar ao escalão superior, permitindo a comunicação e a interligação a todas as outras nações da KFOR. Entre estes destacam-se o TACSAT, VCN, KFTS e o KPN.

O equipamento rádio TACSAT permite a comunicação segura por satélite até à classificação de NATO SECRET sendo utilizado preferencialmente em locais com fraca cobertura VCN.

O VCN (VHF Command Network) é a principal rede de Comando da KFOR assente num conjunto de infraestruturas de comunicações constituídas por estações base, encontrando-se estas interligadas por LoS (*Line of Sight*) baseada na rede TETRA e utilizados em comunicação segura até KFOR CONFIDENTIAL.

O KFTS (KFOR Force Tracking System) é um sistema de tracking assente na estrutura do VCN e que permite monitorizar as viaturas que se deslocam ao longo do Kosovo, permitindo ainda o envio de transparentes de operações e de pequenas mensagens de texto e utilizados em comunicação segura até KFOR CONFIDENTIAL.

O KPN (Kosovo Phone Network) é a rede telefónica KFOR que interliga todas as suas subunidades em modo não seguro.

4. Sistemas de Informação

Os sistemas nacionais de informação de transmissão de mensagens disponíveis no Kosovo são o MMHSv2 para transmissão de mensagens e ficheiros em anexos para o TN em modo seguro até ao grau de NACIONAL SECRETO e o STM3/SCAMM para a transmissão de mensagens em modo seguro até à mesma classificação de segurança.

Relativamente à RDE, esta funciona em modo “Full IP”, fornecendo os serviços de diretório, correio eletrónico, File Share, videoconferência (VTC), intranet, portal colaborativo, impressão em rede, DHCP e DNS praticamente sem qualquer tipo de interrupção.

A RDE no TO do Kosovo é difundida aos utilizadores através de dois servidores distintos: um principal (KOSOVO-DC) e outro secundário (KOSOVO-COMMON), ambos controlados pela DCSI.

Durante o período de missão foram efetuadas diversas videoconferências (VTC) com Portugal, num total de 25 (9 com o EMGFA, 2 com o CFT, 8 com a BrigInt, 1 com o Centro de Saúde Militar de Coimbra e 5 com o RC6). Na generalidade, não foram detetados problemas de conectividade, tendo o Módulo de Comunicações garantindo a transmissão ininterrupta das videoconferências;

O acesso à internet a partir da RDE (para todas as contas de utilizador existentes na Active Directory) é feito através duma IXBOX (servidor proxy) controlado pela DCSI.

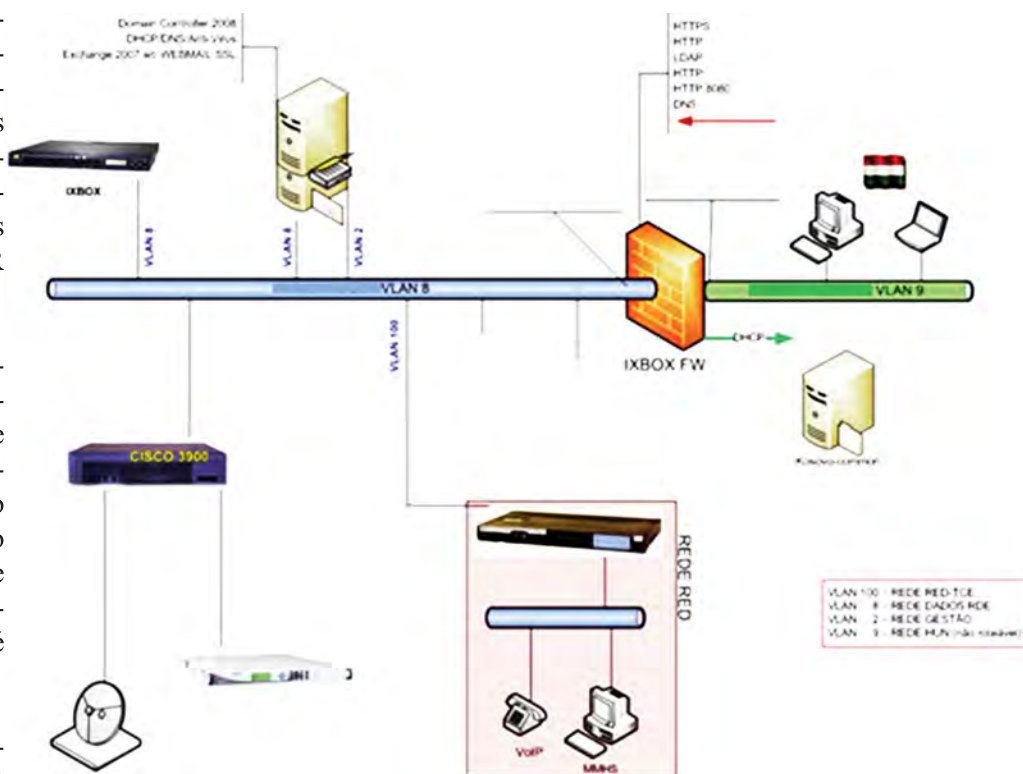


Figura 5 – Ligações da rede estruturada da KTM/KFOR



A estrutura da rede de dados da KFOR subdivide-se em três redes indiferenciadas: NATO Secret (NS), Mission Secret (MS) e Nato KFOR Unclassified (NKU). A centralização e gestão destas três redes são da exclusiva responsabilidade da KFOR (J6).

Principais atividades desenvolvidas pelo Módulo de Comunicações

5. Gestão do Centro de Comunicações (CCom)

O CCom foi responsável pela receção e envio de todo o tráfego do Batalhão de e para o TN, carregamento das chaves cripto nacionais e KFOR nos equipamentos de voz (STU IIB, TACSAT) e de rede (TCE, MMHS, SICCE, SECNET) e pela receção e envio de material cripto de e para o TN.



Figura 6 – Recompletamento de elementos das antenas AD-17 em Slim Lines

6. Gestão dos equipamentos rádio

Relativamente aos equipamentos rádio P/PRC-525 foi efetuada a instalação em viaturas, reparação de microtelefones, manutenção do repetidor de Vidomeric, verificação das antenas AD-17 da torre de Slim Lines e recompletamento dos seus elementos, reparação e manutenção de altifalantes, instrução de P/PRC-525 a todo o contingente português da KTM.

No que concerne aos equipamentos rádio P/PRC-425 foram efetuadas reparações de capacetes, reparação dos cabos RF P/CX-6020, desinstalação e reparação de rádios e substituição de antenas. Nos rádios Marconi H4855 foram efetuadas diversas reparações de proteções de cabeça e PTT wireless.

Nos equipamentos rádio KFTS foram substituídas docking stations, laptops, reparação do sistema de alimentação e cabo RF, desbloqueio e alteração de password, sessões de formação aos dois contingentes e implementação das chaves cripto em todos os rádios.

Em relação aos equipamentos VCN foram substituídos 80% dos VCN portáteis pela nova versão, foi ministrada formação de VCN e implementação das chaves cripto em todos os rádios.

Durante todo o período da missão foram dados apoios de som a cerimónias e convívios, alteração das missões dos rádios P/GRC-525, três frequências foram empasteladas sendo ne-

cessário a alteração do plano de frequências fixas e o teste em vários pontos de Mitrovica Norte com o novo plano de frequências, testes de Tracking GPS com o GW525 (sobre a plataforma Google Earth – Figura 3) e CTCm (Centro Tático de Comunicações – sobre o SICCE).

7. Gestão da rede de dados

A rede de internet foi sujeita a diversos testes no interior do campo de Slim Lines, com vista à melhoria das condições de receção por parte dos utilizadores, nomeadamente a substituição de routers wireless obsoletos por novos, alteração dos canais wireless com vista à minimização das interferências entre os routers e substituição de switches por outros com melhor desempenho. Semanalmente foram efetuados testes de velocidade à internet fornecida pela operadora contratada (IPKO). gestão da rede “livre” de internet no interior do campo é efetuada através do router Mikrotik disponibilizado pelo ISP, situado no CCOM e é feita através da aplicação “winbox.exe”. Esta aplicação permite configurar interfaces, definir regras de firewall, configurar e disponibilizar serviços como DHCP ou DNS, configurar protocolos de roteamento e NAT, ou ainda aceder a várias ferramentas de diagnóstico e “troubleshooting”.

A página da FND-Kosovo no site da internet do Exército foi revista e atualizada com as novas informações, além da publicação de 45 notícias relativas às atividades em que a KTM esteve inserida. Paralelamente foram efetuadas diversas formações e limpeza interna de computadores.

Os esquemas de rede foram atualizados sempre que havia uma alteração na rede de dados e foi dado apoio técnico à estruturação da nova rede de dados do contingente húngaro no interior de Slim Lines aquando da colocação do NCC/NSE húngaro no campo Novo Selo.

A nível dos equipamentos NATO foi efetuada a limpeza interna a todos os computadores das redes NATO Secret, Mission Secret e NATO KFOR Unclassified pelos elementos técnicos do ADP/J6;

Por fim foram efetuadas 6 inspeções internas pelo Oficial de Transmissões da KTM no âmbito do COMSEC e INFOSEC; paralelamente a KTM foi alvo de duas inspeções por parte do J6/INFOSEC, TSO e J6/Projects Chief, alcançando uma melhoria nos resultados na área de INFOSEC/COMSEC de “Relevante” para “Bom” (classificação máxima), tendo a KTM sido escolhida como exemplo a seguir por todas as subunidades da KFOR em matérias de segurança das informações e das comunicações.

8. Conclusões

Este artigo serviu dois propósitos: apresentar de um modo sucinto os meios e capacidades de comunicação disponíveis no Kosovo e o trabalho desenvolvido por todos os militares do Módulo de Comunicações. O sentimento de dever cumprido foi bem patente no rosto de cada um dos militares de Transmissões do GAM/KTM/KFOR, tendo esta experiência enriquecido de uma forma pessoal e profissional os seus intervenientes e contribuído para a dignificação da Brigada de Intervenção e do Exército Português.



MAJ CAV
PEDRO CABRAL

1. Introdução

O Esquadrão de Reconhecimento (ERec) tem adquirido uma elevada experiência em missões fora do território nacional desde 1998, nomeadamente na Bósnia-Herzegovina, Kosovo e Timor-Leste. Em 2015, o ERec esteve novamente em missão mas, o período que a antecedeu foi intenso. Realça-se, o elevado empenhamento em treino operacional que esta subunidade esteve envolvida nos anos de 2013, 2014 e 2015, onde se constituiu como Reconnaissance Company (Recce Coy), contributo de Portugal para a componente terrestre da NATO Response Force 2014 (NRF2014), vindo mais tarde, a ajustar-se para se organizar em Força Nacional Destacada (FND) para o Teatro de Operações da Lituânia no âmbito das NATO Assurance Measures 2015. Pretende-se com o presente artigo descrever o processo de aprontamento, a projeção/retração e o cumprimento da missão durante quatro meses, nesta nova missão de FND, no período de abril a julho de 2015.



2. O aprontamento

A Recce Coy tinha cumprido, durante o ano de 2013, um intenso programa de treino operacional com vista à obtenção da sua certificação nacional e internacional. Este programa de treino foi revestido de enormes desafios, desde potenciar a utilização da Viatura Blindada de Rodas PANDUR II 8X8, a nova orgânica dos Pelotões de Reconhecimento (PelRec) e as técnicas de tiro individual e coletivo. Em 2014, a intensidade do treino teve de ser mantida a fim de melhorar os níveis entretanto atingidos. Adicionalmente, a força foi certificada para operações de controlo de tumultos.

Com todo este background de treino operacional, a Recce Coy encontrava-se pronta para cumprir a missão que se avizinhava. No entanto, no início de 2015, devido à saída de militares por terminarem o tempo de contrato permitido por lei e à nova reorganização, houve a necessidade de conferir formação em diferentes áreas, nomeadamente condutores de VBR, apontadores de míssil ACAR MILAN, canhão 30 mm e de sistema RWS.

Para culminar o treino operacional em território nacional, a força regressou ao Campo Militar de Santa Margarida para

executar o Exercício MERCÚRIO 15, onde o treino dos militares recentemente formados, foi validado. Após o exercício, a Recce Coy iniciou, com maior dedicação, as atividades de preparação da projeção e o aprontamento administrativo-logístico, designadamente a emissão de passaportes especiais, credenciações, seguros e o aprontamento sanitário, pois apesar de a maioria já o ter feito, como iria ultrapassar o período de dois anos no decorrer da missão, efetuou-se novamente este aprontamento.



3. Os desafios com a Projeção e a Retração

A Recce Coy foi projetada estrategicamente na sua totalidade, pessoal e material, para a Lituânia no final de março de 2015, através de uma operação logística utilizando meios marítimos e aéreos.

Projetar e retrainir uma força blindada de rodas, equipada com 42 viaturas, das quais 26 blindadas, 10 atrelados de diversos tipos, material orgânico principal e abastecimentos de várias classes distribuídos por 13 contentores de 20 pés, não se adivinhava tarefa fácil. Acrescentando dificuldade ao processo, foi decidido projetar/retrainir o material por via marítima através do Porto de Leixões, onde, até à data, não se tinha realizado uma operação desta natureza.

Antes da projeção, a Recce Coy enfrentou outro desafio, desta vez relacionado com manutenção – desafio lançado pelo Oficial de Manutenção (OfMan) da BrigInt. Em estreita ligação com o OfMan/BrigInt e com a Companhia de Manutenção da BrigInt, procedeu-se ao cumprimento das manutenções programadas das VBR PANDUR II 8X8 e à antecipação de outras, que deveriam ser realizadas no decorrer da missão, a fim de permitir que nenhuma viatura tivesse que efetuar esse trabalho na Lituânia.





Para além da manutenção, durante os meses de janeiro, fevereiro e março, foram executadas várias atividades relacionadas com a projeção, onde se destaca a formação de militares na área das Operações de Terminal, coordenação e recolha de equipamentos e viaturas, em diferentes unidades e no Depósito Geral de Material do Exército (DGME), a ordem e distribuição da Dotação Individual de Fardamento e Equipamento (DIFE), a contentorização de todo o armamento, materiais e equipamentos concentrados no RC6 em 8 contentores, conferência da Dotação de Munições, da Lista de Níveis Orgânicos (LNO) e da Lista de Níveis de Apoio (LNA) que foram contentorizadas em 5 contentores no DGME e, claro, todo o planeamento e coordenação entre a Repartição de Transportes (RT) da Direção de Material e Transportes (DMT), a Direção do Porto de Leixões, a empresa civil contratada para projeção da força e a Recce Coy.

Surgiram ainda questões relacionadas com o combustível, tal como a percentagem necessária para realizar as viagens entre o RC6 e o Porto de Leixões, assim como do Porto de Klaipeda para Rukla, dada a limitação de combustível que as viaturas podiam transportar durante o transbordo marítimo, e a eventual necessidade de aditivos face à diferença climática entre Portugal e a Lituânia.

No dia 23 de março de 2015, iniciaram-se os deslocamentos a partir do RC6 e do DGME para o Porto de Leixões, onde tiveram lugar as operações de estiva para carregamento no navio das viaturas, atrelados e contentores. Estas operações duraram dia e meio, após as quais o navio zarpou com destino ao Porto de Klaipeda, Lituânia. A bordo seguiram dois militares: um Sargento e uma Praça da força. Os militares foram selecionados com base nas suas habilitações para operar todas as tipologias de viaturas blindadas e não blindadas, e nas suas capacidades técnicas na área da manutenção.



Em 28 de março foram projetados por via aérea os militares do destacamento avançado da força, acompanhados por alguns militares da RT/DMT. Todas as tarefas de *Reception, Staging and Onward Movement (RSOM)* foram efetuadas em coordenação com as Forças Lituanas. No dia 31 de março foi projetado, também por via aérea, o grosso da força e nesse mesmo dia o navio chegou ao destino.

No dia seguinte, iniciaram-se os trabalhos de estiva para descarregar os contentores e as viaturas, tendo os contentores sido transportados nesse mesmo dia para Rukla pelas Forças Lituanas. Relativamente às viaturas, as mesmas também foram des-



carregadas mas, por necessidades de abastecimento e tempo de viagem para efetuar os 250 Km do trajeto, apenas seguiram para Rukla no dia 02 de abril, numa única coluna, escoltados pela Polícia Militar Lituana.

Este enorme desafio de projetar a Recce Coy tornou-se ainda mais interessante pelo facto de ser a mesma força a fazer o processo inverso, ou seja a retração de todos os seus meios no final de julho de 2015, consolidando todos os ensinamentos e experiências adquiridos com a projeção.

A 25 de julho, todas as viaturas e atrelados foram projetados para uma empresa, próxima do Porto de Klaipeda, a fim de serem submetidos a uma lavagem profunda, desinfestação e certificação.

Este processo demorou até à madrugada do dia 27. Na manhã de 27 de julho, as viaturas e os atrelados movimentaram-se para o Porto e foram colocados no interior do navio. No dia seguinte, o navio partiu, novamente com dois militares da Recce Coy a bordo, com destino ao Porto de Leixões.

No dia 29 de julho, o grosso da Força foi projetado por via aérea do Aeroporto de Kaunas, tendo os últimos militares da Recce Coy regressado a Portugal no dia 31 de julho, também por via aérea do Aeroporto de Vilnius.

4. A Recce Coy na Lituânia

Após a projeção, a Recce Coy tinha como meta, estabelecida superiormente, atingir a *Full Operation Capability* no dia 10 de abril, após o qual, iniciou o ciclo de treino com vista aos exercícios agendados. A execução do treino contou sempre com o apoio da Recce Coy da Brigada de Infantaria Mecanizada do Exército Lituano e procurou-se tirar proveito das condições existentes para conduzir treinos que em território nacional não houve oportunidade de executar, procurando alargar o espectro do conhecimento, formação e experiência aos nossos militares.



O ciclo de treino foi planeado em conjunto e tinha três fases: adaptação, treino coletivo e treino orientado.

A fase de adaptação decorreu de 13 de abril a 01 de maio e consistiu na execução de provas topográficas, com vários níveis de dificuldade e com a finalidade de adaptação ao terreno, instruções de sobrevivência ministradas por militares lituanos especialistas nessa área, instrução de natação utilitária, também ministrada por militares lituanos, com o objetivo de treinar técnicas de flutuação, saltos para a água e técnicas de natação com arma.

Ainda nesta fase, treinou-se técnicas de transposição de obstáculos (rappel, corda rápida e escalada), condução diurna e noturna em modo tático (escotilhas fechadas e ocultação de luzes) e sessões de tiro dinâmico e reativo com armamento individual.



O treino coletivo decorreu de 04 a 29 de maio e incidiu sobretudo na execução de treino cruzado com os militares lituanos.

Das várias ações realizadas, destaca-se as sessões cruzadas de tiro com armamento individual em que se criaram situações táticas e equipas mistas com o intuito de trocas de experiência e familiarização com as táticas, técnicas, procedimentos e armamento dos dois países, treino cruzado de tarefas de reconhecimento de escalão pelotão, como reconhecimento de itinerário, de área e de zona e a execução de exercícios de escalão pelotão, com a duração de três dias, com o objetivo de avaliar as técnicas de reconhecimento, navegação e adaptação ao terreno.

O treino orientado decorreu entre 01 de junho e 13 de julho. Nesta fase, o treino foi dirigido para o grande exercício em que iríamos participar – Exercício SABER STRIKE 2015 nomeadamente a execução de operações ofensivas/defensivas e respetivas tarefas primárias de uma Unidade de Escalão Companhia (UEC) integrada numa Unidade de Escalão Batalhão (UEB) de manobra, conforme descrito nas *Exercise Planning* (EXPLAN) do mesmo.

A *Recce Coy* articulou os seus PelRec em dois pelotões de exploração, a três esquadras de exploração e dois pelotões canhão que treinaram a marcha para o contacto, ataque (imediato e deliberado) e cerco e busca como tarefas primárias das operações ofensivas e uma defesa de área e operação retrógrada (retardamento) como tarefas primárias das operações defensivas.

Para além das ações de treino realizadas, a *Recce Coy* participou em três grandes exercícios: *FLAMING THUNDER 2015*, *IRON FIST* e *SABER STRIKE 2015*. O Exercício *FLAMING THUNDER 2015* foi um exercício de fogos indiretos realizado na área de treino de Pabradė. A *Recce Coy* participou com a Secção de Morteiros (SecMort), Secção de Vigilância do Campo de Batalha (SecVCB), Oficial de Ligação, uma equipa de comunicações e uma equipa de manutenção.

Participaram ainda unidades de apoio de fogos (Morteiros e Artilharia de Campanha) do Exército da Lituânia, da Polónia e dos Estados Unidos da América. Durante a condução do exercício, foram realizadas várias missões de tiro, que permitiram à SecMort, treinar as guarnições das bocas-de-fogo e o Posto de Controlo de Tiro (PCT) e à SecVCB treinar a regulação de fogos, assim como o intercâmbio de técnicas, táticas, procedimentos e experiências com militares de outras nacionalidades.

O exercício *IRON FIST* foi planeado e executado em conjunto com a *Recce Coy/LTU* na área de treino de Pabradė com o objetivo principal de efetuar uma preparação/adaptação ao terreno com vista ao exercício subsequente e validação do treino coletivo.

De acordo com o planeado, o exercício decorreu em três fases: sessão de fogos reais, patrulhas de reconhecimento e combate e tarefas primárias das Operações Ofensivas. Na primeira fase, a *Recce Coy* executou o tiro por subunidades, uti-





lizando os sistemas de armas das viaturas PANDUR II 8X8, nomeadamente, o Canhão de 30mm, as Metralhadoras Pesadas Browning 12,7mm, as Metralhadoras Ligeiras FN Mag 7,62mm e o míssil anti-carro MILAN.

Na segunda fase, foram cumpridas missões de patrulhas de reconhecimento e combate planeadas pela Recce Coy/LTU onde, entre outras atividades, foi realizada uma passagem de um curso de água (rio) utilizando cordas como a técnica de transposição do obstáculo e a execução de um golpe de mão para destruição de uma estação radar.

Na terceira e última fase foram treinadas e executadas tarefas primárias das Operações Ofensivas, inicialmente ao escalão pelotão e finalizando com uma marcha para o contacto de Esquadrão.

Estas tarefas contaram sempre com o apoio dos militares da Recce Coy/LTU, que se constituíram como força opositora, permitindo um treino mais real e intenso.

O Exercício *SABER STRIKE 2015* foi um exercício multinacional onde participaram, para além de Portugal, militares dos EUA, Alemanha, Eslovénia, Estónia, Dinamarca, Letónia e Lituânia. O LIVEX do exercício foi realizado na área de treino de Pabradė e na área de treino de Gaiziunai em Rukla.

A Recce Coy esteve empenhada em Pabradė, tendo apenas deslocado para *Gaiziunai* um PelRec para a demonstração dinâmica do DV-Day e três viaturas para a exposição estática.

De acordo com o estipulado nas EXPLAN, o exercício era do tipo *force on force* e decorreu em duas fases: 1.ª Fase – *Situational Training Exercise* (STX) e 2.ª Fase – *Field Training Exercise* (FTX). A 1ª Fase decorreu de 08 a 12 de junho e era destinada à integração das UEC nas UEB, ao treino do Processo de Decisão Militar/Procedimentos de Comando, ao treino de tarefas primárias das operações ofensivas e defensivas.

A Recce Coy, integrada no *Dragoons Battalion*, treinou a marcha para o contacto e o ataque como tarefas primárias das Operações Ofensivas e a defesa de área e o retardamento como tarefas primárias das Operações Defensivas.



O STX também permitiu que as UEC iniciassem o treino com forças de Apoio de Combate (Pelotão de Engenharia Lituano e o JTAC Esloveno) e com o PelRec do Batalhão. As missões foram planeadas e executadas em períodos de 24 horas.

Na 2ª Fase, a Recce Coy participou em duas Operações Ofensivas, tendo estado em cada uma delas integrada em diferentes batalhões.

Na primeira operação integrou o *Dragoons Battalion* e na segunda o *Vaidotas Battalion* da *Mechanized Infantry Brigade Iron Wolf* (Lituana).

Após o exercício, em 19 de junho de 2015, a Recce Coy executou a 2.ª sessão de fogos reais, novamente com todos os sistemas de armas, aproveitando a disponibilidade das carreiras de tiro.

5. Considerações Finais

Esta missão constituiu uma experiência única para os militares da Recce Coy, que tiveram oportunidade de trabalhar lado a lado com forças de outras nações, fomentando não só a transmissão de conhecimentos, mas também um forte espírito de camaradagem entre os militares dos diferentes países da NATO, presentes.

O treino operacional desenvolvido com a Recce Coy/LTU foi uma experiência enriquecedora para ambas as partes. A Recce Coy teve a oportunidade de desenvolver técnicas de reconhecimento sem o apoio das viaturas orgânicas e à base de técnicas de infiltração.

Por outro lado, transmitimos aos militares lituanos a capacidade e flexibilidade que o reconhecimento montado em viaturas blindadas possui.

O bom desempenho técnico-tático demonstrado durante os exercícios foi amplamente reconhecido pelas altas Autoridades Militares Lituanas e pelos militares dos outros países participantes nos exercícios.

Uma vez mais, o SOLDADO PORTUGUÊS provou que possuiu experiência e qualidade e consegue honrar o nome de Portugal.



situação que a Recce Coy seja empregue.

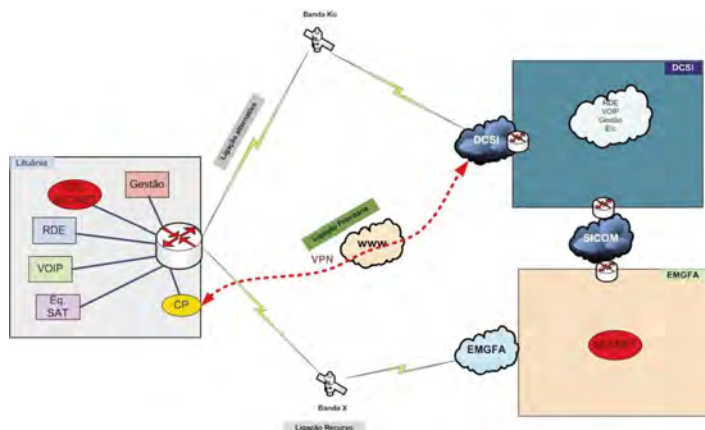


Figura 1 – Estrutura geral da rede

Para tal utilizou-se um Centro de Comunicação de Companhia (CCC) com capacidade satélite e alguns equipamentos adicionais.

Utilizou-se o rádio 525 na banda VHF para comunicar entre os rádios da Recce Coy (em frequência fixa e SECOM_V), para comunicar com os rádios Harris do escalão superior e com

Todos os rádios funcionaram de forma contínua e sem problemas, garantindo comunicações quase permanentes em toda a área de operações.

Este serviço é muito sensível uma vez que influencia muito significativamente o moral e bem-estar dos militares da força.

Utilizou-se uma ferramenta de gravação do ambiente de trabalho para registar a localização e movimento das viaturas, assim como de todas as comunicações quer internas, quer externas (através de todos os rádios 525) da Pandur II 8x8 CPV. Esta ferramenta é útil pois é um complemento ao registo das comunicações e permite analisar posteriormente cada operação e identificar as lições aprendidas.



b. Microauscultador adaptado

Verificou-se que os Comandantes de Pelotão utilizavam um rádio para falar para o esquadrão (rádio 525) e outro rádio para falar para as suas secções (rádio Marconi H4855).

Cada um destes rádios tem um microauscultador. Verificou-se no terreno que era mais adequado ter um único microauscultador na forma de auricular em que do lado direito se ouvissem as comunicações do esquadrão (rádio 525), do lado esquerdo se ouvissem as comunicações das secções do pelotão (rádio Marconi H4855) e apenas existisse um microfone que desse para falar através dos dois rádios. Para emitir com o rádio 525 utiliza-se um PTT adaptado e para emitir com o rádio Marconi H4855 utiliza-se o PTT desse rádio.

Pensou-se na melhor forma de satisfazer esta necessidade e foram criados 3 protótipos funcionais. Um desses protótipos foi testado e demonstrou ser perfeitamente funcional.

Testou-se ainda a possibilidade de ativar a emissão do rádio 525 através da voz (e não do PTT). Essa capacidade funciona, no entanto pode causar empastelamento por emissões indesejadas quando o nível de ruído é muito elevado devido a disparos ou se o militar estiver a falar com outra pessoa e não para o rádio.

c. Substituição de rádios da família 425 por rádios da família 525

A Recce Coy dispunha de viaturas equipadas com rádios da família 425. Utilizar rádios da família 425 juntamente com rádios da família 525 introduz maior complexidade na estruturação da rede rádio e limita severamente a utilização de todas as capacidades dos rádios 525. As maiores limitações são a limitação da banda de funcionamento e a utilização de comunicações não seguras imposta pelo rádio 425.

Surgiu portanto a necessidade de interligar equipamentos da família P/PRC-425 com a família do TR-525. Nas chaimites (e já neste TO) interligou-se (através de um cabo de interligação) a montagem veicular P/MT-525D com TR-525 ao equipamento de interligação ICC P/CI-101 e respetivos componentes referentes ao seu completo (caixa de comando P/CC-101).

As viaturas não blindadas IVECOS, MAN, autotanque M49 e viatura de recuperação, foram todas equipadas com versão ManPack 525.

O Land-Rover Defender Ambulância foi-nos fornecida sem meios rádio tendo sido instalado/adaptado um transformador 12V para 24V de modo a poder alimentar eletricamente e permanentemente um TR-525.

d. Instalação de transformadores de 24V para 230V e adaptação de colunas de som nas Pandur

Devido ao facto de as Pandur não possuírem pontos de alimentação elétrica a 230V e havendo necessidade dos mesmos, surgiu a necessidade de instalar transformadores de 24V para 230V. Esses transformadores foram instalados/adaptados de modo a permitir ligar uma tripla à saída do mesmo e desta forma permitir à guarnição das Pandur ter vários pontos onde ligar equipamentos a 230V.

Dispondo de um ponto de alimentação a 230V, instalaram-se colunas de som ligadas à ficha de áudio onde se interligam os rádios 525. Deste modo a guarnição da Pandur pode retirar o capacete CVC da cabeça, sair da Pandur e afastar-se ligeira-

mente da mesma continuando a ouvir todas as comunicações rádio.

e. Chamadas para Familiares e “Discos Pedidos”

Os familiares dos militares da força poderiam realizar uma chamada para um número fixo ou móvel Português que iria ser atendida na central da DCSI (em Lisboa) e seria reencaminhada para a central na Lituânia e desta para um dos telefones VoIP dedicados para o efeito, sendo o custo da chamada o de uma chamada para número fixo ou móvel Português.

Foi criada uma página na internet onde os militares da força poderiam fazer pedidos de conteúdos a ser descarregados e colocados numa pasta partilhada. Essa página também tinha uma lista atualizada dos conteúdos dessa pasta partilhada. Os conteúdos da pasta partilhada eram para lazer, de forma a melhorar o moral e bem-estar da força, otimizando a largura de banda de internet disponível.

5. Conclusões

A projeção de uma viatura Centro de Comunicações de Companhia (CCC) dotada de capacidade satélite foi uma mais-valia pois:

- Capacitou a Recce Coy de ligação satélite para Portugal em diferentes localizações, garantindo uma maior mobilidade à força e permitindo alterar a localização do posto de comando, sempre com ligação para Portugal.

- Concentrou todas as ligações para Portugal, todo o tráfego de informação e todos os sistemas de informação, garantindo maior autonomia, maior segurança das comunicações e maior segurança da informação.

- Dotou a Recce Coy de uma rede estruturada digital de voz sobre IP (VoIP) e todas as vantagens que isso permite, tanto na rapidez de instalação e desinstalação, como no encaminhamento de chamadas e integração com toda a rede telefónica militar e civil.

- Dotou a Recce Coy de emails de função fisicamente alojados nos servidores do CCC.

- Integrou a Recce Coy com a RDE e com a rede segura SecNet, garantindo a transmissão de mensagens de forma segura utilizando o MMHS2, telefone e videoconferência seguros.

Foi adequado dispor de 3 alternativas para ligação a Portugal, uma por VPN e duas por satélite (utilizando equipamentos diferentes), pois permitiram estabelecer comunicação para Portugal em diferentes cenários, com condições diferentes e com exigências de diferentes tempos de estabelecimento desta ligação.



Figura 2 – Meios CSI no terreno



MAJ INF
JOÃO PAIS

A PARTICIPAÇÃO DO 2BIMEC(R) NO EXERCÍCIO TRIDENT JUNCTURE 2015

O 2BIMEC(R) foi uma das forças portuguesas participantes no exercício Trident Juncture 2015 (TRJE15), exercício de alta visibilidade da NATO em 2015, considerado o marco mais relevante para as NATO *Connected Forces Initiative*¹ (CFI) e no qual Portugal, juntamente com Espanha e Itália, se constituiu como Host Nation (HN).

A participação nacional no TRJE15 obedeceu aos seguintes objetivos:



- Afirmar o papel de Portugal como parceiro responsável no quadro de segurança cooperativa, para a defesa permanente dos nossos valores e interesses fundamentais e como coprodutor internacional de segurança;

- Contribuir para melhorar a capacidade de prevenção e gestão de crises da NATO e assegurar uma maior capacidade de resposta rápida e de projeção de meios;

- Sedimentar a imagem externa de Portugal e, no âmbito do *NATO Industry Forum 15* (NIF) que decorreu em paralelo ao exercício, promover a internacionalização das empresas nacionais e criar um ambiente favorável à atração dos agentes económicos estrangeiros pelo mercado português.

No nosso país, o exercício desenrolou-se no espaço marítimo, aéreo e terrestre, com forças projetadas para as regiões de Beja, Ovar, Santa Margarida, Setúbal e Tróia. A componente terrestre do TRJE15 em Portugal foi assegurada por uma Brigada Multinacional, liderada pelo Canadá, com forças de 8 países.

O TRJE15, dirigido e controlado pelo *Allied Command Transformation* (ACT) foi dividido em duas fases, primeiro um *Command Post Exercise* (CPX) e numa segunda fase um *Live Exercise* (LIVEX). Neste artigo centraremos a nossa atenção na segunda fase, o LIVEX, dado que foi nesta fase que o 2BIMEC(R) participou ativamente.



A fase LIVEX do TRJE15 decorreu no período de 21OUT15 a 06NOV15, centrada no treino de nível tático das componentes da *NATO Response Force 2016* (NRF2016) e das forças adicionais atribuídas ao exercício. Com isto pretendeu-se demonstrar a capacidade da Aliança para treinar, projetar e operar em ambiente complexo, conjunto e distribuído.

A fase LIVEX também foi dividida em duas sub-fases:

1. *Serialized Field Training Program* (SFTP) – Este pro-

grama foi desenvolvido pelo Comando de Componente Terrestre em cooperação com as Brigadas e as suas unidades, com vista à melhoria da capacidade de combate das unidades e à integração da força, bem como outras atividades orientadas para a interoperabilidade.

2. *Combined Joint Offensive Operation* (CJOO) – Operação ofensiva realizada pela Brigada Multinacional culminando com um ataque deliberado.



O 2BIMEC(R) realizou a sua projeção para o Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) no dia 14 de Outubro, com vista à realização dos preparativos finais do exercício. Esta projeção implicou um movimento de 130 viaturas, das quais 58 viaturas blindadas de rodas (VBR) PANDUR II, e necessitou de 9 horas para ser executado.

Neste primeiro período compreendido entre o dia 14 e o dia 20 de outubro, além de ter realizado a sua projeção, o Batalhão conduziu uma série de outras atividades, nomeadamente: tiro com as suas armas coletivas, salientando-se o canhão 30mm da VBR PANDUR II IFV; e treinos de operações ofensivas de nível II (Companhia).

No dia 21 de outubro iniciou-se o período de SFTP com a transferência de autoridade, marcada por uma formatura de Brigada junto à igreja do CMSM, após a qual se realizaram uma série de atividades com o intuito de promover o intercâmbio entre os diversos militares presentes no exercício. Estas atividades tiveram o seu início com uma mostra do principal material de cada contingente, seguindo-se os eventos desportivos, futebol, hóquei em campo e Tug-of-war (tração à corda) promovendo a coesão dentro de cada uma das unidades pertencentes à Brigada Multinacional Canadiana. Neste dia foram iniciados os testes de comunicações entre o batalhão e o seu escalão superior.

A partir do dia 22 e até 28 de outubro foram realizados os treinos parcelares com vista à execução da CJOO. Tendo em linha de conta a operação e as tarefas que o batalhão ia realizar, iniciaram-se os treinos de marcha para o contacto, tendo para estes treinos sido reservados dois dias, iniciando-se primeiro a nível companhia e no segundo dia batalhão. Nestes treinos foi possível ainda contar com uma força opositora, constituída por mi-



litares pertencentes ao 1BIMec(Lag)/BrigMec e ERec/RC6/BrigInt, que materializaram a ameaça no TRJE15, transmitindo um maior realismo ao mesmo.



No dia 25 de outubro realizou-se o treino para a operação de transposição do rio Tejo, tendo sido utilizados para o efeito meios orgânicos da Companhia de Pontes do Regimento de Engenharia N.º1, nomeadamente as pontes “Ribbon” com as embarcações “Schottel”. Foram ainda utilizados meios pertencentes ao *Armoured Engineer Battalion 130 (GER)*, dos quais se destaca a *M3 Amphibious Rig*.

O dia 26 foi destinado aos fogos reais do 2BIMec(R), na carreira de tiro A7/CMSM, possibilitado a execução de tiro de todas as armas coletivas do Batalhão, realçando-se os Morteiros Pesados Tampella 120mm M/90, SL M Milan, LAW LGF 60mm, canhão 30mm da VBR IFV PANDUR II e MP Browning 12,7mm.



Os dias 27 e 28 foram dias dedicados a treinos com vista à realização do assalto. Nestes dias foi possível contar com a presença de uma equipa de *Joint Terminal Attack Controller (JTAC)* Canadiana. Esta equipa direciona a ação dos aviões de combate envolvidos no apoio aéreo próximo e outras operações aéreas ofensivas. Este treino foi extremamente útil porque permitiu uma integração destes elementos nas companhias, possibilitando uma interação com os respetivos Comandantes. No primeiro dia foi possível contar com a presença de duas pares de F-16 em missões de apoio aéreo próximo. No segundo dia além do treino do assalto, a 1ª Companhia de Atiradores realizou um treino de descontaminação de pessoal e ma-

terial com a Companhia de Defesa Química, Nuclear e Biológica proveniente da Polónia. Simultaneamente a 3ª Companhia de Atiradores realizou um treino de embarque e desembarque na aeronave C-160 “Transall” da Força Aérea Alemã.



No último dia do SFTP realizou-se um treino da Brigada no qual foram realizadas todas as tarefas críticas da operação ofensiva.

Findo o período de treino iniciou-se a Operação Ofensiva, operação que decorreu entre o dia 31 de outubro e o dia 05 de novembro. No primeiro dia, a Brigada Multinacional Canadiana movimentou os meios que estavam estacionados no CMSM para a região de Tancos. Este movimento tático teve uma duração de 4 horas e contou com o auxílio do Grupo de Polícia do Exército (Regimento de Lanceiros n.º 2) e da Guarda Nacional Republicana, com vista à regulação do trânsito, uma vez que a quantidade de viaturas a circular na via pública poderia causar maiores dificuldades à normal circulação de viaturas na mesma.



Para possibilitar o ataque deliberado a Brigada teria de efetuar a travessia do Rio Tejo e de acordo com o planeamento realizado esta tarefa era executada em cinco locais distintos de passagem e em todos eles de modo diferente: utilizando os meios de engenharia portugueses, os meios de engenharia alemã, os meios anfíbios italianos (AAV-7), utilizando botes de assalto e através da ponte rodoviária da Chamusca. Assim que as unidades da Brigada consumaram a travessia progrediram ao longo de dois eixos de aproximação, até próximo do objetivo.

O 2BIMec(R) materializava a operação decisiva da Brigada e para tal, após uma marcha para o contacto fora do CMSM, ocupou uma zona de reunião e no dia seguinte lançou o assalto ao objetivo para destruição do inimigo que ocupava a região. Após a conquista e subsequente consolidação e reorganização da força, foi dado como concluído o exercício e a Brigada rumou ao CMSM para dar início ao processo de After Action Review e limpeza e manutenção de materiais e equipamentos.

Durante este período o 2BIMec(R)/NRF2016 recebeu visitas das mais altas entidades militares nacionais e internacionais (NATO), que estiveram presentes na área de operações terrestre do TRJE2015. Este exercício, pela alta visibilidade que assumiu, teve vários momentos de visitas e receções de altas entidades.

Uma dessas datas, o *Distinguished Visitors Day* de 04 de novembro, ocorreu em Portugal e foi organizado pela Marinha Portuguesa, tendo estado presentes, entre outras individualidades nacionais e estrangeiras, políticas e militares, o Presidente da República Portuguesa Prof Dr Aníbal Cavaco Silva, o General CEMGFA Gen Pina Monteiro e o Secretário-Geral da NATO, Jens Stoltenberg. Não podemos ainda deixar de dar destaque às ilustres visitas que o 2BIMec(R) recebeu:

- General Carlos Jerónimo (Chefe do Estado-maior do Exército Português);



- General Hans-Lothar Dörmose (GER) (Comandante do *Allied Joint Force Command Brunssum*, na Holanda);



- TGen John Nicholson (USA) (Comandante do *Allied Land Command* - Izmir, na Turquia) acompanhado pelo Exmo TGen António Menezes (Comandante das Forças Terrestres Portuguesas);

- TGen Rafael Comas (ESP) (Comandante do NATO Rapid Deployable Corps - Valência, Espanha);



Para além destas visitas, o 2BIMec(R) recebeu por mais do que uma ocasião a visita do MGen Aguiar Santos (Cmdt BrigInt) e do Cor Saint-Louis (Comandante da Brigada Multinacional Canadiana), os Comandantes hierárquico e operacional do Batalhão no TRJE15, sinais da grande proximidade e elevado apreço para com a sua Unidade;

O 2BIMec(R) regressou aos quartéis dos Viriatos (Viseu) e dos Infantes do Marão (Vila Real) no dia 08 de novembro, ao fim de 27 intensos dias projetado em Santa Margarida, tendo instalado no Quartel da Cavalaria a sua Base Operacional Avançada, de onde partiu para realizar todas as tarefas de cariz operacional que lhe foram determinadas.

Este exercício além de ter sido o culminar da fase de aprontamento do 2BIMec(R)/NRF2016, traduziu-se num manancial de conhecimentos que certamente vai acompanhar a força durante as fases que se seguem. Este proveito foi possível não só pelo contacto com os diferentes equipamentos, mas sobretudo pela troca de conhecimentos entre militares de diferentes países e culturas, que muito engrandece a formação de todos os militares presentes neste exercício.

1 A Connected Forces Initiative (CFI) tem por objetivo reforçar o elevado nível de interligação e interoperabilidade que as forças aliadas têm alcançado nas operações e com os parceiros. CFI combina um programa abrangente de educação, formação, exercício e avaliação com o uso de tecnologia de ponta para garantir que as forças aliadas continuem a estar preparadas para se envolver de forma cooperativa no futuro.

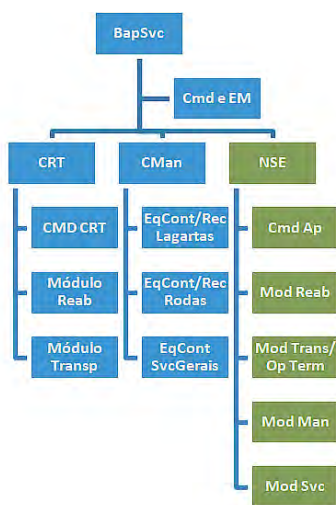
2 O AAV-7 (Amphibious Assault Vehicle) é um veículo de assalto anfíbio de fabrico norte-americano que pode navegar e mover-se em terra. A tripulação é constituída por três elementos: o condutor, o chefe de viatura e o apontador, pode transportar um efetivo até pelotão de 21 militares, para além do comandante. Tem uma torre equipada com lança de granadas automático de 40mm e metralhadora pesada calibre 12,7 mm. O AAV-7 é caracterizado pela alta mobilidade, elevada autonomia e possibilidade de utilizar todos os combustíveis normalmente utilizados em veículos militares.



TENTM
JORGE ROÇAS

No período entre 3 de outubro e 6 de novembro de 2015 teve lugar o exercício internacional Trident Juncture 15 (TRJE15), o qual, decorreu, na sua fase *Live Exercise (LIVEX)* nas regiões de Santa Margarida, Beja e Pinheiro da Cruz, sendo precedida pelo *Command Post Exercise (CPX)*.

O *National Support Element (NSE)/NRF2016*, presente no R119 participou na fase LIVEX como reforço efetivo do Batalhão de Apoio de Serviços (BAPSvc) da Brigada Mecanizada (BrigMec), constituindo-se assim, como mais uma das suas subunidades operacionais, potenciando as suas capacidades de apoio logístico as unidades da Brigada referida.



Face a esta realidade o NSE não sentiu a necessidade de projetar para a área do exercício o Módulo de Transmissões, bem como, as Equipas de Reabastecimento/Alimentação, Panificação e Assuntos Mortuários. De referir que, por determinação do escalão superior, a equipa de Rear Link foi colocada de reforço ao 2BIMec(R)/NRF2016.

A colocação do NSE como reforço do BAPSvc/BrigMec criou alguns constrangimentos em termos de ação de comando, já que, todas as decisões decorrentes da sua atividade diária careciam sempre de aprovação do comando da referida unidade. Esta modalidade de ação contraria o emprego do NSE como principal elemento independente, no apoio logístico às forças nacionais que integram a NRF2016, sendo esta, a principal causa para a sua existência.



Assim, podemos identificar como principais lições identificadas as seguintes ocorrências demonstrativas da forma como o emprego do NSE foi conduzido:

- O Módulo de Reabastecimento foi cedido de reforço à Companhia de Reabastecimento e Transportes (CRT/BAPSvc/BrigMec), foi empregue essencialmente nas operações de reabastecimento da Classe III G (Combustíveis a

granel), não permitindo assim exercitar as suas outras competências;

- O Módulo de Transportes e Operações de Terminal foi uma peça fulcral no apoio logístico, conduzindo sempre com elevada prontidão e rapidez as missões que lhe foram solicitadas, no apoio ao BAPSvc/BrigMec. Porém, dado o tipo de exercício e as forças em presença, constatou-se da existência de sobreposição das missões no âmbito do NSE e/ou Regimento de Transportes (RTransp);



- O Módulo de Manutenção neste exercício viu a sua tipologia de missão alterada em relação a exercícios anteriores. Além das responsabilidades de manutenção e reabastecimento da classe IX, inerentes à sua missão primária, foi-lhe acrescida a missão de reforço de manutenção à Companhia de Manutenção (CMan/BAPSvc/BrigMec). Esta ligação permitiu uma troca de experiências e conhecimentos entre os militares. De realçar que a dificuldade e sobretudo a morosidade na aquisição de artigos da classe IX, em parte devido a uma elevada diversidade de tipologia de viaturas e à longevidade das mesmas.

- Um dos módulos mais solicitados foi o Módulo de Serviços, com os serviços das Equipas de Lavandaria, Banhos e Latrinas. No entanto, o Serviço de Lavandaria foi insuficiente para o efetivo da força a apoiar, obrigando a um reforço de atrelados de lavandaria e a alargar o período de funcionamento aconselhado pelos manuais técnicos, para deste modo satisfazer todas as solicitações, acrescentado assim um elevado desgaste aos operadores e equipamentos.



A participação do NSE no exercício internacional Trident Juncture 15 (TRJE15) pode ser considerada como uma mais-valia para a valorização profissional dos seus militares. A constituição modular do NSE, permitiu otimizar os excelentes resultados atingidos pelo BAPSvc/BrigMec, garantindo assim, um apoio logístico real às Forças na Brigada. Durante o exercício foi possível responder com oportunidade e eficácia ao aumento crescente de apoios, onde a resposta dos militares foi notória, adaptando-se às alterações que iam surgindo de uma forma singular.



TCOR INF

PEDRO BARREIRO

Os comandantes do 2BIMec(R) NRF2016 e da BAAA, participaram na sessão de treino *UNIFIED REFLECTION 2015*, com vista à sua integração no Exercício TRIDENT JUNCTURE 2015, em Controlo Operacional (OPCON) da 5.^a *Canadian Mechanized Brigade Group (5CMBG)*. O exercício decorreu na cidade do Québec, no Canadá, entre os dias 29 de setembro e 02 de outubro e teve ainda a participação dos comandantes do 1ECC/GCC da BrigMec e das Companhias de Pontes e de Defesa NBQ-R, do RE1, Unidades da Componente Operacional do Sistema de Forças, que também participaram no TRJE, integradas na Brigada Multinacional Canadiana.



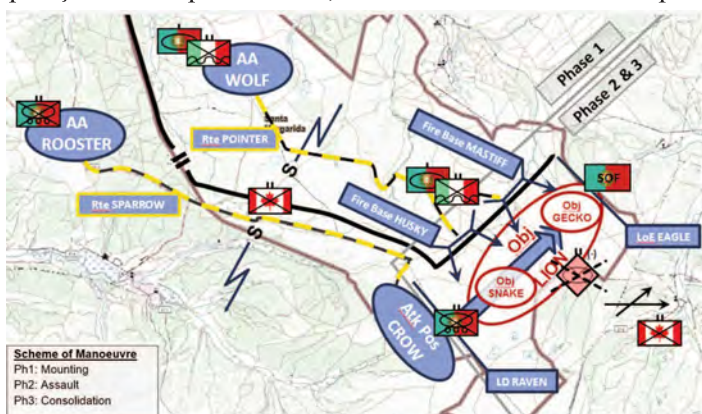
Esta jornada, de iniciativa do Coronel Michel-Henri Saint-Louis, comandante da 5CMBG, contou ainda com a presença dos comandantes do Batalhão Lagunari (anfíbio) italiano e da Companhia de Pontes alemã. Na audiência, para além do Estado-maior estavam ainda os comandantes das unidades orgânicas equiparadas da 5CMBG, que acompanharam os comandantes estrangeiros. As sessões de treino e discussões realizaram-se na Base Militar de Valcartier, onde estão aquarteladas as Unidades da 5CMBG.



Com o objetivo de sincronizar conhecimento, partilhar experiências e referências doutrinárias, procurando contribuir para o estabelecimento de um elevado nível de confiança, esta sessão visou ainda

“...pôr vários países da NATO na execução de uma operação multinacional com tarefas complexas, a utilizar os mesmos termos com o mesmo significado!” – segundo palavras do Cmdt, criando as condições para planear a *Combined Joint Offensive Operation (CJOO)*, no que diz respeito às tarefas críticas a executar, constantes da respetiva Ordem de Operações “Allied Resolve”: transposição de cursos de água e ataque deliberado.

O exercício decorreu num ambiente de extraordinária cooperação e interoperabilidade, onde todos os executantes e pla-



neadores partilharam doutrinas, táticas, técnicas e procedimentos, aquém e além da operação em planeamento e com inexcedível apoio da célula geoespacial da 5CMBG. Desta forma, aproximaram-se Unidades e Comandantes criando as condições para um exercício TRIDENT JUNCTURE 2015 com elevada proximidade entre comandos e comandados, demonstrando elevada coesão e determinação entre as diversas Unidades presentes em território nacional.



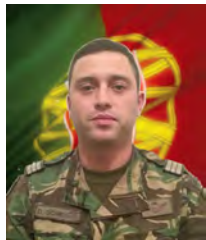
A forma afável e empenhada como os camaradas canadianos receberam os participantes estrangeiros, permitiu que as delegações estrangeiras ficassem alojadas no forte da Cidade-la do Québec, ao lado do Museu Militar do “Royal 22.^{ème} Régiment”. Esta edificação é um ex-libris do património histórico-militar da província do Québec, de inequívoco estilo “Vauban”, construído em diversas fases por franceses e ingleses ao longo dos períodos em que ambos dominaram aquela região. Por iniciativa do Coronel Michel Saint-Louis, Cmdt de 5CMBG houve ainda oportunidade para uma visita às Unidades operacionais da Brigada, aquarteladas na Base de Valcartier, onde foi possível tomar contacto com os principais equipamentos e organização (Snipers ao nível Batalhão, morteiros na Artilharia, entre outras particularidades) daquelas Unidades de uma Brigada Mecanizada, de que se destacam a nova *Light Armoured Vehicle - LAV 6.0 8x8*, o obus M777, o mini-UAV Raven e diversos equipamentos de engenharia, como o Buffa-lo.

No final desta sessão, o Comandante do 2BIMec(R) fez a entrega de um cresto do Batalhão ao Cor Saint-Louis, deixando assim uma pegada lusitana na Base Militar de Valcartier, para memória futura da realização de uma excelente sessão de treino multinacional entre países membros da Aliança Atlântica.



Ficará também para sempre connosco o mote desta Brigada Canadiana:

“ALLONS-Y!”



CAP INF

DANIEL GOMES

No âmbito do aprontamento nacional do 2BIMec(R)/NRF2016, o Exercício CAMÕES 15 realizou-se entre 25 de junho e 10 de julho na Escola das Armas (EA), em Mafra. Integrado no plano de treino operacional de 2015, este *Field Training Exercise (FTX)* teve como audiência principal de treino as três Companhias de Atiradores Mecanizadas de Rodas [CATmec (R)], que se fizeram projetar em três períodos distintos (06 dias por cada Subunidade), de forma a garantirem a sobreposição entre si e a utilização distinta dos meios e locais de treino existentes no Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas (CECAE).

Este FTX, centrado exclusivamente no Combate em Áreas Edificadas (CAE), teve como objetivos principais de treino:

- A validação da técnica individual de combate;
- A validação das Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) de Secção de Atiradores (SecAt);
- O treino de TTP de Pelotão de Atiradores (PelAt);
- A Integração Funcional das VBR PANDUR II;
- A validação das TTP de PelAt através de um Situational Training Exercise (STX);

- Aprimorar técnicas de Tiro de Combate;
- Lançamento de granadas;
- Incrementar o espírito de sacrifício e robustez física.

Após a ocupação das “antigas” instalações do paiol da EA, onde foi estabelecida uma Forward Operating Base (FOB) de escalão Companhia, as forças iniciaram o cumprimento da matriz de treino proposta, rentabilizando da melhor forma a relação tempo/instalações disponíveis.

A primeira atividade realizada no primeiro período noturno, após a ocupação da FOB, foi uma prova topográfica na Tapa-da Militar, realizada por pares, proporcionando a todos os militares o incremento das técnicas de navegação em período de visibilidade reduzida, bem como a consequente robustez física e anímica.

Os objetivos relacionados com a Técnica Individual de Combate e de TTP da SecAt passaram por um processo de validação, tendo em conta que o treino de CAE já tinha sido iniciado nas Unidades de origem, procurando dirimir algumas lacunas anteriormente referenciadas e tendo para isso melhores instalações, como são exemplo as existentes na “Aldeia de Camões”.



No que concerne aos Objetivos de escalão Pelotão, o treino das TTP incidiram numa intensificação e versatilidade nas ações, devido à disponibilidade de instalações multidimensionais e os ambientes experimentados, como por exemplo o assalto em ambiente noturno (com a utilização dos aparelhos de visão noturna).

No processo de validação foi criado um STX, cujo ambiente operacional era idêntico a todos os FTX realizados até aquela data no programa de treino do 2ºBIMec(R)/NRF16. Este STX “provocou” um processo de planeamento/preparação, onde os comandantes, aos mais baixos escalões, foram avaliados e orientados pela execução de uma situação tática transversal a todas as subunidades, garantindo assim a coerência avaliativa e a aprendizagem objetiva de todos os envolvidos.

Durante todo este processo de treino de TTP, os militares executaram várias sessões de Tiro de Combate Reativo/Dinâmico nas carreiras de tiro disponíveis e nas Salas de Simulação de Tiro recentemente criadas na EA.

Estas sessões de Tiro de Combate tinham como objetivo a integração das técnicas anteriormente aprendidas com o CAE, podendo ser divididas em quatro fases distintas:

- Tiro Equipa Dinâmico em CT, com a conjugação das posições modificadas/combinadas e a limpeza de compartimento.

Nesta sessão o objetivo era a integração de todos os elementos treinados nas sessões anteriores com o elemento equipa, proporcionado uma aproximação do combate real, experimentando o “stress” e aperfeiçoando a comunicação verbal necessária para eliminar a ameaça, garantindo momentaneamente a segurança/proteção da força.

No capítulo do armamento e tiro, foi executada uma sessão de lançamento de granadas de mão ofensivas/defensivas, permitindo aos militares o treino eficaz do ato de lançamento em combate e a consciencialização dos efeitos e capacidades destrutivas destes artifícios de fogo num ambiente operacional como as AE.

A integração de todas estas atividades de treino operacional, aliada aos espaços versáteis e ímpares que a Tapada Militar de Mafra e o Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas proporcionam às forças de manobra envolvidas o cumprimento cabal dos objetivos propostos.



- Tiro Individual Reativo, em sala de simulação de tiro, onde o militar (em posição estacionária ou em movimento) melhorava as suas posições básicas e a memorização muscular;
- Tiro Individual Reativo, em Carreira de Tiro (CT) com posições modificadas/combinadas, onde o militar progredia ao longo de uma estrutura que simulava as várias características de uma AE, efetuando o tiro para uma linha de alvos, tendo para isso as “seteiras” ou “brechas” existentes nessa estrutura;
- Tiro Individual Reativo, em CT na limpeza de um compartimento.

A consciência atual que os conflitos se desenvolvem nos grandes centros urbanos e as particularidades que exigem o uso de TTP adaptados a este meio operacional, exponenciam a importância e a necessidade deste tipo de exercícios, aos quais o 2ºBIMec(R)/NRF2016 não está alheado.

Desta forma, garante-se um plano de treino operacional completo, versátil e o mais atual possível, podendo estar cada vez mais seguros que em qualquer teatro de operações e face a qualquer ameaça possamos dizer: “ESTAMOS PRONTOS”



TEN INF
FILIPE PINA

Decorreu de 05 a 09 novembro de 2015, no *Supreme Headquarters Allied Powers Europe (SHAPE)* em Mons (Bélgica) uma ação de planeamento no âmbito logístico e projeção de forças inserido na tipologia de exercícios *STEADFAST*.

Os exercícios *STEADFAST FOUNT* acontecem com periodicidade anual e têm como audiência de treino as forças disponibilizadas para integrar as *NATO Response Force (NRF)* em aprontamento.

Os exercícios têm por base o sistema *Logistics Functional Area Service (LOGFAS)* e são orientados para o planeamento de projeção de forças. Acontecem habitualmente na Escola da NATO em Izmir, na TURQUIA. Em 2015, porém, o *STEADFAST FOUNT 15 (STFT15)* ocorreu de forma diferente.



Tendo como pressupostos a atual situação na Europa de Leste e partindo da Ordem Preparatória do “Supreme Allied Command in Europe” (*SACEUR*), o que até então era um planeamento em cenário fictício e cujo produto era meramente o resultado de um exercício, no *STFT15* projetou-se, com dados reais, o *Detailed Deployment Plan (DDP)* de todas as forças *NRF* para essa região.



Tratando-se de um planeamento real de projeção, diferente do que se tem vindo a fazer, houve a necessidade de aumentar o grau de classificação e, consequentemente, a localização do local de trabalho. Assim, dada a sensibilidade da matéria, as reuniões de trabalho e o planeamento ocorreram com classificação *NATO SECRET* e em áreas reservadas do *SHAPE*.

Estiveram presentes no *STFT15* todos os países aliados representados com membros do respetivo *Joint Staff Logistics*. Portugal fez-se representar por dois militares sendo um elemento

do *2BIMec(R)/NRF2016* e outro do Comando da Brigada de Intervenção. Apesar de nem todos os países aliados oferecerem forças para a *VJTF/NRF2016*, colaboraram no planeamento, com contributos logísticos, pois apesar de não contribuírem com forças, terão de disponibilizar infraestruturas ou permissões para movimentos no seu território nacional.

O objetivo final do *STFT15* foi criar um *DDP* para a *NRF2016* tendo como destino final as localizações planeadas pelo *J3/SHAPE*.

Portugal contribui para a *NRF2016* com um Batalhão de Infantaria [*2BIMec(R)*], uma esquadra de *F16* (6 aeronaves) e uma fragata. Outra fragata constituir-se-á como *Initial Follow-on Forces Group (IFFG)*, ou seja, Grupo de Força Inicial de Reforço que se constituirá como força imediata de entrada após a *VJTF*. Cada uma destas forças, a partir de 01JAN15, entrará num período de “Stand-By” com um prazo de intervenção pré-definido, também este trabalhado no decorrer do *STFT15*.

No decorrer do planeamento, para além de ter sido inseridas as bases de dados de todo o material, pessoal e equipamento das forças da *NRF2016*, foram ainda previstos os meios de projeção (assets), os *Ports of Embarkation (POD)* aéreos ou marítimos, as zonas de reunião e as localizações finais.

O *STFT15* envolveu vários seminários no âmbito logístico, para além do trabalho em *LOGFAS*. Destas reuniões saíram contributos e diretivas importantes ao nível Forças Armadas para o planeamento logístico.

Sendo que desde a Guerra Fria não acontecia nenhum planeamento conjunto de operações com esta dimensão, surgiram vários pontos e assimetrias nacionais que só serão colmatados pelos respetivos Comandos de Componente NATO que terão como tarefa regular e normalizar procedimentos e dados técnicos de projeção.



O contributo das várias nações está atualmente a ser compilado pelos Comandos de Componente de onde resultará o *DDP* final. Este plano será enviado para os respetivos comandos nacionais e constituir-se-á como o documento que suportará toda a eventual projeção das forças para a *NRF2016*.



TCOR INF

ANTONIO CARDOSO

1. Enquadramento

O Exercício TRIDENT JUNCTURE 15 contemplou uma fase de *Command Post Exercise (CPX)*, que decorreu em diversos países da NATO, no período de 03 a 16Out15, no qual o *Allied Joint Force Command Brunssum (JFCBS)*, se assumiu como um *Joint Task Force Head-Quarter (JTF HQ)* projetável, tendo como comandos subordinados os Comandos de Componente da NRF 2016.

O NATO *Rapid Deployable Corps* de Espanha (NRDC-ESP), como *Land Component Command (LCC)* e para efeitos da execução do CPX, contou na sua dependência com Unidades de Escalão Divisão e ainda as Tropas de Corpo.



MNDiv RC			
LCC / DIV RC	RC LAND CHIEF	OF-4	
LCC / DIV RC	RC LAND COS	OF-4	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND BATTLE CAPT	OF-2	
LCC / DIV RC	RC LAND BATTLE CAPT	OF-2	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND G1 OF 1	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G1 OF 2 MEDEVAC	OF-3/2	
LCC / DIV RC	RC LAND G2 OF 1	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G2 OF 2	OF-2	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND G2 JISR IRM&CM / COM	OR-8	
LCC / DIV RC	RC LAND G2 JISR ANALYST	OR-8	
LCC / DIV RC	RC LAND G3 OIC / OPS OF 1	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G3 OPS OF 2	OF-3	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND G3 OPS OF-3	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G3 OPS ASSISTANT	OR-9	
LCC / DIV RC	RC LAND G3 FSO OF	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G3 FSO OF (2)	OF-2	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND G3 ENG OF	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND PROTECTION OFFICER	OF-3	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND G3 AD OF	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND AIR AND AVN OF 1	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G3 PSYOPS 1	OF-2	
LCC / DIV RC	RC LAND CIMIC OF 1	OF-3/2	
LCC / DIV RC	RC LAND CIMIC (2)	OF-3/2	
LCC / DIV RC	RC LAND G4 LOG OF 1	OF-3	PRT
LCC / DIV RC	RC LAND G4 LOG OF 2	OF-3	
LCC / DIV RC	RC LAND G4 LOG OF 3	OF-3	
Total		26	
San Gregorio (Zaragoza) – LCC HQ			
LCC / DIV RC	RC LAND LIAISON OFFICER (LO) 1 OF-3		
LCC / DIV RC	RC LAND LO 2	OF-3	PRT

Figura 1 – Estruturas do Exercício

No processo de planeamento do exercício, foi decidido que haveria duas Divisões materializadas por Células de Resposta na dependência do NRDC- ESP, sendo uma a *28ª DivInfMec (USA)* e a outra de âmbito multinacional, a *Multinacional Division Response Cell (MNDiv RC)*, a ser constituída por Espanha e Portugal com um efetivo total de 26 OF/SARG, acrescidos de *02 Liaison Officers (LO)*, tendo Portugal contribuído com 8 Oficiais do Exército. A Brigada de Intervenção contribuiu para esta Célula de Resposta, indigitando o Comandante do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada de Rodas (1BIMec(R)) para prover as funções de *Chief Of Staff (COS)* da MNDivRC.

2. Planeamento inicial junto do LCC/NRDC-ESP

O COS da MNDiv RC, em conjunto com dois oficiais do Exército de Espanha, constituíram-se na fase inicial como Oficiais de Ligação da MNDivRC, para efeitos de acompanhamento do processo de planeamento do *Land Operations Planning Group (LOPG)* do LCC em VALÈNCIA/ESPANHA, colaborando no âmbito do Planeamento (fases 1, 2 e 3 do *Operational Planning Process - OPP*), que decorreu no período de 16 a 27Fev15, com a finalidade de prestar apoio ao LOPG e simultaneamente obterem os elementos necessários ao posterior planeamento.

Nesta Fase, a MNDivRC recebeu orientações do LCC, relativamente à continuação da execução do respetivo processo de planeamento e documentação necessária para posterior execução do CPX. Nesse momento, chegou-se à conclusão que iria ser necessário reunir os elementos da MNDivRC em dois períodos distintos, de forma a efetuar-se o planeamento necessário a concretizar, essencialmente pela Análise da Missão e Brifingue da Decisão/Elaboração da Ordem de Operações. Daqui decorreram as coordenações para a realização dos Exercícios FENIX I e II, que vieram a realizar-se no Quartel-General das Forças Pesadas, em BURGOS/ESPANHA.

3. Exercícios FENIX I / FENIX II

Na sequência de sancionamento superior, foi possível a participação de 05 oficiais do Exército Português no Exercício FENIX I (11 a 15Mai15), tendo aí decorrido trabalhos que culminaram no Brifingue da Análise da Missão e mais tarde no Exercício FENIX II (31Ago15 a 04Set15), no qual participaram 08 oficiais Exército Português, dando-se continuidade ao planeamento de forma a apresentar-se o Brifingue da Decisão e elaborar a Ordem de Operações, a qual foi de imediato expedida para o LCC (NRDC-ESP).

A participação de todos os Quadros que constituíam a MNDivRC nos trabalhos que decorreram no conjunto destes dois exercícios, incluindo os Oficiais de Ligação (OfLig), facilitaram a integração de todos, oficiais e sargentos espanhóis e oficiais portugueses, permitindo o conhecimento do considerável volume de informação inerente ao exercício/operação, bem como elaborar a documentação solicitada pelo escalão superior e organizar convenientemente a Célula de Resposta. Isto foi



Neste período, a MNDivRC articulou-se nas diversas células funcionais como previsto na fase de planejamento (figura 2), funcionando de acordo com um *battle rhythm* próprio, que segundo orientações superiores teve um funcionamento em pleno das 08:00 horas às 20:00 horas, mantendo no período noturno a permanência de apenas um oficial.

Para a execução das atividades foi extremamente importante a organização dos diversos boards supervisionados e coordenados pelos elementos destacados pelo NRDC-ESP no seio do EXCON, elementos estes que coordenaram todas as células de resposta do LCC que operaram no JWC (células de resposta das 02 Divisões e das Tropas de Corpo – num total de cerca de 80 militares).

Considera-se que a participação e colaboração nos trabalhos realizados no *TRJE15 MEL/MIL SCRIPTING AND STAR-*

The organizational chart for the Joint Task Force (JTF) HQ is structured as follows:

- JTF HQ (PDR) JFCBS**
 - Land RC
 - CANTFRC
 - Mar RC
 - Air RC
 - SOF RC
 - JLOG RC
 - JCBRN RC
 - JOPCOM RC
- JTF HQ (ESP) JFCBS**
 - CIMIC TF** (ITA/MRCD)
 - SOTG x 6
 - CIMIC RC
 - CBRN JAT** (POL/CDR)
 - CBRN Bn (POL/CDR)
 - CHOPCOM TF** (POL/CDR)

Support units and other entities include:

- TA** (Task Area)
- SHAPE** (Shaping and Planning Element)
 - CCOMC
- HICON EXCIC** (High-Intensity Operations and Coordination Center)
- EXDIR** (Exercise Directorate)
- DIR EVAL** (Directorate of Evaluation)
- SHAPE J7 EVAL** (Shaping and Planning Element Joint Staff Evaluation)
- EXCEN** (Exercise Center)
 - SITCEN** (Situation Center)
 - CTRL+GIS+CAX+RLS
 - MEL/MIL** (Mission Evaluation and Mission)
 - Core+Intel+TGT Coll
 - CICC** (Command and Control Center)
 - SCENARIO** (Scenario Development)
 - MEDIA Sim** (Media Simulation)
 - WHITE CELL** (White Cell Operations)
 - 10/NGO, NNE, HNS (POL+MIL)
 - OPFOR** (Opposing Force)
 - SPN/JAPCC
- JX15 EXCON + TACTICAL RC CANADA** (Joint Exercise 15 and Tactical Response Center Canada)
- JX15 EXCON FWD CO** (Joint Exercise 15 Forward Company)
- LOCON** (Location Center)
- TTs (deployed at TA locations)** (Task Teams)
- EXCON** (Exercise Control)

TEX foi muito positiva, pelo conhecimento adquirido e preparação para o CPX, mas também pela excelente experiência de assistir e tomar parte num MEL/MIL Scripting muito completo e de elevado nível, realizado no JWC e fazendo uso de ferramentas informáticas, de onde se realça o JEMM.

Esta fase decorreu no JWC, tendo sido dividida em dois períodos: respetivamente de preparação e condução do CPX/CAX.

O treino realizado no âmbito das células de reposta do LOCON incidiu essencialmente em dois níveis: Treino dos Chefes de célula; Treino individual dos restantes elementos.

O CPX/CXC propriamente dito, decorreu de 03 a 16Out15, no qual foram “jogados” dois ciclos completos do *battle rhythm* do LCC, ambos com a duração de 7 dias.

Com balanço final desta experiência, realça-se a participação e colaboração nos trabalhos de planeamento do LOPG constituído no LCC, pelo facto do conhecimento adquirido do cenário e do planeamento da operação em desenvolvimento ao nível dos escalões superiores materializados pelo JFCBS e pelo NRDC-ESP, mas essencialmente pela experiência riquíssima de assistir e tomar parte num planeamento operacional muito completo e de elevado nível, no seio de um Comando Tático da NATO.

Por outro lado a participação na célula de resposta da MNDiv, nas diversas atividades e exercícios de preparação e execução do CPX/CAX, permitiu o aprofundamento de conhecimentos, constituindo-se numa oportunidade de se preparar e capacitar Quadros para integrarem estruturas de Estado-Maior de nível Divisão, além da subsequente ligação a escalões mais elevados como o LCC e ainda o conhecimento e interação com outras estruturas materializadas no exercício.

Em suma, esta foi uma excelente oportunidade de treino e experiência operacional no quadro de um importante exercício da NATO.



A FORMAÇÃO NAS UNIDADES DA BRIGINT



MAJ ART
RICARDO COSTA

1. Enquadramento

De acordo com a “Norma – Procedimentos no Âmbito da Formação” aprovada em 03 de julho de 2015, a formação militar assume-se, inequivocamente, como uma área nobre no contexto das atividades desenvolvidas pelo Exército e engloba as atividades relacionadas com o desenvolvimento ou o aperfeiçoamento dos conhecimentos e competências dos militares e civis do Exército tendo em vista os seus cargos ou funções.

Assim, a estrutura que apoia o Sistema de Formação no Exército assenta em 3 níveis de responsabilidade e execução, conforme definido no Manual Didático (MD) 240-02, nomeadamente:

- Nível 1: Direção de Formação do Comando de Pessoal.
- Nível 2: Unidades Formadoras (UF), nomeadamente a Escola das Armas (EA), a Escola dos Serviços (ES) e a Escola de Sargentos do Exército (ESE).
- Nível 3: Polos de Formação (PF), permanentes e não permanentes.

Relativamente aos Polos de Formação refere-se que a sua subdivisão é feita de acordo com a seguinte caracterização:

- Permanentes: organizam e ministram ações de formação na sua área de especialidade. Esta atribuição exige capacidade instalada, materializada na existência de uma estrutura com pessoal qualificado, a nível da coordenação (seção de formação, diretor de curso) e ao nível da execução (formadores), capazes de responder no domínio da formação às UF de que dependem no âmbito técnico (MD 240-02, Cap 1-6).
- Não permanentes: organizam e ministram ações de formação na sua área de especialidade, numa base temporária. Correspondem a uma qualquer U/E/O da estrutura do Exército que num período delimitado de tempo integra o SFE facultando meios humanos (formadores, coordenadores), materiais (equipamentos, armamento, viaturas ou outros) e instalações para a realização de ações de formação.



Tendo em consideração o referido anteriormente, todas as Unidades da BrigInt são Polos de Formação Permanentes ou Não Permanentes nas respetivas áreas de especialidade, constituindo assim esta atividade uma das principais tarefas que têm a seu cargo.

2. Formação ministrada na BrigInt

Como referido, a formação é uma das principais atividades que as Unidades da BrigInt desenvolvem, sendo enquadrada pelo Plano de Formação Contínuo, que se destina a discriminar as atividades de formação no âmbito dos cursos de qualificação, especialização e atualização a ministrar no Exército. A título de exemplo apresentam-se de seguida as principais formações ministradas no Regimentos da Brigada de Intervenção:

RI13:

- Chefe de Viatura VBR PANDUR II 8X8 versão ICV
- Condutor VBR PANDUR II 8X8
- Chefe de Viatura VBR PANDUR II 8x8 versão IFV
- Apontador VBR PANDUR II 8X8 versão IFV

RI14:

- GPS AN/PSN-13 E AN/PSN-13A Level Operation & Organizational Maintenance para VBR PANDUR II (8x8)



RC6:

- Condutor de AM V-150 S
- Condutor VBL Chaimite V200
- Apontador de AM V-150 S
- Operador VBR PANDUR II 8x8 versão VCB
- Apontador VBR PANDUR II 8X8 versão RWS





RA5:

- Meteorologia
- Sistema Automático de Comando e Controlo – AFATDS
- Sistema Automático de Comando e Controlo – FOS
- Sistema Automático de Comando e Controlo – BCS
- Curso Radar Localização de Alvos Móveis (RLAM)



RAAA1:

- Curso Missil Ligeiro Chaparral
- Missil Ligeiro Chaparra
- Missil Portátil StingerZ
- Operador e Manutenção de Alvos Aéreos
- Radares de Artilharia Antiaérea



RE3:

- Operador de Equipamento Pesado de Engenharia
- Operador de Equipamento Pesado de Engenharia
- Mecânico Equipamento Pesado de Engenharia
- Formação Modular de Serralheiro/a civil (Parceria IEFPP)
- Formação Específica Inicial de Eletricidade de Construção (Parceria com IEFPP)
- Formação Modular de Carpinteiro de Limpos (Parceria com IEFPP)
- Formação Modular de Canalizador (Parceria com IEFPP)



RT:

- Administração e Segurança de Redes Locais
- Auxiliar de Técnico de Comutação e Redes – Praças
- CISCO Certified Network Associate (CCNA) - R & SINCD1
- CISCO Certified Network Associate (CCNA) – Security
- CISCO IT (Essentials)
- Configuração e Gestão do Sistema P/525
- Material Segurança Cripto – Praças
- Guerra Eletrónica Tm – Oficiais
- Operador Guerra Eletrónica – Sargentos
- Operador de Sistemas de Informação (OSI) – Praças



Também no âmbito da Formação ministrada como Polo de Formação não permanente, a Brigada de Intervenção foi chamada a contribuir na condução de Cursos de Formação de Praças (CFGCPPE) e de Cursos de promoção a Cabo (CPCb), nomeadamente através dos seus Regimentos RI13, RI19, RAAA1, RC6, RA5 e RT, tendo formado no ano de 2015 cerca de 500 militares do CFGCPPE e 315 do CPCb.

Importa ainda referir o apoio permanente que é dado à Escola das Armas pelos Regimentos da Brigada de Intervenção, no âmbito da formação inicial na Carreira dos Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente, bem como dos Oficiais e Sargentos em regime de contrato.



Para finalizar realça-se que, de acordo com o normativo em vigor, o Sistema de Formação no Exército articula-se em torno da componente operacional, tendo em vista o desempenho individual das funções atribuídas a cada um dos militares.

Neste âmbito, a Brigada de Intervenção colabora no esforço coletivo do Exército nesta área fundamental, sendo de referir o empenhamento e comprometimento da Brigada no apoio a todo o processo e edifício formativo na perspetiva de contribuir para assegurar a melhor e mais adequada formação aos militares, para o desempenho das suas funções, em proveito do Exército.



SOIS/RI13

O Regimento de Infantaria Nº13 (RI13), da Brigada de Intervenção (BrigInt), desde março de 2009 que se constitui como Polo de Formação, inicialmente, da Escola Prática de Cavalaria e, atualmente, da Escola das Armas (EA), na área da operação da Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II (8X8) nas versões 12,7 mm (ICV) e Portacanhão 30 mm (IFV).



Os cursos têm como principal objetivo habilitar os formandos para os cargos que venham a desempenhar na guarnição da respetiva viatura, bem como os habilita a desempenhar funções de formador nesta área. A carga horária varia de acordo com os elementos de competência onde, entre outros, se destacam a caracterização da VBR respetiva, a operação e a manutenção da VBR e do respetivo armamento e o comando e controlo (no caso dos Cursos de Chefes).

Para os ministrar, é criado um corpo de formadores com base em quadros experientes da Unidade, cujo efetivo varia de acordo com o número de formandos. A avaliação de conhecimentos é efectuada com recurso a provas de avaliação que abrangem circuitos de avaliação e testes teóricos. No final, são entregues diplomas aos formandos com a classificação obtida.



Dadas as necessidades do Exército em geral, o RI13, para além de ministrar os cursos previstos nos Planos de Formação Anuais, tem vindo a ministrar cursos extraordinários com vista a satisfazer as necessidades do aprontamento de forças. São os casos das subunidades que integram a NRF, os BG/ERF e, desde 2013, a UEB/FND/KFOR.

Assim, desde 2009 até à presente data, foram ministrados os seguintes cursos:

ANO	CURSOS	EDIÇÕES	Formandos	Total
2009 a 2015	Chefe VBR	20	Chefe VBR	322
	Condutor VBR	18	Condutor VBR	420
	Chefe VBR CAN	4	Chefe VBR CAN	29
	Apontador VBR CAN	4	Apontador VBR CAN	42
	Total	46	Total	813

Privilegiando a segurança durante a prática da condução, as sessões de condução têm sido ministradas numa pista específica para o efeito, a pista de condução do Centro de Instrução



e Treino Operacional da Fraga da Almotolia (CITOF), localizada no Prédio Militar sob responsabilidade do RI13, decorrendo a condução num ambiente real e simultaneamente controlado, minimizando os riscos de acidentes.

Presentemente, esta área está a ser objecto de uma intervenção por parte do Regimento de Engenharia Nº 3, com vista à melhoria das condições dos itinerários que compõem a referida pista de condução, bem como à construção de um conjunto de obstáculos de natureza tática que permitirá incrementar as condições de excelência desta formação, permitindo ainda criar condições para a condução do treino operacional para unidades de escalão pelotão equipadas com estas viaturas.

Os trabalhos no que às VBR PANDUR respeita, incluem:

- A beneficiação da pista VBR PANDUR (4000m) interior, exterior e acessos, nomeadamente. - corte e regula-





rização do terreno, criação de caixa de recolha de águas do talude, em alvenaria de bloco, execução de passagens hidráulicas com manilhas de betão armado pré-fabricadas, alargamento da via (aprox. 4m), regularização e nivelamento da via, execução de valetas (aprox $h/b = 0,5m/1,0m$) e compactação da via, e,.

- A criação de obstáculos para as VBR PANDUR, designadamente as execuções de obstáculos “Inclinação Lateral”, “Caixa de Areia com 30 m de comprimento”, “Declive de Subida” e “Passagem de Trincheira” executada com recurso à colocação de elementos pré-fabricados de betão armado “aduelas de secção aberta”;

- A implantação de zonas de treino operacional de escalão pelotão para a execução de movimentação de terras necessária à adaptação de uma posição da ZRn/Pel para treino de TTP (Técnicas, Táticas e Procedimentos) e de movimentação de terras necessária à criação de uma nova posição.

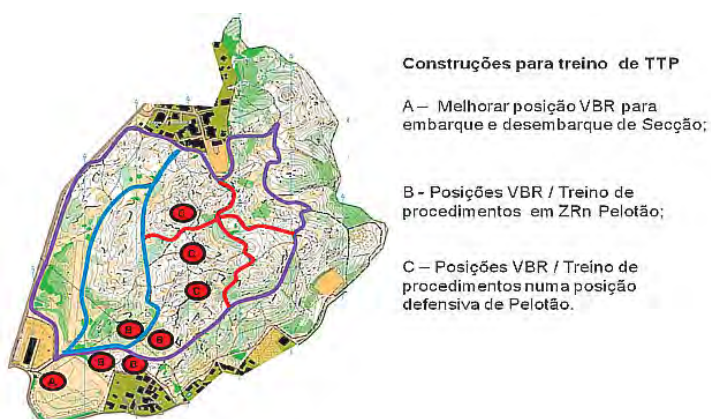
As imagens seguintes, espelham o projeto que se pretende atingir depois dos trabalhos concluídos

O RI13 possui ainda outra ferramenta importante em apoio à instrução. Trata-se do Simulador de Treino Tático PANDUR SP 30 (TMTS). Este simulador foi rececionado em janeiro de 2010, abraçando uma nova valência para a formação e treino operacional dos militares que lidam com a família das VBR PANDUR.

Em estreita coordenação com a EMPORDEF Tecnologias de Informação (EMPORDEF-TI, empresa responsável pelo projeto deste simulador), foram realizados um conjunto de trabalhos de montagem e operacionalização do sistema com o objetivo de passagem de informação e competências. No volume de trabalhos realizados, destacam-se a otimização do sistema INTERCOM com o equipamento de TMTS que, na área de simulação representa as caixas de intercomunicação da VBR PANDUR ICC-201 e ICC-202, que assim possibilita a comunicação entre as guarnições de forma mais aproximada do real. Assim, todos os procedimentos de teste e comunicação realizados dentro de uma VBR PANDUR são feitos da mesma forma no simulador.

Este projeto tem como objetivo dar suporte ao treino tático de pequenas unidades de manobra, possibilitando a interação e coordenação entre a própria guarnição da VBR, assim como com as restantes guarnições.

No capítulo da formação, o simulador de treino tático da viatura PANDUR tem sido utilizado no sentido de complementar a formação, sobretudo na fase inicial que precede o início do treino da condução por parte dos formandos, tendo como



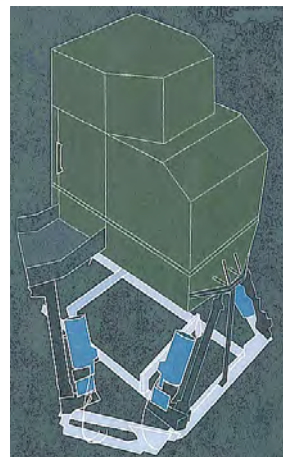


objetivo a sua adaptação aos comandos disponíveis para condução da viatura e o treino da reação a falhas mecânicas durante a condução. O simulador tem permitido realizar um treino inicial em segurança, num

ambiente controlado e com um maior e mais fácil acompanhamento por parte da equipa de formação. Constitui-se como uma mais-valia para a formação, como se tem vindo a constatar

por parte dos formandos, na abordagem da utilização da VBR na pista de condução e a sua maior vontade face aos procedimentos de condução e de interação com todos os equipamentos ao seu dispor, depois desta passagem pelo simulador.

Porém de uma simples ligação para o exterior, a ligação com outros sistemas de simulação nacionais, bem como internacionais. Para garantir a continuidade de trabalhos e o processo de aceitação do sistema, foi ministrado pelos técnicos da EMPORDEF-TI uma formação de instrutor a Oficiais e Sargentos dos quadros do Regimento, com o objetivo de colaborarem e de trabalharem em conjunto com os técnicos da empresa por forma a darem contributos assertivos conducentes ao melhoramento do sistema.



Com este novo equipamento, abriu-se um novo capítulo na formação/treino das unidades operacionais da nossa Brigada, a criação de núcleos de simulação. Para além deste simulador, perspectiva-se a receção futura de um simulador dinâmico para condução (PDDS), projeto atualmente em desenvolvimento entre o Exército e a General Dynamics através da EMPORDEF Tecnologias de Informação SA,

Trata-se de uma réplica do compartimento do condutor estimulado pela simulação da VBR PANDUR que permite ao condutor "sentir" o terreno e as condições normais do sistema real, ou seja permite o treino de procedimentos e a familiarização com a dinâmica do compartimento e do veículo em várias situações. Esta é a sua arquitetura e, para além, destes módulos, possui uma editing workstation:

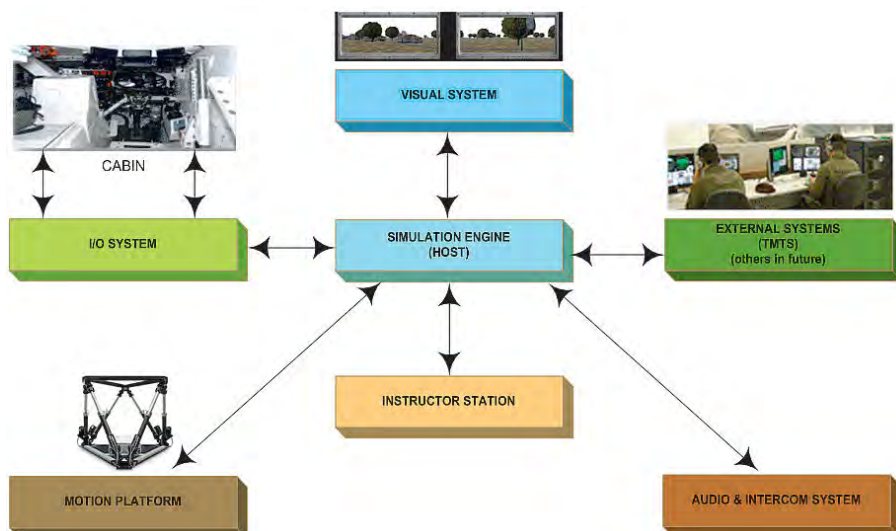
A *Instructor Operating Station (IOS)* permite o controlo e avaliação (AAR) e a Editing Workstation permite editar modelos 3D e carregamento de base de dados do terreno, assim como criar novos. Nesta sequência, o simulador, em termos gerais, permite treinar a condução em diferentes tipos de piso (incluindo cenários urbanos, rurais, montanha, caminhos de água, obstáculos, etc), com tráfego, com a escotilha aberta e fechada, em condições climáticas adversas (chuva, neve, nevoeiro...) e de dia ou de noite. Permite também a simulação de situações anormais e de emergência (falhas mecânicas e avarias) que o condutor deverá identificar e corrigir e a simulação de elementos táticos (ataques inimigos, disparos, explosões).

Em conclusão, neste domínio tem sido desígnio do comando desta unidade, com o apoio do Comandante da Brigada de Intervenção, desenvolver e afirmar cada vez mais o Polo de Formação PANDUR, no RI13, melhorando as infraestruturas, as pistas de condução existentes e os equipamentos de apoio, criando novos obstáculos de natureza tática e ainda com a perspectiva de vir a receber um simulador dinâmico de condução, para além do já existente de treino tático SP 30 mm, fatores mais que suficientes que contribuem e que contribuirão para criar condições de excelência nesta área da formação.



tar por parte dos formandos, na abordagem da utilização da VBR na pista de condução e a sua maior vontade face aos procedimentos de condução e de interação com todos os equipamentos ao seu dispor, depois desta passagem pelo simulador.

Umas das principais características deste simulador é o elevado realismo dos modelos dinâmicos do veículo, com a possibilidade de introduzir falhas garantindo uma proficiência de procedimentos apreciável, sem haver desgaste de material, consumos de combustíveis e munições. Outra característica deste projeto focada no futuro é a sua arquitetura "aberta", baseada em DIS (Distributed Interactive Simulation), permitindo, atra-





MAJ ENG

MIGUEL RODRIGUES

“O trabalho qualificado implica de certo modo um elemento de capital pois a educação e a formação exigem recursos.”

Jan Tinbergen

1. A Génese da Formação Profissional no RE 3

Foi em junho de 1995 que se iniciou a primeira formação profissional no Regimento de Engenharia nº3 (RE 3) com o curso de Operador de Equipamento Pesado de Engenharia (OEPE).

Este primeiro curso ministrado a 18 formandos teve um aproveitamento de 100% e mereceu o reconhecimento do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) de Rio Meão, passando a permitir aos recém-formados exercer na sociedade civil, após transitarem para a situação de disponibilidade, a profissão de condutor/a manobrador/a de Equipamento de Movimentação de Terras. Com uma duração de 12 meses, este curso era composto por uma Formação Base, onde eram incluídos conhecimentos em Português e Matemática, entre outros, seguida pela Formação Tecnológica. Esta formação específica visava habilitar os formandos a conduzir e manobrar diferentes equipamentos de engenharia destinados à movimentação de terras, operações de carregamento, transporte, demolição, desmonte, espalhamento, nivelamento, compactação, escavação e perfuração, tarefas estas, inerentes aos trabalhos de vias de comunicação, hoje designados por trabalhos de construções horizontais de engenharia.

Decorria o ano de 1997 quando foi criado o curso de Mecânico de Equipamento Pesado de Engenharia (MEPE), igualmente com duração de 12 meses, certificado apenas em metade da sua formação. Executar diagnósticos, reparação e verificação dos sistemas mecânicos, hidráulicos e pneumáticos de equipamentos de movimentação de terras, de acordo com os parâmetros e especificações técnicas definidos pelos fabricantes e com as regras de segurança e de proteção ambiental aplicáveis, são os principais objetivos deste curso que começou com sete formandos, com, nesse ano, cem por cento de aproveitamento.

Entre 1995 e 2008 foram ministrados, no RE 3, 14 cursos de OEPE, com 210 formandos, e 9 cursos de MEPE, com 70 formandos, todos com aproveitamento profissional.

De 2008 até hoje decorreram mais 6 cursos de OEPE e 6 cursos de MEPE, sendo que o 16º curso MEPE contou com um formando do exército brasileiro, ao abrigo de uma parceria/intercâmbio de formação que existe entre Portugal e Brasil. Em 2015 decorrem o 23º curso OEPE, com um formando do exército angolano, e o 17º curso de MEPE, ambos com data prevista de encerramento em 4 de dezembro de 2015.

2. A Certificação da Formação

O RE 3, em parceria com o Centro de Emprego e Formação Profissional de Entre Douro e Vouga - Rio Meão (CEF-



PEDV-RM), este representante do IEFP, obteve a Certificação do Curso de OEPE em 2007, passando este a estar inscrito no Catálogo Nacional de Qualificações (CNQ) com a designação de Condutor Manobrador de Equipamento de Movimentação de Terras. Em 2012 seria o curso de MEPE a ser oficialmente certificado na sua totalidade como referência de formação, passando a estar inscrito no CNQ designado como Mecânico de Equipamentos de Movimentação de Terras.

Em outubro de 2008, os cursos de OEPE e MEPE foram reformulados quanto aos critérios de admissão, passando a ser considerada como adquirida a Formação Base. Passaram assim estes cursos a ter uma duração de nove meses e um nível de formação 2 e a serem constituídos por Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD's), conforme previsto no Referencial de Formação da Agência Nacional para a Qualificação e Ensino Profissional (ANQEP). Estes cursos passaram a constar do Plano Anual de Formação (PFA) para o exército.

3. Presente e futuro

Levantada a necessidade de possuir Operadores de Construção, para a componente das construções verticais, nas Companhias de Engenharia de Apoio Geral, bem como identificada a mais valia que é possuir militares com estas valências nas unidades, foi manifestada a necessidade de formar pessoal nas seguintes áreas:

- Electricista de construção;
- Canalizador;
- Carpinteiro de construção;
- Serralheiro.



Através de protocolo assinado entre o RE3 e o IEFP em 24set14 iniciaram-se ações modulares de Electricista de construção, Canalizador, Carpinteiro de construção e Serralheiro, cuja formação foi ministrada apenas em algumas UFCD's, essencialmente práticas, que constituem a profissão.



CURSO	INICIO	FIM	VAGAS	EPR
24º Curso de Formação Profissional de Operador de Equipamento Pesado de Engenharia	14Mar16	16Dec16	15	EA
Curso de Formação Profissional de Mecânico de Equipamento Pesado de Engenharia	Devido aos quadros orgânicos estarem completos, não se vai proceder a nenhuma edição em 2016			ES
Curso de Formação Profissional de Serralheiro Civil	17Mar16	05Dec16	20	EA
Curso de Formação Profissional de Canalizador	29Mar16	05Dec16	20	EA
Curso de Formação Profissional de Carpinteiro de Construção (Limpos)	05Abr16	14Nov16	20	EA
Curso de Formação Profissional de Eletricista de Construção	05Abr16	14Nov16	20	EA

O referido protocolo foi alvo de uma adenda assinada em 17mar15, por ainda se verificar défice de militares com esta especialização, para realização de mais três ações de formação modular de Carpinteiro, Eletricista de construção e Canalizador.

Em 2016 estas ações modulares transformar-se-ão em cursos de formação de percurso completo, cursos de Educação e Formação para Adultos (EFA), com duração de 9 meses, já inscritos no PFA2016. Como nível de ambição está a realização de cursos de Azulejador/Ladrilhador, Pedreiro, Pintor de Construção Civil durante o ano de 2017. Todas estas formações constam do CNQ.

Os cursos de formação profissional de OEPE e MEPE encontram-se devidamente consolidados prevendo-se a sua continuidade, no entanto, em 2016 não será ministrado o curso MEPE por se encontrarem plenamente preenchidos os Quadros Orgânicos referentes a esta especialidade, devendo ser retomado em 2017.



Os cursos de Operadores de construção são ministrados nas instalações do CEFPELV-RM e do RE 3, com recurso aos formadores do IIEFP.

Militares que frequentaram formação profissional, no RE 3, por cursos:

CURSO	ANO	Nº MILITARES FORMADOS
OEPE	1995-2014	329
MEPE	1997-2014	141
MODULAR DE CARPINTEIRO	2014-2015	31
MODULAR DE ELETRICISTA	2014-2015	39
MODULAR DE CANALIZADOR	2014-2015	36
MODULAR DE SERRALHEIRO	2015	15

Como horizonte para 2016 está agendada a seguinte formação profissional no RE 3:

O corpo de formadores, para os cursos de OEPE e MEPE, é constituído na quase totalidade por militares do Exército, devidamente certificados, que prestam serviço no RE 3 e são totalmente ministrados nas instalações do Regimento, exceção feita ao estágio profissional em contexto de trabalho.

A frequência dos cursos de formação profissional com o percurso completo e com certificação na totalidade são simultaneamente uma ferramenta e conjunto de capacidades de trabalho úteis com competências reconhecidas e facilitadores para a integração no mercado de trabalho e na sociedade civil, aquando da transição para a situação de disponibilidade dos militares em regime de contrato.



ASP RC
PEDRO VIEIRA

O Curso de Promoção a Cabo, normalmente denominado “escola de cabos” é um curso de promoção, ministrado pelo Exército e destinado aos soldados, com pelo menos 1 ano de serviço efetivo com a finalidade de os habilitar para o desempenho das funções inerentes ao posto de cabo. Para poderem frequentar a escola de cabos todos os candidatos têm de realizar um conjunto de provas físicas com cariz eliminatório. Os militares que realizarem as provas de ingresso de forma satisfatória e que preencham os restantes requisitos para a frequência do curso (vertidos na mensagem que difunde o respetivo convite) são convocados para o frequentar numa das unidades do Exército a que seja atribuída a missão de conduzir a escola de cabos.

Iniciou-se no dia 31 de agosto de 2015, o 1º curso de promoção a cabo de 2015 realizado no Regimento de Cavalaria Nº 6, em Braga, com 100 formandos (85 homens e 15 mulheres) provenientes de UEO do Exército.

A carga horária deste 1ºPCPB 2015, distribuída ao longo das 6 semanas de duração foi de 219 horas diurnas e 20 horas noturnas num total de 239 horas.

A avaliação de competências dos formandos foi variada, tendo sido constituída por métodos de avaliação de conhecimentos teóricos e práticos, sendo eles: dois circuitos de avaliação constituídos por estações que versaram diversas matérias como topografia, armamento, técnica individual de combate, transmissões e primeiros socorros; um teste escrito; ficha de avaliação de simulação pedagógica; provas físicas; ficha de avaliação de prática pedagógica de treino físico militar; tiro com Pistola Walther - tabela tiro precisão de Pistola Walther; tiro com Espingarda Automática G3/tabela tiro de combate de Espingarda Automática G3; ficha de avaliação de mérito pessoal.

Como locais de instrução para a realização do 1º PCPB 2015, foram usados espaços no interior do Regimento de Cavalaria Nº6, nomeadamente as áreas verdes, vulgo “anexos” para realização de instruções de técnica individual de combate, a carreira de tiro 25 metros onde foi realizado o tiro de pistola walther, duas salas com projeção, para auxiliar as instruções teóricas ministradas, tendo ainda sido disponibilizada uma sala de estudo para os instruendos.

No exterior do RC6 foram usadas a Carreira de Tiro de Viana do Castelo para efetuar tiro de combate - inserido no plano de avaliação do curso de cabos; a Serra dos Carvalhos, a cerca de 10 Km do RC6, onde se efetuaram dois percursos topográficos - um diurno e outro noturno, e onde se realizou o exercício final.

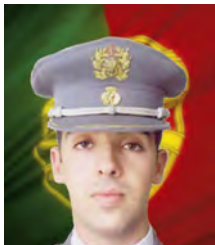
De acordo com o estipulado no RGSUE, “os cabos, além dos deveres que por este e outros regulamentos lhes competem, têm por missão especial instruir individualmente os soldados em tudo o que diga respeito à sua conduta, disciplina, higiene e asseio, acompanhá-los e dirigi-los no cumprimento dos seus deveres, de modo que cada um execute pontual e es-

crupulosamente os serviços que lhe forem destinados. Compete-lhes ainda, auxiliar a manutenção da disciplina, a limpeza e boa ordem nas casernas e locais de convívio das praças.” (RGSUE, 2005, Artigo 15º)

Acresce ainda o RGSUE no nº 3 do artigo 35º, que os principais deveres do cabo de dia ao Esquadrão são: chefiar os faxinas permanentes nos serviços de limpeza e arrumação da caserna e da área atribuída ao Esquadrão; assistir à rendição dos plantões à caserna e fiscalizar a sua atuação; controlar as cargas da caserna, assegurar que os diferentes artigos de mobiliário e utensílios não sejam empregados em uso estranho ao que lhes é destinado; não consentir que a limpeza do armamento, viaturas, equipamento e quaisquer outros artigos se faça fora dos locais para isso determinado; mandar levantar as praças ao toque da alvorada, fazer com que as mesmas se lavem e procedam à arrumação dos seus pertences; comunicar ao sargento de dia qualquer ocorrência extraordinária, não consentindo altercações entre as praças ou expressões e práticas grosseiras e reprováveis; coadjuvar o adjunto de comando do Esquadrão e o sargento de dia ao Esquadrão no sentido do bom funcionamento de todas as estruturas de apoio à vida do pessoal nas dependências do Esquadrão; coadjuvar o graduado que presidir às formaturas de serviços gerais do Esquadrão; reunir as praças inscritas para a revista de saúde, apresentá-las ao adjunto do comando do Esquadrão e acompanhá-las ao local designado para o efeito.



Foram estas as competências que o 1º PCPB 2015 pretendeu garantir aos soldados que frequentaram este curso, pois para além de ser condição essencial para a promoção de soldado a 2º cabo, com o consequente reconhecimento e motivação, este curso tem como principal finalidade fornecer-lhes um conjunto de aptidões e atitudes que os tornará mais proficientes e competentes para as funções que irão desempenhar, tendo sempre em mente que, ao aumentar as qualificações dos nossos militares, estamos consequentemente a contribuir para o aumento da proficiência do Exército.



TEN INF
PEDRO REBELO

REVISÃO PÓS AÇÃO DE UM SUBALTERNO DE INFANTARIA NO 2BI

Após cinco anos e com o aproximar do Curso de Promoção a Capitão, chega ao fim o meu percurso como oficial subalterno de Infantaria no 2BI da Brigada de Intervenção (BrigInt).

Tendo em conta todas as funções desempenhadas julgo poder afirmar que o percurso realizado teve um desenvolvimento lógico e gratificante, sincronizado com alguma sorte, fruto de variados aprontamentos em que o 2BI esteve empenhado. Permitiu-me variadas oportunidades de treino, onde destaco as possibilidades de comandar subunidades organicamente completas e de poder empregar as VBR Pandur II 8x8, em diversos tipos de operações, constatando na prática as reais capacidades destas viaturas.

Como Subalterno de Infantaria pude acompanhar diferentes ciclos de treino da BrigInt, nomeadamente o Batalhão de Infantaria do Battle Group da União Europeia, em 2010/11 com o comando de um Pelotão de Atiradores; as Unidades da Força-Tarefa 1200 (FT1200) da BrigInt de 2012 a 2014, no comando do Pelotão de Reconhecimento da Companhia de Apoio de Combate e como 2ºCmdt da 1CAAt e, presentemente, no aprontamento da NRF 2016 como 2ºCmdt da 1CAAtMec (R).

Estes aprontamentos possibilitaram o desempenho dessas funções com subunidades com o quadro orgânico de pessoal preenchido na totalidade e com mínimas movimentações de pessoal, o que hoje em dia se constitui como uma oportunidade rara face ao que tem acontecido noutras realidades, quando Subalternos de Infantaria não assumem imediatamente o comando de um pelotão num batalhão, após a sua primeira colocação. Julgo que a premissa deveria ser dar a oportunidade de comandar pelotões, evitando o desempenho de funções de forma “precoce” ou de funções que nada dizem respeito à formação de um Subalterno de Infantaria.



A participação em variados exercícios permitiu-me levar a cabo um treino contínuo, implementando um ciclo de aprendizagem e correção de erros, no empenhamento de homens e meios em diferentes tipos de operações.

Pude verificar uma evolução no emprego das VBR Pandur II 8x8, tendo constatado que a utilização regular das viaturas é a melhor manutenção preventiva que podemos implementar, garantindo o desenvolvimento de melhores e mais proficientes condutores e chefes de viatura, e incrementando sucessivamente os conhecimentos sobre esta viatura que, mesmo assim, nunca deixa de nos surpreender.



A resposta a variadas situações inopinadas, como “desatascar”, rebocar, passar obstáculos, situações de condução, permitiu compreender melhor a viatura e melhorar gradualmente o treino. Desta forma, aos poucos, possibilitou-se que o treino deixe de ter uma forte raiz na parte técnica da viatura, concentrada na condução e no que resulta dessa condução, para que passe a ser cada vez mais tático, centrado na execução das táticas, técnicas e procedimentos dos PelAt e das CAAt, fruto de uma cada vez melhor destreza no emprego das viaturas.

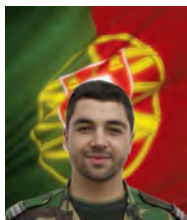
Em suma, julgo que deve ser dada a oportunidade de desempenhar as diferentes funções na altura certa e com o tempo necessário e suficiente para que seja rentabilizado e proveitoso para um subalterno e para a Instituição, onde a função de comandante de pelotão é determinante, pois é rica em experiências, como a dinâmica de trabalho de equipa, ou mesmo, o emprego das VBR Pandur II 8x8, que serão importantes para futuras funções.

Posso ainda afirmar que logica e idealmente o culminar deste ciclo seria a participação numa FND, em 2012 escolhi não participar, sendo de certa forma uma lacuna. No entanto, outras oportunidades poderão surgir, certamente noutras funções. Contudo o sentimento de satisfação com todo o trabalho realizado até hoje resume este ciclo com a noção de dever cumprido.

Resta-me agradecer a todos os camaradas do 2/3CAAt/BI/BG, do PelRec/CAC/2BI, da CAC/2BI, da 1CAAt/2BI da 1CAAtMec(R) e do 2BI que me acompanharam e enriqueceram neste percurso de Subalterno de Infantaria, que certamente me muniram de ferramentas e experiências que me auxiliarão, se tiver oportunidade de, como Capitão, de desempenhar a função de Comandante de uma Companhia Pandur.



TEN INF
NELSON PAULO



TEN MAT
NELSON CAPELA

Após realização do exercício *Trident Juncture 2015*¹, onde o 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas [2BIMec(R)] operou na dependência do “5^e Groupe-Brigade Mécanisé du Canada (5 GBMC)”, unidade que

operou com viaturas LAV III, surgiu a ideia de elaborar uma reflexão e análise comparativa entre esta viatura e a VBR PANDUR II IFV que equipa os batalhões da BrigInt.



Este artigo encontra-se organizado, genericamente, em quatro pontos. No primeiro apresenta-se um pequeno enquadramento, no segundo aborda-se os modelos em uso no Exército Canadiano, no terceiro algumas das características destas duas VBR e por fim apresentam-se algumas breves considerações finais.

1. Enquadramento

Antes de qualquer reflexão não podemos excluir que estamos perante uma Pandur IFV e uma LAV III APC.

A “*Light Armoured Vehicle*” (LAV) III é considerada uma “Armoured Personnel Carrier” (APC) e foi desenvolvida pela General Dynamics Land Systems do Canadá, entrando ao serviço em 1999. Tendo por base o modelo MOWAG Piranha III H 8x8 de fabrico Suíço. Esta viatura é o principal veículo de combate do Exército do Canadá (651 VBR) e da Nova Zelândia (105 VBR²). Equipam ainda a Guarda Nacional da Arábia Saudita (19 VBR). Os Estados Unidos da América utilizaram esta viatura como base de desenvolvimento para a Stryker ACV, tendo atualmente mais de 4400 em serviço.



LAV III no TRJE 15

¹ O exercício *Trident Juncture 2015* decorreu entre 03 de outubro e 06 de novembro, em Portugal, Espanha e Itália, tendo participado cerca de seis mil efetivos portugueses, entre mais de 30 mil militares de 30 países membros da NATO e seus parceiros.

No Exército Canadiano a LAV III tem três principais missões, sendo elas pela seguinte ordem de prioridade:

- Providenciar transporte blindado à Infantaria de forma a colocar as forças o mais próximo possível dos objetivos;
- Fornecer fogo e outro tipo de apoio montado à Infantaria apeada;
- Abater inimigo equipado com viaturas da mesma tipologia.

2. Modelos em uso no Exército Canadiano

O Exército Canadiano tem ao seu serviço as seguintes versões:

- Veículo Posto de Comando
- Veículo de Engenharia
- Veículo de Vigilância
- Veículo de Transporte de Infantaria;
- Veículo Porta Míssil TOW.



LAV III Porta míssil TOW

3. Características Técnicas

	Pandur II IFV	LAV III (CAN)
Comprimento	7,625 m	6,98 m
Largura	2,895 m	2,83 m
Altura	3,420 m	3 m
Peso base	22 200 Kg	13 702 Kg
Peso pronto para combate	23 000 Kg	16 958 Kg

Ao longo deste capítulo vamos apresentar algumas comparações entre estas duas viaturas nas mais variadas características.

a. Peso / dimensões:

No que concerne às características mais básicas deparamo-nos que a VBR Pandur é bastante mais pesada que a sua concorrente.

b. Desempenho

	Pandur II IFV	LAV III
Velocidade	110 km/h	100 km/h
Autonomia	600 km	450 km
Passagem trincheira	2,2 m	2 m
Obstáculo vertical	60 cm	60 cm
Declive de subida	70 %	60 %
Inclinação lateral	40 %	30 %
Diâmetro de viragem	20,5/15° m	17,5 m
0-40 km/h	---	<12 s
Consumo (l/100km)	60 l	40 l
Depósito de combustível	377 l	200 l

* Com acionamento do travão de direção

²As LAV que equipam o Exército da Nova Zelândia baseiam-se na LAV da “Land Systems General Dynamics-Canada (GDLS-C)” e são de terceira geração.



Já no desempenho, temos que destacar a velocidade e a autonomia de 600 km da Pandur, pois estes dois fatores são vitais para o planejamento de operações ofensivas.

c. Guarnição

Pandur II IFV	LAV III
7 Militares	10 Militares
	
1. Cmdt Secção Canhão 2. Apontador 3. Atirador (x4) 4. Conductor	1. Cmdt Secção 2. 2º Cmdt 3. 3º Cmdt 4. ERYX (Míssil Anticarro) 5. Atirador 6. Metralhadora ligeira G – Apontador D – Conductor

Na LAV III, o comandante é por inerência o chefe de viatura e ocupa o lugar n.º1. Sempre que a viatura se encontra em movimento, este, vai no seu lugar. Se a secção desembarcar, ele desembarca com a mesma e é substituído pelo 2º da cadeia de comando.

Na Pandur IFV por norma o comandante raramente desembarca. Pode assim dispor de 4 atiradores para desembarcar e garantir a segurança próxima à viatura.

d. Trem de potência e suspensão

	Pandur II IFV	LAV III
Motor (Potência)	455 CV (336 kW)	350 CV (250 kW)
Transmissão	Automática 6+1	Automática 6+1
Caixa de transferência	2 velocidades (estrada e todo-o-terreno)	2 velocidades (estrada e todo-o-terreno)
Diferenciais	4	4
Pneus	365/80 R20 XZL Run Flat	1200 R20 XML Run Flat
Rodas, Suspensão e Amortecedores	8 rodas, suspensão independente, amortecedores telescópicos hidráulicos	8 rodas, suspensão independente, amortecedores hidropneumáticos com controlo
Tração	6x8 (1, 3 e 4 eixo) e possibilidade de 8x8	4x8 (3 e 4 eixo) e possibilidade de 8x8
Sistema de Travagem	Travão hidropneumático com sistema de duplo circuito com ABS	Travão a ar com potência de 6 canais ABS
Sistema central de enchimento de pneus (CTIS)	Automático com controlo electropneumático	Automático

As viaturas são equipadas em termos de motorização, tendo em atenção as dimensões e pesos das mesmas. Como principais diferenças poderemos identificar o sistema de tração (6x8 contra 4x8) e o conjunto jante/pneu que no caso da LAV III facilita a troca do pneu, pois a jante é “quebrada”.

e. Armamento

	Pandur II IFV	LAV III (CAN)
Canhão	Mauser MK 30-2 30mm	M242 Bushmaster 25mm
Coaxial	FN MAG 58M 7,62mm	C6 7,62mm
Externa	FN MAG 58M 7,62mm	C9A2 5,56mm
Potes de fumo	8xMIC Cal 76 mm	8x76 mm

No armamento temos que efetuar uma vénia perante a nossa Pandur IFV, pois, além de o seu canhão ser de maior calibre, o que nos garante maior potência e destruição sobre os alvos definidos, esta viatura está ainda equipada com duas metralhadoras com o mesmo calibre. Pensando no ponto de vista logístico, muito facilita em termos de manutenção e reabastecimento de classe V, sendo ainda mais fácil o acondicionamento e transporte de munições.

f. Munições

	Pandur II IFV	LAV III (CAN)
Canhão	APFSDS KE (Kinetic Energy)	APFSDS-T (Armour-piercing fin-stabilized discarding-sabot trace)
	TP-T (Training Practice-tracer)	FAPDS-T (frangible armour piercing discarding sabot trace)
	MP-T (Multi Purpose trace)	HEI-T (High explosive incendiary)

No que diz respeito a munições as VBR são muito semelhantes. A grande exceção vai para a LAV III que usa munições de salva/manobra em exercícios. Este procedimento garante mais treino e proficiência à guarnição da viatura, com menor custo.

g. Equipamento de visão

	Pandur II IFV	LAV III
Motor (Potência)	455 CV (336 kW)	350 CV (250 kW)
Transmissão	Automática 6+1	Automática 6+1
Caixa de transferência	2 Velocidades (estrada e todo-o-terreno)	2 Velocidades (estrada e todo-o-terreno)
Diferenciais	4	4
Pneus	365/80 R20 XZL Run Flat	1200 R20 XML Run Flat
Rodas, Suspensão e Amortecedores	8 Rodas, suspensão independente, amortecedores telescópicos hidráulicos	8 Rodas, suspensão independente, amortecedores hidropneumáticos com controlo
Tração	6x8 (1, 3 e 4 eixo) e possibilidade de 8x8	4x8 (3 e 4 eixo) e possibilidade de 8x8
Sistema de Travagem	Travão hidropneumático com sistema de duplo circuito com ABS	Travão a ar com potência de 6 canais ABS
Sistema central de enchimento de pneus (CTIS)	Automático com controlo electropneumático	Automático

Nos equipamentos de visão a VBR Pandur apetrecha-se ligeiramente melhor, conferindo à sua guarnição uma maior capacidade de observação e vigilância do campo de batalha, quer diurna quer noturna. Destaca-se ainda pelas capacidades de conjugar todos os sistemas de armas na câmara térmica, minimizando assim o erro no alvo.

h. Portas e escotilhas

Pandur II IFV e LAV III
1 Rampa traseira com porta
1 Escotilha do condutor (frente)
1 Escotilha do comandante (torre)
1 Escotilha do apontador (torre)
2 Escotilha para atiradores (traseira)



No que se refere a portas e escotilhas ambas as VBR tem as mesmas opções. Existe uma diferença que importa salientar. A LAV III dispõe de um sistema de abertura da rampa cujo elemento de transmissão de movimento é constituído por dupla correia metálica, enquanto na Pandur a rampa é acionada por duplo êmbolo hidráulico.

O sistema implementado na LAV III é mecanicamente mais simples e tem tendência a ser mais fiável e duradouro.

i. Sistema de deteção de ameaça

Na prevenção de ameaças laser os sistemas são muito semelhantes e a informação disponibilizada surge nos mesmos monitores.

Ambas as VBR dispõem de equipamentos de deteção contra ameaças laser, com a disponibilização e partilha da informação nos monitores do comandante e do condutor.

4. Considerações Finais

Antes de tecermos algumas considerações devemos alertar os nossos leitores que o artigo aborda duas viaturas algo distintas. A Pandur IFV equipa os Pelotões de Reconhecimento e as Secções Canhão das Companhias de Atiradores, enquanto a LAV III equipa qualquer secção de Atiradores.

As Secções de atiradores Canadianas dispõe assim de um excelente potencial de combate, garantido pelo poder de fogo direto conferido pelo canhão 25 mm em todas as secções, enquanto a Pandur II só está acessível para as forças mencionadas anteriormente.



A Pandur destaca-se pela sua velocidade e autonomia que contribuem decisivamente para as operações ofensivas.

Destaca-se ainda pela uniformização do calibre das suas metralhadoras, maior calibre no canhão, o que nos leva a ter um maior alcance, poder de choque e destruição no alvo.

Na motorização temos ainda como vantagem a tração 6x6 da Pandur com possibilidade 8x8, contra a 4x4 com possibi-

dade de 8x8 da LAV III.

Importa ainda dizer que a 5CMBG está, neste momento, a processar a receção das LAV 6.0, do mesmo construtor (General Dynamics), cuja primeira abordagem permite constatar que se trata de uma VBR maior, com maior capacidade de sobrevivência, mobilidade e letalidade, mantendo o mesmo sistema de armas da versão anterior – o experimentado canhão 25 mm Bushmaster.

Parte destes melhoramentos implementam características semelhantes às que a VBR Pandur II já possui, como a potência do motor, igual dimensão longitudinal e assentos com atenuação de energia proveniente de rebentamentos sob o casco.

Por outro lado evolui os sistemas de suspensão, transferência de potência e aporta um novo perfil de casco com formato em “W”. Ficaremos atentos aos melhoramentos desta VBR, quem sabe com vista a um eventual Middle-Life Update (MLU) da VBR Pandur II, ou seja uma evolução de meia-vida, que passados alguns anos de utilização, permitirá que a “nossa” atual VBR tenha um significativo prolongamento da sua vida útil.

Após a realização deste exercício ficamos gratos por poder contar com estas viaturas para operar em qualquer teatro de operações e continuamos convictos que estamos equipados ao nível dos melhores exércitos da NATO, procurando fazer tudo o que está ao nosso alcance para que o Homem não fique aquém da máquina.

Referências:

- *Chefe de viatura de auto blindado VBR PANDUR II 8x8, transporte pessoal C/Reparo P/MP Browning 12,7mm, DP N°8-32-11(1), Exercito Português, 2008;*
- *Manual VBR PANDUR II 8x8 PCan 30mm (Chefe de viatura), DP N°8-32-11(4), Exercito Português, 2008;*
- *Operator Manual Pandur II 8x8 Terrestrial IFV, MOD Portugal, 2008;* <http://www.army-armee.forces.gc.ca/en/vehicles/light-armoured-vehicle.page>, consultado em 041039nov15;
- *LAV COMPANY TACTICS (INTERIM), Supercedes B-GL-301-002/FP-001, Land Force, Défense Nationale, Canada, dated 1989-03-01, consultado em* [http://www.castpics.net/pdfs/m/CA/b-gl-321-007%20-%20LAV%20Company%20Tactics%20\(Interim\).pdf](http://www.castpics.net/pdfs/m/CA/b-gl-321-007%20-%20LAV%20Company%20Tactics%20(Interim).pdf) em 041042NOV15;
- <http://www.army.mil.nz/our-capability/operational-vehicles/nz-lav.htm>, consultado em 041100NOV15;
- <http://www.gdlsCanada.com/images/pdf/laviii.pdf>, consultado em 041123NOV15;



TENTM
TIAGO ALMEIDA



TEN INF
MARCIO FAUSTINO

1 - Introdução

Em 2015, o 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas/NATO Response Force 2016 [2BIMec(R)/NRF 2016] assumiu um cenário privilegiado na realização de testes operacionais (banco

de ensaios), cujo o nível de inovação projeta-nos para a verdadeira modernização do Exército Português. Neste contexto, o protagonismo aponta para o Rádio pessoal TWH-101 da Empresa de Investigação e Desenvolvimento (EID).

2 - O TWH-101

O TWH-101 é um rádio pessoal, compacto e robusto que permite comunicações táticas de proximidade na gama dos 2394 a 2505 MHz, com uma potência de 100 mW. Tem capacidade de transmissão de dados, integração com sistemas de intercomunicação e tem Sistemas de Gestão de Baterias (BMS). É

- Push-to-talk (PTT) Wireless;
- Headsets;
- Cabos de dados e configuração;
- TWH-101/G1 – Gateway de instalação portátil;
- TWH-101/G2 – Gateway de instalação veicular fixa;



Figura 2 - Elementos da família TWH-101

- TWH-101/C3 – Carregador de baterias com 3 posições;
- TWH-101/C5 – Carregador de baterias com 5 posições.

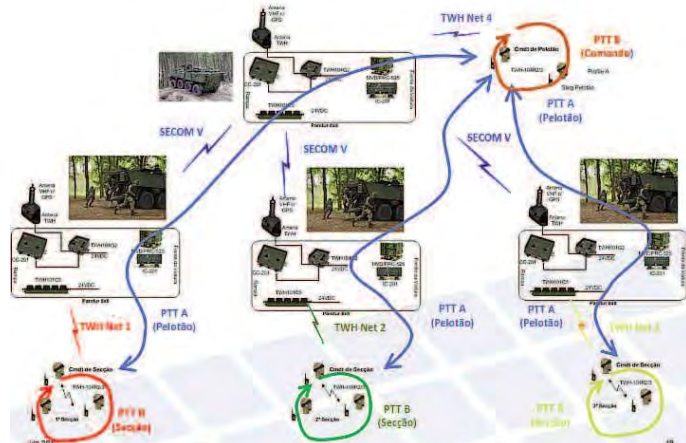


Figura 1 - Esquema da implementação nas VBR Pandur II.

configurável e flexível, pois permite comunicações seguras com encriptação AES (*Advanced Encryption Standard*) e indetectáveis, através da tecnologia DSSS (*Digital Sequence Spread Spectrum*). É um equipamento de interface simples e com uma gama completa de acessórios tais como:



Figura 4 - Elementos que receberam formação

3 - O Comando e controlo do Pelotão e Secção de Atiradores

O 2BIMec(R)/NRF 2016 teve a oportunidade de efetuar testes com o Rádio TWH-101 num Pelotão de Atiradores Mecanizado de Rodas [PelAtMec(R)] durante o seu treino operacional e ao longo dos diversos exercícios do aprontamento.

A utilização destes equipamentos visa identificar contributos para a otimização da capacidade de comunicação e da sua funcionalidade sob o ponto de vista operacional.

Procura-se avaliar também a sua integração com o sistema de comunicações das VBR PANDUR II 8x8, de forma a providenciar as comunicações necessárias no espectro de operações, principalmente colmatando a falta de compatibilidades entre sistemas quando um PelAtMec (R) se encontra apeado.

O atual equipamento utilizado como rádio pessoal Radio Recetor-Transmissor PRR H4855 (MARCONI), possui apenas comunicação em claro, permitindo que qualquer dispositivo



Figura 2 - Formação em Sala



similar possa ouvir as comunicações efetuadas entre estes meios. O TWH-101 vem trazer evoluções relativamente a este assunto, aumentando a segurança nas transmissões. As comunicações passam a ser encriptadas e apenas os rádios TWH-101 que o operador desejar poderão trabalhar entre si.

Os Comandantes de Pelotão/Secção, com o rádio Marconi, precisavam de retirar o capacete veicular de combate, para colocar o capacete de combate e um rádio pessoal, antes de sair da viatura.



Figura 6 - Treino Operacional com os TWH-101

O TWH-101 ultrapassa o dispositivo comum de comunicação, passando a possuir capacidades para se assumir como um sistema de comunicação, isto é, além de poder efetuar transmissões em duas redes diferenciadas, torna-se um meio de comunicação sem fios, utilizando como plataforma o sistema de intercomunicação ICC-201 que equipa as VBR Pandur II (8x8).

Na prática, dentro do PelAtMec (R), permite ao comandante de pelotão comunicar com o seu sargento de pelotão e os seus comandantes de secção em redes diferenciadas; por seu turno, permite ao comandante de secção comunicar com os seus comandantes de esquadra e com a viatura à sua responsabilidade. Esta rede paralela e diferenciada, evita o empastelamento e melhora a eficácia do comando de homens.



Figura 5 - Treino Operacional com os TWH-101

Com o TWH-101 o chefe de viatura pode prescindir do capacete veicular de combate, aumentando assim a rapidez ao desembarcar da viatura. Outra vantagem identificada é o seu funcionamento através de bateria incorporada, evitando a necessidade de reabastecimento de baterias descartáveis. A viatura passa a incorporar um carregador de baterias específico para este rádio.

Para além do Rádio TWH-101 já apresentado, a EID está a trabalhar no melhoramento e na introdução de novas versões que tem como finalidade aumentar o alcance do dispositivo, aumentar o volume do áudio, bem como a integração de GPS, possibilitando assim o escalão superior fazer o acompanhamento da localização dos elementos apeados e saber, em tempo real, onde se encontram as suas forças.



TCOR INF
JORGE PINTO

1. Introdução

O cancelamento do contrato de fornecimento das viaturas PANDUR, nomeadamente da série *Mortar Carrier Vehicle (MCV)* coloca um desafio ao reequipamento, inovação e modernização da Brigada de Intervenção.

Se de facto é importante garantir a capacidade de combate das unidades de manobra, com viaturas que garantam elevada mobilidade, versatilidade, proteção, sobrevivência é igualmente importante garantir a capacidade de apoio de fogos através de meios com calibres que garantam os fogos de apoio próximo e em profundidade, os efeitos desejados no objetivo, a mobilidade igual ou superior à unidade de manobra apoiada e a disponibilidade de fogos quando e onde necessários.

Assim sendo, é objetivo deste artigo apresentar sucintamente um estudo para o desenvolvimento do sistema de apoio de fogos, na arma morteiros que contribua para o potencial de combate dos Batalhões Mecanizados de Rodas e do Grupo de reconhecimento e por conseguinte da Brigada de Intervenção.

2. Apoio de Fogos e Morteiros

Os Fogos e a Manobra são interdependentes e inseparáveis, implicando a necessidade da sua coordenação tão estreita e completa quanto possível. O sucesso da Manobra depende de um Apoio de Fogos adequado, preciso e oportuno.

Os Fogos letais, englobam o emprego coordenado dos órgãos de aquisição de objetivos, das armas de tiro direto e indireto (morteiros, artilharia de campanha e artilharia naval) e dos meios aéreos, em proveito da manobra da força.

Qualquer Sistema de Apoio de Fogos tem três componentes essenciais – Aquisição de Objetivos; Armas e munições; Comando, Controlo e Coordenação – que permite fornecer o apoio próximo aos elementos de manobra e executar fogos em profundidade.

Deve providenciar fogos em massa, prontidão de resposta, garantir sobrevivência, ter mobilidade igual ou superior à unidade apoiada e flexibilidade de emprego.

Em termos de emprego dos meios de apoio de fogos, e no caso morteiros nas Unidades de Escalão Batalhão (UEB), é desejável que tenham alcance que permita apoiar a manobra dos BIMec(R) e GRec do qual fazem parte, permitam flexibilidade de emprego, sejam facilmente projetáveis, interoperáveis, possam ser integrados num sistema de Comando e Controlo (C2) de Apoio de Fogos.

As unidades de morteiros constituem-se como um meio orgânico fundamental de apoio de fogos indiretos aos comandantes das unidades de manobra. A sua elevada cadência de tiro aliada à sua capacidade única de bater ângulos mortos são

caraterísticas importantes no apoio ao conceito de operação dos comandantes das unidades de manobra.

3. Conclusões do nosso estudo: Que calibre? Que soluções?

O nosso estudo foi desenvolvido em estreita coordenação entre o Comando e Estado-Maior da Brigada e as subunidades que contemplam Pelotões de Morteiros na sua estrutura orgânica. Foi influenciado por alguns constrangimentos. Como restrição, as viaturas blindadas de rodas, *Mortar Carrier Vehicle (MCV)* PANDUR II 8x8 não são opção.

Como condicionamento, a solução passará “obrigatoriamente” pela viatura táctica ligeira blindada (VTLB) 4x4. Foram tidos em consideração fatores como o “moderno Campo de Batalha”, a mobilidade táctica das UEB, a organização já definida para o Pelotão de Morteiros Pesados e os morteiros existentes no mercado.

Segundo o PDE 3-47-17 Morteiros, apenas os morteiros 120mm, conseguem obter o efeito de destruição no objetivo em caso do inimigo possuir alguma proteção.

Relativamente ao alcance, os morteiros de 120mm têm alcances superiores aos morteiros de 81mm pelo que permitem bater objetivos em maior profundidade.

Um fator importante da mobilidade do apoio de fogos é o alcance dos seus meios. Quanto maior for o alcance dos meios de apoio de fogos, menor será o número de movimentos necessários das armas para garantir o apoio de fogos contínuo à unidade apoiada.

Acrescenta-se que a mobilidade do apoio de fogos é indispensável para a preservação da integridade da força apoiada e para a sobrevivência do próprio sistema de apoio de fogos.

Assim, os calibres 120 mm têm maior alcance, logo do ponto de vista da mobilidade têm vantagem relativamente aos calibres de 81 mm.

Existem no mercado soluções, que apresentamos no final do artigo, com calibres 120 mm que permitem ser transportados em viaturas do tipo 4X4, como o morteiro SPEAR.

No caso do morteiro COBRA, esta possibilidade apesar do estudo efetuado apontar nesse sentido, a informação disponível não é esclarecedora quanto a este ponto.

Contudo é importante não nos focarmos apenas na aquisição das armas, pois como atrás foi dito qualquer Sistema de Apoio de Fogos tem três componentes principais.

É importante pensar também na aquisição proporcional de meios de aquisição de objetivos para as equipas de observação avançada. A aquisição de diferentes tipos de munições (combinação granada/espoleta), que permitam responder às necessidades de apoio de fogos das unidades de manobra e aos efeitos desejados no objetivo.



Modelo Morteiro	CARDOM 8 (1)	SPEAR (2)	COBRA (3)
Origem	Israel	Israel	Suíça
Calibre	81mm e 120mm	81mm e 120mm	120 mm
Alcance	8000 m	7000 m	7000 a 9000 m
Cadência de Tiro	16 t.p.m.	15 t.p.m.	15 t.p.m.
Sistema de Amortecimento e Recuo	Sim, permite ser transportado em vários tipos de viatura	Sim, permite ser transportado em vários tipos de viatura	Sim, permite ser transportado em vários tipos de viatura
Sistema navegação	Sim	Sim	Sim
Computador Balístico	Sim	Sim	Sim
Carregamento automático	Sim	Sim	Sim
Fogo em movimento	Sim (shot and Scoot)	Sim (shot and Scoot)	Sim (shot and Scoot)
Operação	Viatura e no Solo	Viatura	
Entrada em posição	< 30 seg	< 30 seg	< 60 seg
Guarnição	Sem info	2/3 homens	2/3 homens
Erro de precisão	Sem info	30 m	Sem info
Força de recuo	30 ton	10 ton	30ton/30miliseg
Peso	925 kg	Sem info	1200kg carreg. manual 1350kg carreg. automático
			

A aquisição de um sistema de Comando, Controlo e Coordenação que permita a transferência de dados através dos sistemas de comunicações nacionais (rádio P-525 em modo seguro com encriptação de dados e salto de frequência; LAN – cabine de feixes). Este sistema deve ser interoperável com os sistemas de Comando e Controlo de Apoio de Fogos nacionais e NATO de modo a garantir a integração de Fogos ao nível Brigada e Superior, assim como a integração de Fogos em operações multinacionais.

Finalmente, a aquisição de um sistema de simulação que permita treinar os procedimentos técnicos de observação e regulação do tiro de morteiros, bem como o treino dos elementos das secções de morteiros na entrada em posição de tiro e durante a execução de diferentes missões de tiro, coordenados pelo Posto Central de Tiro (PCT).

¹ Morteiro inicialmente previsto para equipar a Pandur II porta morteiro.

² É a evolução do morteiro Cardom 8. Concebido para ser transportado em viaturas 4X4, uma vez que o seu sistema de amortecimento de recuo foi desenvolvido para reduzir o impacto de 30 ton para 10 ton.

³ Informação disponível do material apesar de apontar nesse sentido, não é clara quanto à possibilidade de ser transportado numa viatura VTLB 4X4.



MAJ ENG

JOSÉ HENRIQUES'

1. Plano de Atividade Operacional Militar (PAOM);
2. Plano de Atividade Operacional Civil (PAOC);
3. Pedidos Inopinados do Âmbito Militar (Inop Militar);
4. Pedidos Inopinados do Âmbito Civil (Inop Civil).

Estas missões são parte integrante da atividade operacional da BrigInt, em que o RE3, através do seu produto operacional desenvolve diversas ações das quais se destacam durante o segundo semestre de 2015:

1. PAOM e Inopinados Militar



Substituição de Cobertura no RG2/ZMA

Em apoio de diversas U/E/O, na melhoria das suas infra-estruturas através da realização de trabalhos de Engenharia no

âmbito das construções verticais e/ou horizontais. De acordo com o plano de atividade operacional, estiveram empenhados Destacamentos de Engenharia (DEng): Na substituição de coberturas no RG2 e execução de trabalhos no Forte de São Brás - ZMA; Na limpeza de duas plataformas e taludes com escavação e movimentação de inertes no CSM - Coimbra;

No apoio técnico da reparação de diversos edifícios no RAAA1 - Queluz; Na lavagem, decapagem, reboco pontual e pintura de muros de vedação exterior e pintura de Guaritas, na UnAp/BrigInt - Coimbra; Na desmatação e decapagem de um terreno do IASFA no RT-Porto;

Na execução de diversos trabalhos de reabilitação de edifícios no RI19 - Chaves; Na execução de trabalhos de manutenção na Pista VBR no RI13 - Vila Real; Na remodelação de zona desportiva e campo de futebol no RC6 - Braga; Na reabilitação de diversos edifícios no RA5 - Vendas Novas; Na reabilitação de caserna no RT-Porto e na realização de trabalhos de desmatação no RL2 - Amadora.

2. PAOC e Inopinados Civil



Frente de Trabalho de Ermesinde



Reabilitação da fachada no RA5/Vendas Novas



Frente de Trabalho do Sport Club do Porto

Sem prejuízo das tarefas essencialmente militares, foram estabelecidos protocolos de colaboração no apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações, através da realização de trabalhos gerais de apoio de Engenharia, os quais são definidos e regulados por um protocolo interministerial quinquenal (PAOC) e protocolos específicos estabelecidos com as entidades apoiadas (Inop Civil).

Assim executaram-se os trabalhos de limpeza, desobstrução, alargamento, reforço com material rochoso no muro das margens e reparação de um açude do Rio Leça em apoio da Junta de Freguesia de Ermesinde;

Foram executados reforços e regularizados os areais das praias de Mira e Espinho; Execução de trabalhos de terraplanagem e desmatagem em apoio dos Grupos Desportivo de Sanguedo e Feirense; Execução de plataforma e transporte de inertes em apoio do Sport Club do porto.

3. Protocolo com o ICNF - PLANO FAUNOS

No âmbito do protocolo estabelecido entre o Exército Português e o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Plano FAUNOS, o RE3 realizou no ano de 2015 diversos trabalhos, contribuindo para a prevenção de incêndios florestais, nomeadamente através da execução de Faixas de interrupção de Combustível e na Rede Viária de Defesa da Floresta. Assim, foram executados trabalhos no distrito de Aveiro (MN das Dunas de Vagos), no distrito de Viseu (PF de São



Intervenção na MN das Dunas de Vagos - Aveiro

Pedro do Sul e PF do Mundão) e no distrito de Vila Real (PF da serra do Alvão), num total de 29 km.



Intervenção no PF do Mundão - Viseu

4. Cooperação Técnica Militar

O RE3, no âmbito da Cooperação Técnica Militar (CTM) com países amigos e no quadro das organizações internacionais participa no projeto N°3 - Pelotão de Engenharia Militar de Construções na Republica Democrática de São Tomé e Príncipe (RDSTP).

As atividades deste projeto têm como objetivo global desenvolver e aplicar, em benefício das infraestruturas militares Santomenses, as capacidades de intervenção da Companhia de Engenharia do Exército.



Cerimónia de inauguração – Caserna Feminina

Durante este ano foi finalizada e inaugurada, pela Embaixadora de Portugal, uma caserna e respetivas instalações sanitárias para militares femininas, encontrando-se em fase de finalização os trabalhos de remodelação de várias instalações na Guarda Costeira.

Os trabalhos decorrem conforme o cronograma de trabalhos aprovado em Programa Quadro.



MAJ INF
ANSELMO DIAS

A Brigada de Intervenção (BrigInt) tem participado nas missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-Estar da população, que assenta essencialmente no apoio à Autoridade Nacional de Proteção Civil.

Na sua área de responsabilidade, cobrindo 115 concelhos do território nacio-



bora igualmente com a Proteção Civil, no âmbito do Plano Aluvião, em ações tendentes a evitar e/ou minimizar os efeitos das cheias e outras atividades relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e melhoria da qualidade de vida da população.

No âmbito do Plano Faunos, salienta-se a importância do setor florestal e a necessidade da sua preservação e desenvolvimento.

A BrigInt tem colaborado no cumprimento do protocolo estabelecido entre o Exército Português e o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas, com diversas atividades que compreendem a abertura de faixas de gestão de combustível da rede primária, reparação da rede viária florestal, bem como a vigilância de espaços florestais e o desenvolvimento de ações de sensibilização junto das populações, empenhando para o efeito 228 efetivos, 42 viaturas e 35789 Km percorridos (dados referentes a 23 de outubro de 2015).

Estes empenhamentos tiveram a participação do RE 3 na abertura e beneficiação da rede viária de Defesa da Floresta e limpeza de faixas de interrupção de combustíveis, com o RAAA 1 e RA 5 no patrulhamento, prevenção e vigilância de fogos, respetivamente.

Conforme podemos verificar a BrigInt continua a contribuir para a missão do Exército, projetando uma imagem de Exército solidário e de dupla valência, colaborando com outras instituições no apoio à proteção e salvaguarda de pessoas e bens.

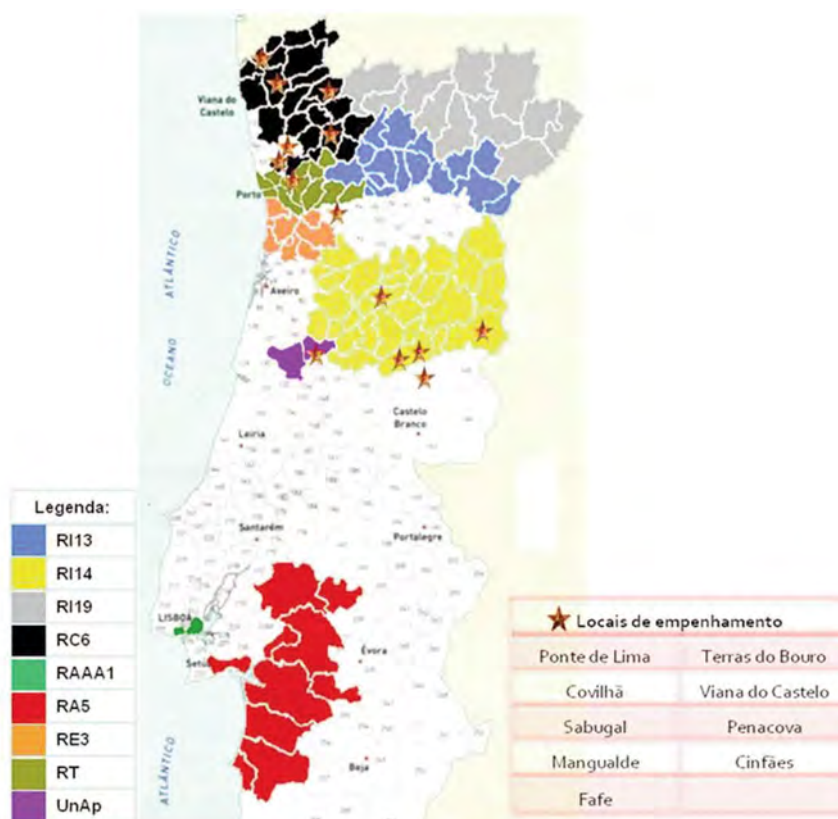


nal, através das suas unidades, está preparada para ser empregue no apoio ao combate a incêndios, através de ações de rescaldo e de vigilância pós-incêndio florestal e ainda os meios de engenharia, em operações de rescaldo ou de combate indireto a incêndios.

A BrigInt, no ano de 2015, resultante da operacionalização do Plano Lira, foi chamada a empenhar os seus meios no terreno de forma pronta e eficaz, perfazendo 15 ações, com 169 militares empenhados, 12572 km percorridos e o emprego de 34 horas por máquina de engenharia (dados referentes a 23 de outubro de 2015), com empenhamento dos RI 13, RI 14, RI 19, RC 6, RE 3 e RT.

Figuras: Militares da BrigInt em ações de rescaldo e máquina de Engenharia em abertura de faixa de interrupção de combustíveis

A Brigada, através das suas unidades, cola-



Mapa 1: Áreas de responsabilidade da BrigInt por Unidades e locais de empenhamento



MAJ ADMIL

LUIS CORREIA

*Nem tudo o que pode ser contado
conta,
e nem tudo o que conta pode ser
contado.
(Albert Einstein, Físico)*

1. Introdução

Num ambiente de volatilidade e dinamismo, cuja turbulência faz aumentar a incerteza e a ambiguidade das instituições, a assunção dos valores de uma organização por parte de um líder funcionará como uma âncora e criará uma linguagem comum que permitirá alinhar as pessoas e a liderança. Os valores são crenças duradouras que influenciam as escolhas no processo de tomada de decisão. A função de um presidente ou de um comandante é sempre a de ser um “líder heróico” que maneja o timão do negócio, apenas com as suas mãos, em direção ao cumprimento da missão. Porém, este mito, apesar de muito perpetuado, não leva em conta o longo processo de desenvolvimento da credibilidade de um verdadeiro líder. Neste ponto, os valores e os princípios sólidos e universais devem sempre vir em primeiro lugar. Os valores são importantes para se entender a liderança porque explicam o objectivo e a direcção das acções das pessoas.

Na Instituição Militar, os militares ao longo da sua carreira, sobretudo na categoria de Oficiais são formados para serem líderes, alcançando muitos, o estatuto de excelentes líderes. Essa liderança é apercebida no somatório das suas acções e atitudes perante as suas forças mas também perante a sociedade. As suas virtudes, os seus vícios e as suas paixões serão referenciados pela memória colectiva dos que os observam, avaliam, acompanham e servem.



2. Valores

Os valores não são apenas palavras. Os valores orientam e comandam o nosso comportamento e afectam as nossas experiências diárias. Normalmente, apenas lhes prestamos atenção quando sofremos um “choque de valores”, isto é, quando enfrentamos uma situação que entra em conflito com o que consideramos ser certo ou errado. As palavras e definições que utilizamos para identificar os nossos valores são particularmente poderosas para a atribuição de significados e canalização de esforços humanos, tanto a nível pessoal como organizacional. O termo axiologia, refere-se ao estudo destas poderosas palavras conhecidas como valores, e deriva do Grego axios, que significa o que é valioso, estimável ou digno de honra. Também significa “eixo”, ou seja, o ponto em torno do qual giram os elementos essenciais.

Para os países latinos, a palavra “valor” representa três significados diferentes mas complementares que para uma liderança sustentada em valores se pode categorizar nas seguintes dimensões: valores ético-sociais – crenças individuais acerca da

conduta; estão associados a valores tais como honestidade, congruência, respeito e lealdade; valores económico-pragmáticos – orientação para a eficiência, padrões de desempenho e disciplina; são necessários para manter e unir vários subsistemas organizacionais; estes valores orientam atividades como planeamento, garantia e *accountability*; valores emocionais-desenvolvimento – motivam a realização pessoal; relacionam-se com a confiança, liberdade e felicidade; a criatividade/imaginação, adaptação/flexibilidade, vida/realização pessoal, são exemplos disso.

2.1 Funções sociais dos valores

Segundo Durkheim, nenhuma sociedade se pode constituir sem “criar um ideal”. Um líder para compreender os comportamentos humanos que não constituem respostas instintivas aos desafios da natureza, é necessário avaliar a sua inspiração profunda, isto é os valores que lhe estão subjacentes.

Os valores são concepções gerais que mantêm a coesão social na medida em que são compartilhados por todos os elementos de uma organização, de um grupo ou de uma sociedade. Os valores comuns dão origem a sentimentos de solidariedade e unidade entre as pessoas, diminuindo os conflitos. A adesão a valores comuns é condição de participação num grupo ou numa sociedade – e o líder tem que ter esta noção.

Os valores determinam também, nos membros de uma sociedade ou organização, preferências e atitudes que, conjuntamente, constituem um quadro de referência que deve pautar as suas acções. A sobrevivência de um grupo social é devida ao facto dos seus membros comungarem das mesmas crenças e ideias, o que permite o equilíbrio do grupo social e a sua coesão. Muitas vezes determinadas instituições ou grupos sociais, como a Instituição Militar, têm tendência a considerar os seus valores como sendo os únicos desejáveis. Os seus elementos crêem na sua moral, no seu valor eterno e nos seus símbolos, sem se aperceberem da relatividade espacial dos valores.



2.2 Evolução dos valores

Para além da diversidade dos valores no espaço, a evolução dos valores no tempo é outro aspecto a considerar. Com efeito, uma das características mais importantes da nossa época é a evolução acelerada dos valores. Esta é favorecida por numerosos fatores, dos quais se destacam o progresso dos meios tecnológicos, a globalização, os “mass media”, a evolução económico-social, o desenvolvimento dos meios de transporte, entre outros. Como consequência multiplicam-se as relações interindividuais e interculturais dando origem a modificações recíprocas dos valores das diversas sociedades. Também o líder tem que se aperceber da evolução dos valores e não permanecer estagnado aos valores que o educaram ou que lhe impuseram já há diversos anos. O sistema de valores na Instituição



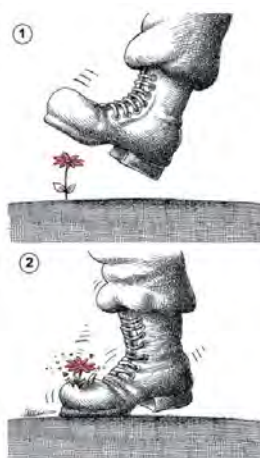
Militar ou na Igreja talvez sejam os que se podem considerar mais imutáveis ao longo de gerações. Porém, se olharmos vinte ou trinta anos para trás, apercebemo-nos que os valores que defendemos hoje seriam impensáveis nessa altura. Assim os valores também dependem dos grupos sociais, dos ideais de vida e do tipo de profissão. É esta opção de valores que leva os indivíduos a aderirem a modelos que consideram mais adequados.



Qualquer grupo social tende a manter a sua existência impondo valores que o legitimam e fortificam. O líder, com a sua forma astuta de atuar, percebe que a adesão a um valor não é resultante da lógica e da racionalidade, mas sim da mistura do raciocínio e de certa carga emotiva. É aqui que o líder move influências para seguirem os seus valores, mas também para o seu seguimento dos valores da organização a que pertence. Aquela carga emotiva, de certa forma, poderá explicar a estabilidade dos valores no tempo e a resistência que, normalmente, uma mudança de valores encontra numa sociedade. É desta forma que muitas vezes os valores que vigoram numa sociedade ou organização podem pôr em causa a mudança.

No seio das estruturas económicas, políticas e sociais, estáveis, os seus líderes tentam sempre instaurar uma nova ordem, outra moral e outros modelos. Esse novo sistema de valores pode tornar-se um fator de evolução. Se as tensões forem muito fortes, as suas estruturas podem ser modificadas, possibilitando o estabelecimento de um equilíbrio diferente do anterior, baseado num conjunto de ideias, consubstanciadas nos valores variantes que se opõem aos valores dominantes até então nessa organização ou sociedade.

Uma vez enraizados, os valores determinam um conjunto de normas que estão mais ou menos interiorizadas nos indivíduos e daí a sua vital importância para uma liderança eficaz. De facto, a maioria das atividades, sobretudo as sociais, são condicionadas por normas, isto é, os homens decidem atuar dentro de um contexto de regras que são aceites por todos e que muitas vezes são anteriores ao indivíduo, pois já existem quando ele surge na sociedade. O seu não cumprimento pode originar a reprovação, uma sanção ou mesmo a expulsão do grupo.



3. A liderança e a necessidade de valores

Numa organização, seja qual a forma ou dimensão que tiver, a obrigação de reconhecer o valor individual e coletivo dos colaboradores na avaliação do seu sucesso já não é uma opção mas sim uma obrigação. Este é um dos grandes riscos que correm aqueles a quem lhes foi atribuída a liderança: o de menosprezar tanto a influência das pessoas como a da cultura da organização na qual eles estão integrados. Está mais do que confirmado de que a forma como as pessoas são geridas proporciona um retorno maior do investimento do que propriamente as novas tecnologias, investigação e desenvolvimento, estratégias competitivas ou iniciativas de qualidade, possibilitando vantagens de recrutamento e retenção às instituições que demonstrem políticas flexíveis e inovadoras. As práticas tradicionais de liderança e de controlo reprimem a chama da criatividade, essencial para a inovação e adaptação a um ambiente diverso e para uma competição bem sucedida. Os modelos rígidos de gestão baseados no controlo hierárquico dos colaboradores sob condições de relativa estabilidade, tanto externa como internamente constituem uma base pouco firme para as organizações atuais, no tumulto da mudança global e tecnológica. A estabilidade tem que ser criada dentro de uma organização e estar imbuída numa cultura que preserve o melhor do seu passado e que simultaneamente procure novas formas de pensar e de agir. A maioria das pessoas concorda com esta preposição teórica, no entanto colocá-la em prática é outra questão.



Determinar quais os valores e crenças a mudar, como e quando iniciar o processo de mudança, o quão longe o levar e, mais importante, como liderar e impulsionar a mudança cultural sem resultar num colapso total, é um desafio com grandes obstáculos. A transformação de valores numa grande organização é, indiscutivelmente, o mais difícil de todos os desafios da gestão. A exploração dos valores na liderança é sem dúvida uma dessas ferramentas.

Na mudança cultural sem resultar num colapso total, é um desafio com grandes obstáculos. A transformação de valores numa grande organização é, indiscutivelmente, o mais difícil de todos os desafios da gestão. A exploração dos valores na liderança é sem dúvida uma dessas ferramentas.

No passado, o progresso de qualquer entidade, determinava-se basicamente pela sua capacidade de crescer, enriquecer ou tornar-se mais rápida. No mundo global do século XXI, e no despertar de escândalos corporativos, guerras, desastres naturais, o progresso e o sucesso vão também na direção da avaliação do que é essencial à nossa humanidade – os nossos valores. Os líderes e os gestores estão porventura a enfrentar o maior desafio da história, ou seja, como criar e manter organizações bem sucedidas com base no que é bom tanto para os negócios como para as pessoas e sociedades. De facto, moldar, desenvolver e recompensar adequadamente o alcance desta missão tripartida está a tornar-se rapidamente a tarefa mais importante de um líder que deseje promover o comportamento direcionado para o sucesso corporativo.



Uma fonte vital da vantagem competitiva consiste em harmonizar as crenças e os valores dos proprietários e dos colaboradores de uma empresa. O que é que pode melhor motivar o desempenho ou reforçar uma organização, mesmo que pequena, do que valores genuinamente partilhados e vividos? Porém, apesar de ser uma verdade aceite, quantas empresas podem de facto articular os princípios de ação ou valores essenciais que guiam atividades e comportamentos laborais diários? Aprender a colocar estes princípios em prática poderá ser a informação mais importante para os líderes e gestores de organizações deste século XXI.

Não é então surpresa que a Liderança orientada por valores se esteja a tornar rapidamente no principal orientador do “como” desenvolver uma cultura mais sustentável, competitiva e humana. Os líderes mais eficazes serão sem dúvida aqueles cujos valores são mais parecidos com os valores da organização, em comparação com aqueles que têm mais conhecimento sobre o *core business* da organização onde trabalham. Isto revela que o talento e o trabalho duro não conseguem superar as diferenças fundamentais dos valores individuais dos líderes e gestores, daqueles que constituem a mão-de-obra.

4. A importância dos valores na liderança militar

A qualidade da liderança é essencial para a sobrevivência e progresso das organizações.

O exercício da Liderança é um processo percebido de modo diferente conforme o contexto da atividade, a posição do observador, a sua matriz cultural, a educação e as expectativas dos seguidores ou subordinados. Os efeitos da globalização e a tecnologia causaram alterações significativas na visibilidade e natureza dos conflitos, com implicações notórias na segurança internacional. A tomada de consciência sobre as “novas” ameaças globais com que o poder militar tende a ser confrontado (terrorismo transnacional, corrupção, crime organizado, narcotráfico) provoca alterações profundas na rotina das organizações militares. No passado, as ameaças estavam claramente identificadas, eram geralmente duradouras e estavam circunscritas geograficamente, permitindo assim o planeamento e desenvolvimento das opções adequadas às capacidades e intenções do adversário. Presentemente, os adversários são outros, invisíveis, próximos, presentes, fluidos, latentes...

Na Instituição Militar, os militares regem-se por valores e aceitam as exigências e restrições da condição militar; os militares confiam na unidade, coesão e disciplina das Forças Armadas. O Valor Militar resulta da conjugação de certas virtudes, tais como: intrepidez, honra, lealdade, constância, abnegação, resignação, firmeza, camaradagem, espírito de corpo que, elevadas ao mais alto grau, caracterizam os bravos e distinguem os heróis. As características pessoais que, ao longo da carreira militar, vão elevando os potenciais líderes ao estatuto de excelentes líderes transparecem no somatório das suas ações e atitudes perante a sociedade. As suas virtudes, os seus vícios e as suas paixões serão referenciados pela memória coletiva dos que os observam, avaliam, acompanham e servem. No entanto, existem porém também muitos homens e mulheres, com excelentes qualidades de liderança, mas que optam por viver vidas

mais serenas, com propósitos muito nobres, mais empenhados em propagar, uns por palavras, outros pelo exemplo, o conjunto de valores universais que passam de geração em geração – também são verdadeiros líderes, mas a uma escala inferior.



O distanciamento que os militares têm sobre a temática da liderança depende também do grau de envolvimento e preocupação com que vivem o prestígio e a prosperidade da instituição que servem, dos seus propósitos, da satisfação dos seus subordinados que, de forma séria e empenhada, dedicam à mesma muito das suas vidas. O reconhecimento deste aspeto é um assunto que, podendo estar presente no espírito de muitos, só alguns poderão influenciar e muito poucos estarão dispostos a assumir com total entrega, conscientes das adversidades que essa atitude acarreta. Aqueles que verdadeiramente se “aventuram” em carregar o ónus de liderar comprometem-se tanto com a tarefa como com as pessoas e, durante o processo de crescimento do líder, surgirão situações que o farão oscilar na balança do compromisso. Uma vez para um lado da missão, outras vezes para as pessoas.

A conflitualidade pode ser frequente e incontornável, mas faz parte do processo. Aquilo que permite ao líder superar as dificuldades não é apenas o conhecimento e o treino da arte de liderar, embora sejam fundamentais. São sim as raízes profundas materializadas na integridade, visão, respeito pelos outros, criatividade, determinação em realizar as tarefas, coragem física e intelectual e numa constante necessidade de autoavaliação.

5. A Liderança e a Conflitualidade de Valores nas Operações de Apoio à Paz

A ONU, cujo principal propósito é manter a paz e a segurança internacional, há muito que reconheceu a necessidade de possuir recursos disponíveis, para que, após a emanação de resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), se responda rapidamente às solicitações do mandato e mitiguem as ameaças que colocam em risco a segurança e a paz mundial. Neste quadro a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (UE) estão também disponíveis para contribuir com forças treinadas, equipadas e motivadas para as missões da ONU. A natureza destas missões militares e a forma como forças militares de pequena dimensão, geralmente pertencentes a países pequenos, se integram em unidades maiores, lideradas por um terceiro país, provocam uma matriz de valores culturais tão vasta, cuja liderança impõe



a necessidade de um estilo particular de atuação, de forma a não causar degradação no desempenho.

A diversidade de contextos em que a comunidade internacional é chamada a intervir com forças militares ou mistas obriga a uma reflexão sobre as implicações que as diferenças culturais têm no processo de liderança.



Ao líder ou comandante da força conjunta impõe-se a aceitação da multiplicidade cultural das suas subunidades bem como a sua compreensão e de certo modo a modificação da sua forma de atuar para não ferir costumes e tradições, que possam fazer parte do quadro de valores das diversas Nações.

Esse estilo particular de liderança – de conhecimento, de aceitação e de valorização das diferenças culturais é tão fundamental como o cumprimento da missão.

Além deste esforço adicional por parte da liderança, ainda há outros obstáculos a vencer. Na sua maioria relacionam-se nas formas de atuação dos militares para interagir com ameaças desmaterializadas e em ambientes que, frequentemente, obrigam ao contacto direto com pessoas e populações de costumes e culturas muito diferentes – por exemplo as Operações Civil-Militar (CIMIC).



Estas formas de atuação, mais próximas de ações de policiamento que do combate, permitem a interação das gentes com os agentes da mudança, mas distanciam-se do exercício da liderança militar clássica. Estes obstáculos a vencer enquadram-se no processo de liderança, o qual será necessário para transformar as mentalidades, começando por reconhecer as diferenças culturais entre os intervenientes no processo.

Por outro lado, uma realidade bem patente reside no facto de essa universalidade de valores da ONU também facilitar a mobilização da comunidade internacional e da opinião pública para delinear as formas de atuação possíveis. O “toque de caixa” do comandante, para uma liderança de sucesso nesta mescla de culturas assentará sempre em valores universais incontestados, bem conhecidos e aceites por todos: integridade, respeito, compromisso, dedicação e competência. O estilo pessoal, a forma de comunicar e interagir, podem ser distintos e adaptados ou não à diversidade cultural dos elementos da força, mas os princípios básicos da Liderança são universais.

6. Considerações Finais

A Liderança é, sobretudo, influência. E este efeito, omnipresente nas sociedades ocidentais, é cultural. A nossa cultura produz um efeito de liderança virtual que nos condiciona a razão, o comportamento e as emoções. É isso que nos torna humanos e diferentes. São as raízes profundas, os valores inculcados no nosso processo de crescimento como ser humano, que moldam a nossa mente e nos possibilitam assumir o papel que melhor servirá a situação e a consciência. O líder de si próprio é também o melhor seguidor. O líder deve querer saber quem pensa e o que pensam as mentes que o rodeiam. Quais os seus interesses e expectativas, de que forma são condicionados os comportamentos, como influenciam as opiniões. O conhecimento desta realidade é essencial para o processo de liderança porquanto permite perspectivar a ordem das prioridades a favor da missão ou das pessoas e determinar o ponto de equilíbrio que maximiza esta relação.

É indiscutível que as forças culturais influenciam as preferências do comportamento de liderança numa determinada coletividade. A consistência do líder com os valores dessa coletividade torná-lo-á mais convincente e eficaz do que comportamentos que denotem estar em conflito, pois a sua sociedade não está indiferente ao estilo de liderança a que está sujeita. Têm preferências em função da sua matriz cultural. A violação de valores pelo líder resulta quase sempre na insatisfação, conflito e resistência por parte dos seus seguidores ou subordinados e, frequentemente, conduz a uma quebra de performance na liderança dos seus escalões intermédios e dos seus subordinados.

Por outro lado, certos comportamentos atípicos do líder podem ter um impacto muito positivo no desempenho das organizações. Muitas vezes as organizações e os seus seguidores, são induzidos pela introdução de novos valores, técnicas e padrões de comportamento, normalmente diferentes dos utilizados até então. O carácter inovador de certas medidas e a sua aceitação traduzem-se na grande maioria das vezes em melhoria do desempenho. Portanto, aquilo que vai ser determinante nas sociedades modernas quanto à escolha dos líderes para este século XXI são as expectativas do comportamento dos seus líderes relativamente ao seu mérito. As sociedades esperam que seja o mérito a condicionar os aspectos de avaliação e compensação das pessoas em organizações modernas.

Também na Instituição Militar, a adaptação de atitudes de liderança mais flexíveis, através da utilização de estilos diferentes para pessoas e situações diferentes sem perder a coerência, contribuirá para um aumento da satisfação e motivação dos subordinados e consequente desempenho profissional. Os Oficiais, como elementos colocados em posições estratégicas da organização têm uma responsabilidade acrescida na condução destes processos de mudança. Somos nós que tornamos possível ou impossível a mudança. A principal diferença entre um líder militar e um subordinado, é a capacidade de aquele ter uma visão do futuro, estabelecer objetivos e conservar o entusiasmo por eles.



MAJ ART
ALVARO SANTOS

1. Introdução

O fim da Guerra Fria marcou para sempre a história da humanidade. A esperança num futuro pacífico e estável cedo se mostrou uma realidade utópica (Duffield, 2007). De facto, assistimos a uma década de convulsão desconcertante caracterizada pela mudança, incerteza e conflitos (Jones, 1999) internos e regionais nas periferias onde o subdesenvolvimento, a pobreza, competição por recursos, exclusão social, criminalidade, (Duffield, 2007) foram fontes dos conflitos negligenciadas (Lynn-Jones; Miller, 1995). Um novo tipo de conflitos, que emergiram sobretudo em África e na Europa de Leste a que Mary Kaldor (2012) chamou de “novas guerras”¹. Novas guerras, dada a sua natureza política, dada a dificuldade de fazer a distinção entre guerra – definida como a violência armada entre Estados – e crime organizado – violência perpetrada por grupos privados com motivos privados, geralmente financeiros – cuja ação resultou na violação em larga escala dos Direitos Humanos. Novas guerras que envolveram atores estatais e não-estatais em que os civis se tornaram as vítimas principais da violência armada (La Haye, 2008). Este artigo, procura apresentar de forma muito sucinta o modo como a sociedade internacional respondeu a esta realidade, quais os constrangimentos ao nível internacional para o uso da força. Apresenta-se ainda um novo princípio concebido para gerar consenso a fim de legitimar o uso da força com propósito humanitário.

2. Uso da Força com propósito Humanitário

Por forma a aliviar o sofrimento humano e a contribuir para os esforços de paz e segurança internacionais, a sociedade internacional respondeu com intervenções militares concebidas dentro do quadro da “paz liberal”. Missões mandatadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), conduzidas com o objetivo de prevenir o ressurgimento ou a escalada do conflito violento e estabelecer a paz duradoura e autossustentável. Envolveram uma grande diversidade de atores internacionais (Paris, 2004), onde Portugal também deu o seu contributo, nomeadamente com Forças Nacionais Destacadas, com elementos para integrar os Quartéis Gerais das Forças Multinacionais e elementos que desenvolveram ações de Cooperação Técnico-Militar para transformar forças irregulares em exércitos convencionais. Damos especial ênfase aos teatros de operações da Bósnia, Kosovo e Timor-Leste onde a Brigada de Intervenção marcou presença e deu o seu contributo efetivo.

No entanto, o uso da força não tem sido um assunto consensual na agenda internacional. Desde logo, o emprego de forças militares em missões de paz não reflete o carácter natural do emprego do instrumento militar, entendido na sua forma tradicional de defesa da soberania e do interesse nacional (Duffield, 2007). Adicionalmente, questões de legitimidade, moralidade, legalidade têm sido objeto de ampla discussão quer entre académicos, quer entre decisores sobretudo na década de

90. A sociedade internacional demonstrou momentos de hesitação ou incapacidade de agir com celeridade e eficácia. Gerou-se uma falta de consenso endémico, sobre como responder, sobretudo nas respostas que requerem intervenções militares. Uma discussão entre os apologistas da intervenção humanitária – Doutrina Direito de Intervir – defensores dos Direitos Humanos e aqueles que defendiam a qualidade da soberania estatal (Evans, 2008; Butler, 2011).

Chegando aqui, é lícito questionarmo-nos sobre o que afinal está em causa? O que dificulta o emprego do instrumento militar com propósito humanitário? O que divide a sociedade internacional no momento de tomar decisões? Não há opções perfeitas, o que há é escolhas difíceis. E as escolhas são políticas e têm por certo objetivos. E para cumprir determinados objetivos políticos é preciso empregar o instrumento militar. Voltamos aqui à velha máxima Clausewitziana “a guerra é a continuação da política por outros meios”.

Mas vejamos, a ordem internacional estabelecida pela Paz de Vestefália, em 1648 e fortalecida em 1945 pela Carta das Nações Unidas limita o uso da força à autodefesa dos Estados. Comitadamente o CSNU, de acordo com o capítulo VII da Carta, tem poder para autorizar o uso da força para manter a paz e segurança internacional. No entanto, há grande controvérsia quanto à capacidade do CSNU autorizar intervenções recorrendo ao uso da força com propósito humanitário.

O uso da força pode ser o último recurso para garantir o respeito pelas normas de Direito Internacional Humanitário que evoluíram desde o Holocausto, no entanto este figurino muda consideravelmente os princípios de não-intervenção e abstenção do uso da força. Se a intervenção pode ser considerada em termos de interferência nos assuntos internos de um Estado, por outro lado, não intervir pode ser considerado indiferença moral (Wheeler, 2003).

A fórmula encontrada até ao momento para gerar consensos, ultrapassar o consentimento foi olhar para a soberania como responsabilidade e não apenas como autoridade. Responsabilidade nacional e responsabilidade internacional. Daqui nasceu um conceito denominado Responsabilidade de Proteger (R2P)², proposto pela Comissão Internacional para a Intervenção e Soberania Estatal (ICISS)³ em 2001 com a preocupação de garantir o respeito pela soberania estatal e o respeito pelos Direitos Humanos. Consideraram-se as questões de legalidade, legitimidade, proporcionalidade de meios, questões políticas e operacionais da intervenção militar com propósito humanitário.

Uma fórmula focada na transformação do padrão “Direito para Intervir” no novo padrão “R2P” que engloba as responsabilidades de prevenir e reagir aos conflitos e reconstrução pós-conflito (ICISS, 2001; Weiss, 2013: 763). Este conceito foi aceite pelos Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU), na Cimeira Mundial em 2005 e transformado num princípio para gerar consenso em vez de divergência.

¹Tradução de “new wars”.

² R2P – abreviatura de Responsibility to Protect.



Um princípio orientador de esforços da comunidade internacional, através do CSNU para proteger civis dos crimes de genocídio, limpeza étnica, crimes de guerra e crimes contra a humanidade em conflitos armados (AGNU, 2005: 30) assente em três pilares. Primeiro, o estado é o primeiro responsável pela proteção de civis nacionais e não nacionais dos crimes acima mencionados ou do seu incitamento. Segundo, assistência internacional que significa o compromisso da sociedade internacional a assistir os estados a reconhecer as suas obrigações. Terceiro, resposta decisiva e atempada que representa a capacidade de intervenção dos estados-membros do CSNU a responder coletivamente quando um estado manifestamente falha na proteção de civis. Uma estratégia que valoriza a prevenção e quando esta falha, a resposta rápida e flexível à medida das circunstâncias específicas de cada caso. Inclui medidas pacíficas ao abrigo do Capítulo VI da Carta das Nações Unidas e medidas coercivas ao abrigo do Capítulo VII e/ou colaboração com Acordos Regionais ao abrigo do capítulo VIII (idem., 2009).

Este princípio foi aplicado pela primeira vez pelo CSNU em 2011, através da resolução 1973 que autorizou o recurso a todos os meios para terminar com a violência perpetrada por Muammar Al-Qadhafi sobre o povo líbio. Ao abrigo desta resolução foram planeadas e conduzidas duas operações militares. Operação ODYSSEY DAWN executada por uma coligação de forças dos Estados Unidos da América, Canadá, Inglaterra e França, e a operação UNIFIED PROTECTOR executada pela North Atlantic Treaty Organization (NATO) para proteger civis.

Foi implementada uma democracia e as Nações Unidas estabeleceram uma missão (UNSMIL)⁴ para apoio aos esforços nacionais líbios na reconstrução pós-conflito. Contudo, quatro anos após a intervenção militar na Líbia a violência não terminou. A Líbia vive numa situação de guerra civil. Se em 2011 a preocupação era a proteção de civis, atualmente a preocupação é a segurança estatal, onde a construção de instituições nacionais capazes de controlar a violência interna, as fronteiras, o desarmamento dos grupos envolvidos no conflito, bem como o controlo dos campos de petróleo são fatores fundamentais para os esforços de paz e segurança nacional, regional e internacional (Kuperman, 2013; CSNU, 2011, 2015).

3. Conclusão

Com o fim da Guerra Fria os conflitos intraestatais ganharam maior visibilidade ao nível internacional. As novas guerras foram percecionadas como uma ameaça à paz e segurança internacional que consubstanciaram a ação coletiva ao nível securitário dos Estados na resposta ao alívio do sofrimento humano. Neste domínio, a Organização das Nações Unidas tornou-se como o fórum multilateral por excelência para gerar consensos para o uso da força nos esforços de paz e segurança internacional.

A aplicação do uso da força sem consentimento num Esta-

do soberano é fortemente condicionada pela natureza da ordem internacional do modelo Vestefaliano e fortalecida pela Carta das Nações Unidas. Questões de legitimidade, legalidade, moralidade são preocupações essenciais na justificação do uso da força por parte de atores externos.

A metamorfose concetual “Direito de Intervir” – “R2P” surge como resposta não só à falta de consenso endémico dos Estados para o uso da força em Estados Soberanos com propósito humanitário, mas também corresponde a uma mudança de linguagem “arrogante” para uma linguagem mais sofisticada e adequada ao mundo moderno. Contudo, dada a realidade Líbia, verificamos que não basta encontrar teorias que suportem consensos cooperativos para o uso da força. O nexó entre teoria formulada e práticas estabelecidas para alívio do sofrimento humano, sobretudo nas fases de prevenção e reconstrução pós-conflito deve ser efetivo, onde abordagens multidisciplinares, multiculturais, profundas e abrangentes têm maior potencial de eficácia para os esforços de paz e segurança internacional. Desta forma contribui-se certamente para um mundo mais igualitário, adaptando as esferas de atuação política, económica e securitária ao mundo moderno, onde as estruturas, os processos e as ideias desempenham um papel relevante além das capacidades materiais dos Estados

Bibliografia

AGNU: Assembleia Geral das Nações Unidas (2005) *World Summit Outcome*. Nova Iorque: AGNU, A/RES/60/1. <http://www.un.org/womenwatch/ods/A-RES-60-1-E.pdf> [7 de maio de 2015].

AGNU: Assembleia Geral das Nações Unidas (2009) *Implementing the responsibility to protect*. Nova Iorque: AGNU, A/63/677. <http://responsibilitytoprotect.org/SGRtoPEng%20%284%29.pdf> [7 de maio de 2015].

Butler, Karina Z. (2011) *A Critical Humanitarian Intervention Approach*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

CSNU (2011) *Resolution 1973*. Nova Iorque: CSNU, S/RES/1973. [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1973\(2011\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1973(2011)) [7 de maio de 2015].

CSNU (2015) *The situation in Libya*. Nova Iorque: CSNU, S/PV.7387. http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/PV.7387 [7 de maio de 2015].

CSNU (2015) *The situation in Libya*. Nova Iorque: CSNU, S/PV.7398. http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/PV.7398 [7 de maio de 2015].

CSNU (2015) *The situation in Libya*. Nova Iorque: CSNU, S/PV.7420. http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/PV.7420 [7 de maio de 2015].

Duffield, Mark R. (2007) *Global Governance and The New Wars: the merging of development and security*. London: Zed Books.

Evans, Gareth (2008) *The Responsibility to Protect: Ending Mass Atrocity Crimes Once and For All*. Washington: Brookings Institution Press.

ICISS: International Commission on Intervention and State Sovereignty (2001) *“The Responsibility to Protect”* <http://responsibilitytoprotect.org/ICISS%20Report.pdf> [7 de maio de 2015].

Jones, Richard Wyn (1999) *Security, Strategy, and Critical Theory*. Boulder: Lynne Rienner Publishers.

Kaldor, Mary (2012) *New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era*. 3rd Edition. Cambridge: Polity Press.

Kuperman (2013) *“A Model Humanitarian Intervention? Reassessing NATO’s Libya Campaign”* *International Security*, 38(1), 105-136.

La Haye, Eve (2008) *War Crimes in Internal Armed Conflicts*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lynn-Jones, Sean M.; Miller, Steven E. (1995) *Global Dangers: Changing Dimensions of International Security*. Cambridge: MIT Press.

Paris, Roland (2004) *At War’s End: Building Peace After Civil Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press.

Weiss, Thomas G. (2013) *“The Responsibility to Protect (R2P) and Modern Diplomacy”* in Cooper, Andrew; Heine, Jorge; Thakur, Ramesh (eds.) *Modern Diplomacy*. Oxford: Oxford University Press.

Wheeler, Nicolas J. (2003) *Saving Strangers: Humanitarian Intervention in International Society*. Oxford: Oxford University Press.



SCH INF

CARLOS TEIXEIRA

Inserido no Exercício internacional TRJE15 e sob o Comando do Coronel Michel-Henri Saint Louis, Comandante da 5ª Canadian Mechanized Brigade Group, decorreu no dia 21 de Outubro no Campo Militar de Santa Margarida, a Parada da Brigada Multinacional, materializando a transferência de Autoridade das Forças.



No final desta formatura, os militares presentes deslocaram-se para o quartel do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizada (Lagartas), onde os esperava uma exposição estática dos diferentes meios materiais, viaturas, equipamento e armamento usados pelas forças constituintes da Brigada Multinacional, representando para os presentes uma oportunidade ímpar de recolha de experiências, bem como a possibilidade de participarem e de interagirem num conjunto de atividades desportivas, como o hóquei, a tração da corda e o futebol de 5, visando com isto, um salutar convívio entre todos, cultivando a sã camaradagem, a interação e a comunicação, formando e fortalecendo laços de amizade entre as forças participantes e renegando para último lugar a importância dos resultados obtidos nos jogos disputados entre as equipas das forças militares aí presentes.

Durante este período de permanência do 2BIMec(R) NRF2016 em Santa Margarida, houve dois momentos que assumiram particular relevância, quer pela sua natureza significativa, quer emotiva. As promoções verificadas nas classes de Oficiais, no dia 26 de outubro e na classe de Sargentos, no dia 30.

Significativa e emotiva porque, com a anuência e conhecimento dos Comandantes das Unidades de proveniência dos militares em causa, numa breve cerimónia realizada na Parada CUAMATO do Quartel da Cavalaria, presidida pelo Coman-



dante do 2BIMec(R)/NRF2016 e perante todo o seu efetivo, foram promovidos 5 Oficiais e 11 Sargentos na presença daqueles que servem sob seu comando e que em conjunto, partilham e servem a mesma causa, com o mesmo objetivo e missão, enchendo-lhes, a eles e a nós, o peito de orgulho.

No dia 2 de Novembro, e já no decorrer da Operação Ofensiva em execução no Exercício TRIDENT JUNCTURE15, o Coronel St-Louis, e o seu Sergent Major Stephan Despains, deslocaram-se às posições ocupadas pelos militares do 2BIMec(R), onde tiveram a oportunidade de falar aos militares aí presentes, manifestando-lhes o seu apreço e reconhecimento pela forma profissional, dedicada e competente como até então tinham desempenhado a sua missão.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

Em forma de reconhecimento e numa cerimónia bastante informal distinguiu alguns militares Lusos, presenteando-os com as conhecidas “coins”, antecedida por uma breve explicação sobre a razão para a atribuição daquela distinção, que no Exército Canadano, é usada como recompensa ou forma de premiar os militares com um desempenho assinalável, visando aumentar a moral das tropas.



São momentos como estes, que cada vez mais nos unem, nos incentivam e motivam a fazer mais e melhor, e cuja principal e constante preocupação é que juntos, tudo faremos para honrar a divisa do “Nosso” Batalhão ... *“QUE NAS ASAS DA FAMA SE SUSTENHA”!*



SCH INF
CARLOS TEIXEIRA

Este artigo tem por objetivo partilhar algumas reflexões sobre as atribuições e responsabilidade do Adjunto do Comandante de uma Unidade Escalão Batalhão.

A promoção ao posto de Sargento-Chefe (SCh), confere uma nova dimensão de responsabilidades, cujo expoente máximo se materializa no desempenho das funções de Adjunto do Comandante de um Batalhão, e neste caso, num Batalhão de Infantaria Mecanizada de Rodas que pela sua natureza, efetivo e meios, o torna especial.

O desempenho deste cargo, cujos deveres inerentes a esta função, estão institucionalmente regulamentados, quer no RGSUE¹ quer no EMFAR², deverão flexibilizar-se de acordo com a unidade tipo, tamanho e missão.

O SCh é um elemento do comando, está na dependência direta do Comandante de Batalhão, em virtude de ser o Sargento mais antigo na cadeia de comando, é responsável por, entre

suntos que digam diretamente respeito à categoria de Sargentos. Ser Sargento-Chefe adjunto do Comandante Batalhão deverá ser, por isso, e para além das atribuições referidas nos regulamentos, institucionais, e sempre em primeiro lugar, dar e ser um exemplo, porque este (o exemplo) tem efeitos mais memoráveis do que qualquer dissertação ou preleção.

O exemplo na apresentação, no atavio, no comportamento ético materializado na prática das virtudes e valores morais como a lealdade, a camaradagem, a honestidade, o profissionalismo, o espírito de corpo e o respeito mútuo.

Uniformizado desta mentalidade, o SCh está municiado com a autoridade, moral e institucional, para o desempenho das suas funções, designadamente para “...zelar pelo atavio, apresentação, conduta e disciplina dos Sargentos e Praças do seu Batalhão, de forma a garantir, através do acompanhamento atento e permanente, a eficiência e disciplina dos seus militares...”. Ser Sargento-Chefe adjunto do comandante de Batalhão éé ser como que o “tutor” dos sargentos do seu Batalhão....



outros afazeres, fornecer ao comandante aconselhamento pessoal, profissional e técnico em matéria de assuntos dos militares do seu batalhão como um todo, ser um interlocutor deste, de modo a que as orientações dadas e a informação recebida fluam entre ambos sem qualquer dificuldade;

Constitui-se também como elemento essencial de apoio à cadeia de comando, que se prolonga desde dos Sargentos-Ajudantes adjuntos das Companhias, passando pelos Sargentos de Pelotão até ao Comandante de Secção, através do qual são difundidas recomendações essenciais para o bom desempenho e um fluído funcionamento diário das subunidade, em assuntos como o atavio, a apresentação, conduta e disciplina dos Sargentos e das Praças, e ser o seu primeiro conselheiro/consultor nos as-

É estar atento e preocupado com os problemas, os anseios e as preocupações que os afligem, ajudar e contribuir se possível na sua resolução, é reconhecer a extraordinária evolução das competências e das capacidades adquiridas pelos Sargentos nas várias áreas do saber, alertando hierarquicamente para o bom aproveitamento destas, que se têm vindo a refletir num enorme incremento da qualidade do seu desempenho e na complexidade das tarefas que lhes são atribuídas, que cada vez mais fortalece a coluna vertebral dos exércitos atuais.

É imprescindível existir uma preocupação permanente do próprio Adjunto do Comandante, em envolver-se e do comandante em envolvê-lo nos acontecimentos e no processo de tomada de decisão dos assuntos da vida interna do Batalhão.



É nesta altura que, caso haja diferentes ou divergentes pontos de vista, ou discordância entre ambos, deverá apresentar os seus argumentos, com honestidade e frontalidade, para que com lealdade, uma vez tomada a decisão por parte do seu Comandante, a considere como sua.



Só assim, poderá facilmente defendê-la, apoiá-la e principalmente justificá-la tornando-se assim, um agente motivador para com aqueles que com ele privam. O sentimento de motivação do Sargento-Chefe adjunto do Comandante de Batalhão será tanto maior quanto mais ele se sentir envolvido e corresponsabilizado no processo de tomada de decisão e empenhado na sua realização.

Desempenhar esta função, é exigir a nós mesmos uma postura o mais rigorosa e vertical possível, estar ciente e ter a plena consciência de que a nossa conduta, as palavras por nós proferidas e, principalmente os atos praticados, se repercutirão e servirão de exemplo para aqueles que nos rodeiam.

Como se pode verificar, do RGSE de 1980 ao RGSUE de 2005, passando pelo EMFAR, aprovado em Junho de 2015, as funções do sargento-Chefe sofreram uma enorme transformação.



As atribuições explícitas, de carácter executivo, com influência direta no desenrolar da vida interna e diária da unidade deram lugar a um quase completo vazio de conteúdo. E se

é natural que à medida que aumenta o posto e o cargo, diminuam os deveres explícitos e aumentem os implícitos, também é suscetível de, se não houver o devido reconhecimento e atenção, o cargo se tornar, desmotivador, desinteressante e numa figura meramente decorativa, onde não será possível encontrar qualquer realização profissional.

As atribuições deste cargo, em Exércitos congéneres, e com os Sargentos-Chefes e Sargentos-Mores de outros exércitos, com quem tive o privilégio de trocar informação sobre o assunto, são muito similares.

São sempre em primeiro lugar os conselheiros diretos dos comandantes nos assuntos relacionados com os sargentos nuns, e as praças noutros, e constituírem-se como intervenientes ativos nos aspetos do atavio, apresentação, conduta, disciplina e formação dos Sargentos e das Praças.

As diferenças fundamentais residem na consideração, no reconhecimento, no respeito e nas condições disponibilizadas para o seu desempenho.

Passados trinta e nove anos sobre a criação do posto de Sargento-Chefe, e sendo-lhe desde essa data atribuído entre outras a função de Adjunto do Comandante de Unidade de escalão Batalhão, penso que existe ainda um longo caminho a percorrer, que terá sempre como farol o cumprimento da missão e o prestígio da instituição militar, no sentido de uma melhor assimilação, integração, respeito e compreensão pela hierarquia, tendente a um maior envolvimento na vida da instituição, em consonância com as suas capacidades, competências e experiência profissional.

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

¹ Art.º 12 do Regulamento Geral de Serviço das Unidades do Exército

² Art.º 273, Alínea b) do Estatuto dos Militares das Forças Armadas



AT

LURDES GONÇALVES

Realizou-se nos dias 03 e 04 de outubro pela sexta vez consecutiva no Quartel-General da Brigada de Intervenção, a VII Mostra de Doçaria Conventual e Regional de Coimbra. Para além desta mostra de doçaria, a Brigada de Intervenção acolheu também a realização do programa “Aqui Portugal” da RTP, no dia 03 de outubro, que aproveitando a ocasião, fez uma excelente divulgação da cidade e das suas tradições doceiras, tendo este obtido grande adesão popular.

No dia 04 de outubro, o evento foi abrilhantado pela atuação da Fanfarra do Exército - Pólo de Coimbra, que animou os expositores e visitantes



A sessão de abertura contou com a presença da Exma. Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Doutora Carina Gomes e do Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos.

O evento, organizado pela Câmara Municipal de Coimbra, demonstrou mais uma vez a magnífica relação existente entre o Município e a Brigada de Intervenção, o que resultou numa excelente colaboração, comprovada com a presença do Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. Manuel Machado.

A abertura das portas de Sant’Ana a este evento, serviu como elemento potenciador da adesão da população civil que esteve representada em grande número, dando oportunidade de conhecer um pouco da sua História enquanto Convento e da sua atividade atual, enquanto Quartel-General da Brigada de Intervenção.

Doçaria Conventual de Sant’Ana, tipologia e despesa

Em resultado do seu regime de clausura, as Freiras Eremitas de Santo Agostinho, nome dado a esta ordem religiosa uma vez que usavam esse hábito, viviam no Convento de Sant’Ana, dedicando-se à produção de doces e outros produtos, sendo estes depois comercializados pelo grande número de serventes e criados que habitavam na área das hospedarias.

Para além da meditação e do cultivo do pequeno horto do Convento, as Eremitas de Santo Agostinho ocupavam os seus tempos livres em tarefas de conservação e limpeza, na cópia de documentos religiosos e na elaboração de magníficos recortes de papel muito típicos dos séculos XVIII e XIX, sendo estes recortes posteriormente usados no adorno e decoração dos seus doces conventuais.

A regra de Santo Agostinho era composta por três grandes linhas de orientação monástica para a sua vida futura, assentando estas na: **obediência, castidade e pobreza**, regras estas que definiam claramente o dia-a-dia destas religiosas.

As religiosas de Sant’Ana conheceram ao longo dos tempos, períodos tranquilos e outros particularmente difíceis, a avaliar pelas referências encontradas nos Livros de Receita e Despesa. Possuíam cerca e pomar (terras de sementeira), revelando estes aspetos relacionados com aquilo que cultivavam e o montante despendido em tais trabalhos, sendo a cultura do milho a mais frequente. A botica era onde armazenavam as ervas que serviam de cura para certos males da comunidade e não raras vezes também eram procuradas por outros pacientes aos quais administravam estes remédios. Como exemplo, surge o leite de burra que era ministrado em pessoas debilitadas, servindo também como um bom cicatrizante.

Falar de Sant’Ana e não falar de doçaria conventual, seria um total desleixo, pelo que as freiras que aqui viviam, eram na sua maioria de origem nobre, o que garantia que com elas pudessem trazer alguns criados que as substituíam nas tarefas mais árduas, tendo assim mais tempo para se dedicarem à vida espiritual, à doçaria conventual e à confeção elaborada de recortes de papel e outros trabalhos.

O silêncio do convento era o local ideal para o exercício da cozinha, muitas vezes determinada pela aprendizagem no seio familiar, este aspeto servia como potenciador à troca e partilha de experiências e conhecimentos. Como atrás referido, muitas destas religiosas eram detentoras de grandes fortunas, o que possibilitava o acesso aos produtos que integravam os receiptuários.

O pagamento dos foros em géneros, tais como frutas, animais, mel, trigo, ovos, entre outros, garantia o abastecimento da sua despesa. A sua posição económica permitia-lhes a compra dos ingredientes mais caros como era o caso do açúcar e da amêndoa. As iguarias confeccionadas eram degustadas por hóspedes de elevada condição, membros da igreja e até mesmo familiares, essas iguarias, deveriam ser o reflexo da casa monástica, tentando obter o reconhecimento de quem os degustava. Para celebrar acontecimentos relacionados com a vida do convento, os doces eram oferecidos requintadamente por abadessas e prioras aos reis e altos dignitários “em 1863, as freiras do Convento de Sant’Ana também despenderam 9.420 reis, com o presente que se deo ao Paroquial do Porto pelo trabalho que a demanda da D. Emília de Noronha 12 caixas de dosses e caichaça”





Estes “desvios” trouxeram alguma inquietação, no sentido de restituir aos conventos novas regras moralizadoras. Foi neste contexto que as religiosas deram asas à sua criatividade, e delicadamente dedicaram-se à simbiose de açúcar e ovos. Criaram os pontos de açúcar o que permitia uma doçaria notável e até provocante, o que atraía aos conventos outros grupos, entre os quais, estudantes, clérigos e poetas.

Na doçaria conventual da época, não podiam faltar estes 4 ingredientes principais: Açúcar, Mel, Ovos e Amêndoa, o que permitia confeções variadas, embora o açúcar fosse o mais importante, uma vez que através dos seus pontos permitia dar novas estruturas aos doces.

O açúcar era portanto o ingrediente mais caro da época, pois também servia como remédio para cura de algumas “maleitas”. Já em pleno séc XIX era muito utilizado nas boticas dos conventos, assim por exemplo, o “Convento de Sant’Ana entre 1859 e 1865, gastou em açúcar para remédios a quantia de 5.120 réis”

Normalmente as bebidas que acompanhavam os doces, eram o chá, o café, o chocolate, os licores, principalmente o de ginja. Enquanto os conventos femininos estavam vocacionados para a confeção de doces, os masculinos produziam licores, embora as religiosas de Sant’Ana, em novembro de 1861, tivessem anotado “na fatura de agoa ardente com um carreiro que levou o bagasso ao alambique 440 réis” e em outubro do ano seguinte despendem “com os creados na factura de agoa ardente em comida e vinho 120 réis”

Para além da aguardente ou cachaça como também é chamada e que era a base de qualquer licor, também é alusiva a utilização de outros frutos tais como os figos e as ameixas.

Um dos grandes segredos da doçaria conventual, consistia no rigor da quantidade dos ingredientes, principalmente na proporção do açúcar com os ovos, rigor este que se vai perdendo nos tempos e muito do novo fabrico deixa de ter qualidade. Quando os conventos fecharam definitivamente as suas portas, algumas mulheres criaram o seu próprio negócio, fixo ou ambulante, vendendo algumas iguarias muitas delas de madres e conserveiras, surgem alguns pontos de venda localizados essencialmente em redor dos conventos.

As Arrufadas de Coimbra

Terra de tricanas e estudantes, Coimbra é considerada desde há muito “a pátria das arrufadas”, embora confeccionadas no Convento de Santa Clara e também no Convento de Celas, foi o Convento de Sant’Ana que lhes deu maior notoriedade, chegando mesmo a ser confundida com o bolo da Sant’Ana. Talvez este seja o doce mais famoso, apesar da sua simplicidade, poderá ser mesmo considerado um bolo pobre.



Os recortes de papel

Outra especialidade conventual era a lampreia de ovos que era vendida em caixas adornadas com fino papel de cor e elabo-

rados recortes. No Convento de Sant’Ana são várias as alusões à compra deste tipo de papel e caixas para acomodar os doces.

Sabe-se pois que a arte de trabalhar o papel era um dos labores em que as religiosas mais se empenhavam, servindo para decorar as suas iguarias ou encomendas. O facto de a lampreia de ovos ser vendida em caixas adornada com papel recortado vem reforçar a ideia que a cidade soube muito bem preservar os valores e saberes conventuais até hoje, embora as tradicionais vendedeiras deixassem de existir, dando lugar a diversas confeitarias, onde os doces continuam a ser comercializados.

Nas festividades religiosas que as professas organizavam nota-se um aumento de despesa, inclusive nos doces “em 1861, as freiras de Sant’Ana gastaram com arros de leite no Domingo de banquete 2.100 réis e com jantar do dia de Sant’Ana 5.249 réis”. Eram também feitas despesas com alguns “mimos”, e que se tratava de ofertas de doces a pessoas ilustres, como por exemplo, o rei.

Os doces conventuais eram considerados ricos ou pobres, consoante as suas características estruturais e os seus ingredientes: (doces de colher, bolos finos, bolos secos, fritos, compotas e confeitaria), surgem também outros mais simples e económicos (broas doces, biscoitos, folares...) e alguns que eternizaram a doçaria tradicional de Coimbra, como foi o caso das arrufadas. Surgem também alguns que hoje associamos ao Natal, chamando-lhes mesmo fritos de Natal, como é o caso dos sonhos, coscorões e velhoses. No Convento de Sant’Ana os sonhos e os pastéis eram confeccionados para presentear na altura do entrudo.

Na maioria dos casos os conventos possuíam pomares pelo que são diversas as alusões ao fabrico de compotas. Uma vez descoberto o ponto de açúcar, como já foi referido, as freiras começaram a trabalhar outro tipo de doce, surgindo este, da ligação entre a água e o açúcar que designaram por confeitaria. Surgem assim os caramelos, os rebuçados de ovos e as amêndoas, sendo no Convento de Sant’Ana que surgem diversas alusões à feitura de amêndoas para serem dadas aos anjos e outras crianças, pela festa do corpo de Deus.

Tendo em conta o grande número de doces conventuais, nem sempre foi possível apurar um receituário exato, exceto a informação que nos é fornecida pelos Livros de Receita e Despesa, ao mencionarem os custos, incluem-se apenas os ingredientes. Assim para as famosas arrufadas, as freiras de Sant’Ana, em junho de 1862 despenderam “com os preparos de arrofas de Corpo de Deus farinha açúcar ovos manteiga 53.900 réis”

Com a extinção dos conventos, foi mantida viva a prática doceira por algumas religiosas, na sua maioria para efeitos de sobrevivência, mas infelizmente perdeu-se alguma qualidade inicial, sendo a rica doçaria a mais resguardada junto da população, já que parte dessas receitas foram “sepultadas” com as próprias freiras e outras foram parar às mãos de familiares que as mantiveram em segredo, ocultando assim parte do receituário que deveria ser património de todos, preservando assim a nossa herança cultural.





COMPETIÇÕES DESPORTIVAS MILITARES NA BRIGINT



MAJ INF
ANSELMO DIAS

Conforme definido superiormente, as Competições Desportivas Militares na Brigada de Intervenção têm início com os campeonatos internos de cada unidade, seguidos de uma segunda fase, nível Brigada.

Numa sequência evolutiva, os elementos com melhores prestações e rendimento nas provas da fase II, representam a Brigada de Intervenção numa terceira fase de nível Exército. Posteriormente os melhores atletas são seleccionados para representarem o Exército na fase IV, nível Forças Armadas.

Concluída a participação nas CDM de 2015, podemos afirmar que os objetivos a que a BrigInt se propôs, com a realização e participação nas diversas fases, foram plenamente alcançados. Na dimensão humana, verificando-se uma significativa participação de atletas nas diferentes provas na fase II – Brigada e alicerçada numa sã camaradagem, um saudável espírito competitivo e um reconhecido culto de espírito de corpo que não passou despercebido ao Comando da Brigada de Intervenção.



Figura 1: Militar do RI 19
Tiro Desportivo, pistola
fase II – BrigInt.

Na dimensão desportiva salientamos a dedicação, esforço e o empenhamento dos seus militares quando representam a sua Brigada na fase III, que em muito contribuíram para a afirmação e coesão da Brigada de Intervenção.

Importa ainda referir que as competições desportivas militares têm sido um bom alicerce da componente operacional, no desenvolvimento de modalidades inerentes e/ou complementares da instrução e treino operacional.

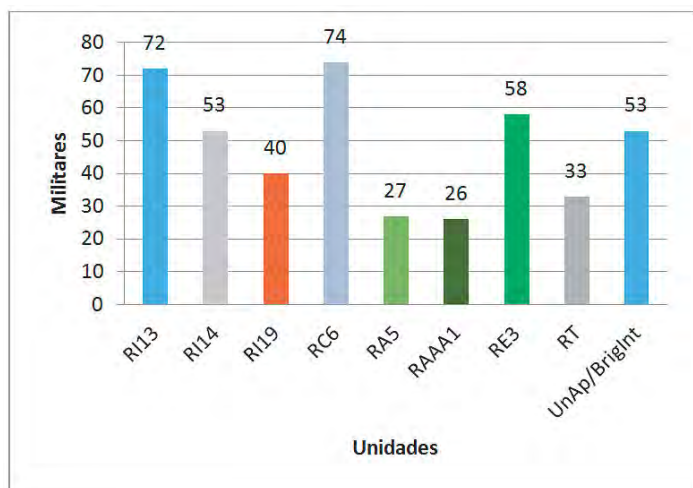


Gráfico 1 – Participação por Unidades da BrigInt nas CDM Fase II.

A fase II (nível Brigada) para além de seleccionar os mais capazes e aptos para representarem a Brigada de Intervenção na fase III – Exército, permitiu apurar o Regimento de Infantaria 13 como vencedor da Taça de “Mérito Desportivo” da Brigada de Intervenção, tendo ficado o Regimento de Cavalaria 6 em segundo lugar e o Regimento de Engenharia 3 em terceiro lugar.



Relativamente à fase III – Exército, as prestações das equipas da BrigInt, nas diferentes modalidades, contribuíram para que a Brigada de Intervenção pudesse obter mais uma vitória e alcançar a conquista do Troféu “Comando do Exército”.

Esta vitória resulta da conquista dos primeiros lugares nas modalidades de Orientação, Tiro Desportivo e Corta-mato. As segundas posições obtidas nas modalidades de Pentatlo Militar e Duetlo BTT dignificaram e reforçaram as anteriores prestações, permitindo consolidar a posição que a Brigada conseguiu alcançar, a conquista, pelo quinto ano consecutivo, do Troféu “Comando do Exército” facto que passou a ser designado, trivialmente, por “Penta”.



Figura 2: Militar da BrigInt na prova de Orientação na fase III – Exército.

Uma palavra de agradecimento e reconhecimento à forma superior com que os RI 13, RI19, RE 3, RAAA 1 e UnAp organizaram as diferentes provas para as fases II e III.



Figura 3: Equipa da BrigInt no Corta-mato fase III, 1ª Classificada na Classificação Geral.

Aproveita-se ainda, para reconhecer publicamente todos os militares que integraram as equipas representativas das suas Unidades e da BrigInt nas Competições Desportivas Militares de 2015, pela sua elevada dedicação e espírito de missão, quer durante a preparação e treino, quer nas diversas competições.



Figura 4: Troféu
Comando do Exército



CMD E UNAP

COMEMORAÇÕES DO DIA DO COMANDO DAS FORÇAS TERRESTRES E DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO



TEN RC
RODOLFO NETO

Em 2015, as comemorações do Dia da Brigada de Intervenção decorreram de 17 a 21 de junho, enquadradas nas comemorações do Dia do Comando das Forças Terrestres e constaram de:

- Exposição fotográfica de 17 a 21 junho;
- Concerto da Orquestra Ligeira do Exército em 19 de junho
- Exposição de meios no Parque Verde de 19 a 21 de junho
- Cerimónia Militar em 20 de junho



- A exposição fotográfica no Comando da Brigada de Intervenção, subordinada ao tema “Convento das Eremitas de Santo Agostinho de Sant’Anna e Aprontamento de Forças da BrigInt”, marcou o início das comemorações e contou com a inestimável colaboração do grupo “Encontros Fotográficos de Coimbra”, englobando trabalhos de todos os membros do grupo alusivos ao Convento, bem como fotografias da participação da Brigada de Intervenção em Forças Nacionais Destacadas. Esta exposição seria transferida para o Museu da Água, no Parque Dr. Manuel Braga, onde permaneceu até ao final das comemorações.



A exposição de meios e capacidades no Parque Verde da cidade, onde estiveram expostos, uma Torre Multiatividades, 3 VBR PANDUR II nas versões, IFV (Infantry Fighting Vehicle), ICV (Infantry Carrier Vehicle) e CPV (Command Post Vehicle), um OBUS 15,5 mm, uma viatura Antiaérea CHAPARRAL e uma viatura blindada ligeira (HMMWV) de Comunicações. Todos estes meios estiveram à disposição da população conimbricense para serem visitados.



Ainda nesse dia, foi realizado, no Jardim da Sereia, um concerto que contou com a presença muito significativa da população conimbricense, e que juntou a Orquestra Ligeira do Exército ao Coro Alma de Coimbra. Este concerto traduziu a proximidade à sociedade civil que o Comando da Brigada de Intervenção tem defendido ao longo dos anos e que pretende continuar a incentivar.



O ponto alto das comemorações teve lugar em 20 de junho, com a realização da cerimónia militar, na Avenida Emídio Navarro, presidida por Sua Excelência o Gen CEME, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.



A parada contou com a participação de mais de 600 militares e 45 viaturas, entre as quais 37 VBR PANDUR II 8x8 das várias Unidades Operacionais da Brigada de Intervenção, nomeadamente do 2BIMec(R), GAM, GAC, CEng, BAAA, CTm e NSE e terminou com um desfile motorizado das Forças em Parada.

A população conimbricense compareceu em elevado número para assistir à cerimónia militar e ao desfile, associando-se assim de forma muito expressiva ao Comando das Forças Terrestres e à Brigada de Intervenção na comemoração de mais um aniversário.

O Comando das Forças Terrestres e a Brigada de Intervenção promoveram desta forma, uma excelente oportunidade para a população civil conhecer algumas das capacidades operacionais do Exército.

Depois da cerimónia, seguiu-se o almoço convívio no Aquartelamento de Sant'Anna, que reuniu as entidades convidadas bem como todos os Militares e Civis que prestam serviço no Comando e Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção. O desenvolvimento e coordenação de todas estas atividades, evidenciaram, mais uma vez, a capacidade de realização da Brigada de Intervenção enquanto Grande Unidade do Sistema de Forças do Exército e a prontidão para o cumprimento das missões e tarefas atribuídas pela estrutura superior do Exército.

CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DO CMDT DA CCS DA BRIGINT



Em 13 de outubro de 2015, tomou posse, como Comandante da Companhia de Comando e Serviços do Comando da Brigada de Intervenção, o Capitão de Cavalaria Miguel Ângelo da Costa Jorge.

A cerimónia realizou-se na Parada Coronel Médico Aurélio dos Reis, no Aquartelamento de Sant'Anna e contou com a presença de todos os militares da Companhia de Comando e Serviços.



ENCONTRO DE CAPELÃES DAS FORÇAS ARMADAS E DE SEGURANÇA NO COMANDO DA BRIGINT

Em 21 de outubro de 2015, no Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt), um encontro de Capelães das Forças Armadas e de Segurança que contou com a presença com S. Exa. Reverendíssima D. Manuel Linda, Bispo das Forças Armadas e de Segurança.

O encontro iniciou-se com a apresentação de cumprimentos ao Exmo. MGen Comandante da Brigada de Intervenção, seguido de um brífingue sobre a BrigInt.

Depois da reunião de Capelães, seguiu-se uma missa na Capela do Aquartelamento de Sant'Anna e um almoço na Messe de Oficiais, terminando com uma troca de lembranças.

Por fim, os Capelães tiveram oportunidade de visitar alguns locais emblemáticos da Universidade de Coimbra, nomeadamente, a Biblioteca Joanina, Sala dos Capelos, Cárcere Académico e Capela.





DIA DO EXÉRCITO **CERIMÓNIA DE EVOCAÇÃO E HOMENAGEM AO REI FUNDADOR – D. AFONSO HENRIQUES**



No respeito pela tradição militar, o evento consistiu numa homenagem singela mas plena de significado onde se destaca o ritual de colocação da espada e deposição de uma coroa de flores no túmulo de D. Afonso Henriques, ao que se seguiu a Celebração Eucarística por D. Manuel Linda, Bispo das Forças Armadas e de Segurança.

As comemorações foram presididas por Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo e contaram com a presença de diversas entidades militares, civis e eclesiais.



COMEMORAÇÕES DO DIA DOS FIÉIS DEFUNTOS NA BRIGADA DE INTERVENÇÃO



uma coroa de flores no Talhão dos Combatentes pelo Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção.

No final, o Exmo. Comandante saudou os familiares dos militares defuntos e os ex-militares presentes no local que se quiseram associar a esta homenagem.

A Brigada de Intervenção, em coordenação com o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, realizou no dia 2 de novembro a Cerimónia do Dia dos Fiéis Defuntos na Brigada de Intervenção.

O evento teve início com a celebração da eucaristia na Capela do Aquartelamento de Sant'Anna pelo Capelão da Brigada de Intervenção e contou com a participação do Coro da Brigada e Fanfarra do Exército – Pólo de Coimbra.

De seguida realizou-se, no Cemitério da Conchada, o ato de Evocação e Homenagem aos Militares Fiéis Defuntos, durante a qual foi depositada



REALIZAÇÃO DO MAGUSTO DE S. MARTINHO

Realizou-se em 13 de novembro de 2015 no Comando da Brigada de Intervenção, por ocasião do S. Martinho, o tradicional Magusto, contando com a presença dos Oficiais, Sargentos, Praças e Civis que prestam serviço no Comando da Brigada de Intervenção, bem como militares na Reserva e na Reforma convidados que prestaram serviço nesta Unidade.



REUNIÃO E VISITA DO GRUPO DE TRABALHO DO SIMULADOR DINÂMICO DE CONDUÇÃO

Em 06 de julho de 2015, o Regimento de Infantaria Nº 13 (RI13) recebeu a visita do Grupo de Trabalho (GT) do Simulador Dinâmico de Condução e apoiou a realização do 5th PANDUR *Dynamic Driving Simulator Steering Board Meeting*.

Esta visita, vem na sequência da necessidade levantada na última reunião, em visualizar “in loco” a infraestrutura onde irá ser instalado o Simulador Dinâmico de Condução, de forma a avaliar as suas condições para a instalação futura do Simulador. Com o objetivo de racionalizar tempo e deslocações dos elementos do GT, foi ainda decidido realizar a 5th PDDS *Steering Board Meeting* no mesmo dia.

O GT é presidido pelo MGen Res Miguel Leitão (Chairman of the Steering Board), da General Commercial Services.

Do programa destacam-se, as boas vindas pelo Comandante do RI13, Coronel de Infantaria Fernando Pereira de Albuquerque, a visita ao RI13 com passagem pelo Auditório da Unidade, Simulador de Treino Tático de VBR PANDUR PCan 30 mm, Oficinas Auto, Arrecadações e Parques das VBR PANDUR II (8X8), espaço proposto para a instalação do Simulador Dinâmico de Condução e a realização da 5th PDDS *Steering Board Meeting*.



RI13 PROJETA PELOTÃO PARA O DISTRITO DE VIANA DO CASTELO NO ÂMBITO DO PLANO LIRA



No período de 10 a 12 de agosto de 2015, o RI13 participou com um Pelotão para apoiar no combate aos incêndios florestais (Plano LIRA) que eclodiram no distrito de Viana do Castelo.

O Pelotão foi destacado para a região da Serra D'Arga, onde realizou ações de rescaldo e de vigilância pós-incêndio, durante um período contínuo de 48 horas.

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR DE DUATLO BTT- 2015



Nos dias 10 e 11 de setembro, o RI13 organizou o Campeonato Desportivo Militar de Duatlo-BTT Fase - II Brigada de Intervenção, 2015. Esta prova que contou com a participação de 52 militares (41 masculinos e 11 femininos) oriundos das Unidades da Brigada de Intervenção, teve lugar no concelho de Sabrosa, junto da vila de São Martinho de Anta.

A classificação ficou assim ordenada:

Para a realização da prova, o RI13 contou com a prestimosa colaboração e apoio, do Município de Sabrosa, da GNR, das Infraestruturas de Portugal, da Junta de Freguesia de São Martinho de Anta e Paradela de Guiães, dos Bombeiros Voluntários de Sabrosa, do Centro de Saúde de Sabrosa, da Associação de Atletismo de Vila Real, da Associação de Ciclismo de Vila Real e do Clube de Orientação de Vila Real (ORIMARÃO).

A prova foi composta por três setores, dois de corrida e outro de ciclismo, cujas distâncias foram as seguintes: para masculinos – 5km-20km-2.5km e para femininos -2.5km-10km-1.25km.

No conjunto das provas, o RI13 sagrou-se vencedor deste Campeonato.

A Cerimónia de encerramento teve lugar na Parada “La Lys” e foi presidida pelo Exmo. 2º Comandante da Brigada de Intervenção, Coronel Tirocinado de Infantaria José António Coelho Rebelo em representação do Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos.



VISITA AO RI13 DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES DO IDN DELEGAÇÃO DO PORTO

Em 15 de setembro de 2015, o RI13 recebeu a visita do Curso de Formação para Professores - Implementação do Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz (Projeto Piloto), do Instituto de Defesa Nacional (IDN) – Delegação do Porto.

A Delegação era composta por 54 auditores e foram acompanhados pelo Adjunto da Direção para a Delegação do Porto, Tenente-Coronel José Lourenço e por um docente daquele Instituto, Professor Doutor António Duarte.

Do programa da visita, destaca-se a:

- Apresentação de boas vindas pelo Exmo. Comandante do RI13, Coronel de Infantaria Fernando M. R. Pereira de Albuquerque;
- Apresentação de um briefingue relativo às missões do Exército e do RI13;
- Visita ao Simulador de Treino Tático de VBR PANDUR II (8X8) Porta-Canhão 30 mm;
- Visita ao Parque de VBR PANDUR II (8x8);
- Visita ao Centro de Divulgação da Defesa Nacional;
- Visita ao Espaço Visitável desta Unidade.



PARTICIPAÇÃO DO RI13 NO DIA DO EXÉRCITO 2015

O Dia do Exército 2015 foi comemorado na cidade de Vila Real nos dias 18, 19 e 20 de setembro. Neste âmbito, o RI13, como unidade militar sediada na cidade de Vila Real, apoiou este evento, para além de se ter constituído como entidade primariamente responsável para a participação da Brigada de Intervenção e, portanto, ter participado com um efetivo significativo nestas Cerimónias, nomeadamente, nas Atividades Militares Complementares (AMC) com 03 VBR PANDUR II (8x8), nas Cerimónias de Inauguração e de Encerramento das AMC com uma Secção de Atiradores, na Cerimónia de Homenagem aos ex-Combatentes com um Pelotão de Atiradores, na Parada Militar com uma força apeada de escalão Batalhão representativa da Brigada de Intervenção, com uma força mecanizada de escalão Companhia a 18 VBR PANDUR II (8X8).



Das já inicialmente referidas, destacam-se ainda a preparação da Unidade para receber os militares das diferentes U/E/O envolvidos nas AMC e os militares da PE/RL2 e os convidados e entidades envolvidas e convidadas para as Cerimónias. Nesta continuação, a Unidade organizou-se no sentido de proporcionar as melhores condições ao nível administrativo-logístico, nomeadamente nos apoios em alimentação, em alojamento e em combustível, bem como no apoio das diversas atividades com os recursos humanos, materiais, infraestruturas disponíveis e necessárias. Foi ainda constituída uma força para internamente controlar e regularizar o movimento do enorme volume de viaturas envolvidas nas AMC e na Cerimónia Militar. Outros apoios foram executados, como foram os casos do transporte de cadeiras para as tribunas, os apoios à Banda do Exército e da Orquestra Ligeira do Exército, antes e após os concertos e organização do almoço oficial. A todos, o Comando do Regimento manifestou e enalteceu a sua enorme satisfação e orgulho pela forma exemplar e profissional como os Infantes do Marão (militares e civis) cumpriram as suas tarefas, contribuindo, também eles, para o sucesso destas Comemorações.

CERIMÓNIA DE HOMENAGEM AO MILITARES FALECIDOS

No dia 02 de novembro de 2015, o RI13 realizou, em coordenação com a Liga dos Combatentes – Núcleo de Vila Real, no Cemitério de Santa Iria, em Vila Real, a Cerimónia de Homenagem aos Militares Falecidos. Após a chegada das entidades militares e civis à Capela do Cemitério de Santa Iria, nomeadamente o Exmo. Comandante do RI13, Coronel de Infantaria Fernando Manuel Rodrigues Pereira de Albuquerque e o Presidente da Câmara Municipal de Vila Real, Engenheiro Rui Santos, a cerimónia iniciou-se com a celebração eucarística. As Honras Militares e a deposição das palmas de flores nos jazigos dos militares falecidos foram os dois atos que finalizaram a homenagem realizada neste Dia dos Finados. Este dia que é consagrado pela Instituição Militar à memória saudosa de todos os que, servindo as Forças Armadas, deram a Portugal a sua própria vida.



REUNIÃO DE COMANDO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

No dia 24 de setembro de 2015, realizou-se a reunião de Comando da Brigada de Intervenção (BrigInt) no Regimento de Infantaria N.º 14 (RI14). Na véspera, os intervenientes foram recebidos no RI14 pelo seu Exmo. Comandante, Coronel de Infantaria Francisco José Fonseca Rijo, seguindo-se uma visita guiada ao Museu Grão Vasco e um Jantar de Honra no Solar do Vinho do Dão oferecido pelo Comando do RI14.



A reunião propriamente dita foi presidida pelo Exmo. Comandante da BrigInt, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, na qual participaram o 2.º Comandante da BrigInt, o Chefe de Estado-Maior da BrigInt e os Comandantes das Unidades da Brigada. Paralelamente, reuniram-se também os Adjuntos dos Comandantes.

Finda a reunião, procedeu-se ao encerramento oficial da mesma, fazendo-se a entrega de lembranças da região de Viseu.

CERIMÓNIA DE COMEMORAÇÃO DO 205.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DO BUSSACO



No dia 27 de setembro de 2015, comemorou-se o 205.º aniversário da Batalha do Bussaco, cerimónia em que participou o RI14, a par de outros militares pertencentes à Brigada de Intervenção, da Guarda Nacional Republicana (GNR), e de elementos pertencentes às Associações Napoleónicas Portuguesa, Espanhola e Inglesa.

Presidiu à cerimónia, em representação de Sua Excelência o Chefe de Estado-Maior do Exército, o Excelentíssimo Tenente-General António Noé Pereira Agostinho, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército.

Esteve presente na cerimónia o Exmo. Comandante do RI14, Coronel de Infantaria Francisco José Fonseca Rijo.

A Batalha do Bussaco tem para o RI14 um significado acrescido devido ao facto de ser oficialmente reconhecida como aquela em que o Regimento teve o seu batismo de fogo.

Antes de se iniciar a cerimónia, hastearam-se com as honras regulamentares as Bandeiras Nacionais de Portugal, França e Reino Unido, nações participantes nessa Batalha.

Após receber a Alta Entidade que presidiu à cerimónia, seguiu-se uma Missa Campal, Homenagem aos Combatentes Mortos, uma palestra sobre a Batalha (proferida pelo Coronel de Infantaria Américo Henriques) e desfile do Cortejo Histórico-Militar e Religioso e das Forças Militares.

Após a cerimónia, foi feita uma reconstituição da Batalha.





CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO DIA DO ARMISTÍCIO



O Armistício, assinado à décima primeira hora do décimo primeiro dia do décimo primeiro mês, na manhã de 1918, na cidade de Compiègne, em França, pôs fim à Primeira Guerra Mundial.

No dia 11 de novembro, o RI14, em colaboração com a Liga dos Combatentes – Núcleo de Viseu, participou nas Cerimónias relativas à Comemoração do 97.º Aniversário da assinatura do Armistício da 1ª Grande Guerra, que tiveram lugar na Igreja de Santo António e junto ao Monumento ao Soldado Desconhecido, no Largo Mouzinho de Albuquerque, em Viseu.

CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DE VITRAL

No dia 11 de novembro de 2015, teve lugar no RI14 a cerimónia de inauguração de um vitral da autoria de Ricardo Leone, construído na década de 1930 e restaurado este ano. O vitral foi construído em homenagem aos antigos alunos da extinta Escola Central de Sargentos (da qual o RI14 se honra de ser herdeiro legítimo de parte do seu espólio) mortos durante a I Guerra Mundial.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

A cerimónia contou com a presença do Exmo. MGen Aníbal Alves Flambó, Diretor da História e Cultura Militar, do Exmo. Dr. Joaquim Seixas, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Viseu, do Exmo. Prof. Diamantino Amaral dos Santos, Presidente da Freguesia de Viseu, e da Exma. Dra. Isabel Ramos, dos Vitrais Isabel Ramos, entre outros. A colaboração destas entidades com o RI14 é que possibilitou o restauro desta obra tão significativa.

Esteve igualmente presente na cerimónia, uma representação de alunos da Unidade de Cadetes do Exército da Escola Secundária Emídio Navarro, acompanhados por professores e pelo Diretor da escola. Este projeto foi assim apresentado formalmente às diversas entidades presentes, tendo sido lançado às mesmas o repto para elaboração de um protocolo que a todos comprometa no apoio a que este projeto, reconhecido como uma mais-valia para toda a comunidade.

O património do RI14 e do Concelho de Viseu fica assim mais enriquecido, dada a importância simbólica e artística de tal obra. Dá-se simultaneamente cumprimento ao preconizado na Lei Orgânica do Exército (Decreto-Lei n.º 186/2014 de 29 de dezembro) no que concerne à sua missão de preservar e divulgar o seu património.



COMEMORAÇÕES DO DIA DA CIDADE E DO MUNICÍPIO DE CHAVES

No dia 8 de julho comemorou-se o Dia da Cidade e do Município de Chaves.

No âmbito destas comemorações, o Regimento de Infantaria Nº19 (RI19) apoiou a Câmara Municipal de Chaves com a realização de uma Cerimónia de Homenagem aos Heróis de Chaves.

Estiveram presentes nesta cerimónia diversas entidades do concelho, nomeadamente o Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Arqº António Cabeleira, o Exmo. Presidente da Assembleia Municipal de Chaves, Professor Francisco Viegas e a Srª Deputada da Assembleia da República, Drª Manuela

Tender, assim como algumas entidades militares das que se destacam o Exmo. TGen Rodrigues da Costa, Comandante da Academia Militar, o Exmo. MGen Aguiar Santos, Comandante da Brigada de Intervenção e o Exmo. MGen Vieira Borges, 2º Comandante da Academia Militar.

Finda a cerimónia, os Cadetes Alunos da Academia Militar que realizavam o seu exercício final de ano letivo na região de Chaves, brindaram a cidade com um desfile apeado e motorizado.



JURAMENTO DE BANDEIRA DO 2º CFGCPE/2015

No dia 09 de outubro de 2015, realizou-se no RI19, o Juramento de Bandeira do 2º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército de 2015, o qual foi presidido pelo Exmo. Comandante do RI19, Coronel de Infantaria Armando dos Santos Ramos

Testemunharam o juramento, entre outras individualidades, o Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Arquiteto António Cabeleira e o Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Prof. Francisco Viegas. Estiveram ainda presentes cerca de 200 alunos das Escolas de Chaves bem como os familiares e amigos dos militares que prestaram o Juramento de Bandeira.

As Forças em Parada, sob o comando do TCor Inf Luís Fernandes, eram constituídas pela Banda do Exército, Guião do RI19, pela Companhia de Comando e Serviços e pela Companhia de Formação a cinco Pelotões de Soldados Recrutas.



REVISTA Nº 50 DO GRUPO CULTURAL “AQUAE FLAVIAE” HOMENAGEIA MILITARES DO ALTO TÂMEGA QUE COMBATERAM NA 1ª GRANDE GUERRA MUNDIAL

Realizou-se no dia 09 de outubro de 2015 no Auditório do Centro Cultural de Chaves, a apresentação ao público da Revista nº 50 do Grupo Cultural Aquae Flaviae sob o título “A Grande Guerra e a participação dos militares do RI19 e do Alto Tâmega no Conflito”. A revista tem vários Cadernos Concelhios apensos, onde dá a conhecer os nomes dos militares que participaram na Grande Guerra, desde Chaves, Valpaços, Boticas, Montalegre, Ribeira de Pena e de Vila pouca de Aguiar e ainda o Caderno dos militares de outros Concelhos do país mobilizados pelo RI19.



A sessão de apresentação do número 50 teve intervenções do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Chaves, da Presidente da Direção do Grupo Cultural Aquae Flaviae, do Exmo. Comandante do RI19 e do autor do texto, Dr. Sousa e Silva.

Este número da Revista e respetivo Caderno Concelhio de Militares foi também apresentado em Montalegre, Boticas e Valpaços.



2º ENCONTRO DE COMANDANTES DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 19

A convite do atual Comandante do RI19, foram “convocados” os Comandantes do RI19 desde 24 Abril de 1980, a estarem presentes em 16 de outubro de 2015 na sua Unidade, para um encontro de confraternização.

Pelas 11h30 chegaram à Unidade onde foram recebidos na sala de honra do RI19 pelo Exmo. Comandante do RI19, Coronel de Infantaria Armando dos Santos Ramos, seguindo-se uma cerimónia de homenagem a todos os Comandantes já falecidos, junto ao monumento e missa na capela. Após o almoço, onde estiveram presentes o anterior e o atual Presidente da Câmara Municipal de Chaves e ainda o Presidente da Assembleia Municipal, o Exmo. Comandante do RI19 apresentou um brifingue onde todos os Comandantes puderam tomar conhecimento da Missão e atividade do Regimento. A visita terminou com a entrega de uma lembrança do Regimento a todos os Comandantes.



REGIMENTO DE INFANTARIA Nº19 CELEBRA O DIA DOS FIÉIS DEFUNTOS

No dia 02 de novembro o RI19 levou a efeito diversas cerimónias alusivas ao Dia de Fiéis Defuntos, tendo começado por realizar a Cerimónia de Homenagem aos Mortos em Defesa da Pátria com a formatura geral dos militares da Unidade.

Em seguida foi celebrada pelo Capelão do RI19, Padre António Dias, uma Eucaristia na Capela do Regimento, onde estiveram presentes o Exmo. Sr. Arquiteto Carlos Penas, em representação do Presidente da Câmara Municipal de Chaves, os Comandantes das For-



ças de Segurança, bem como os Presidentes e sócios do Núcleo de Chaves da Liga dos Combatentes, Núcleo de Chaves da Associação de Deficientes das Força Armadas e a Delegação de Chaves da Associação de Comandos.

As cerimónias terminaram com uma Homenagem aos Militares sepultados no Talhão Militar do Cemitério Municipal da Cidade de Chaves, num momento de elevada comoção e saudade.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

DIA DO ARMISTÍCIO

O Núcleo de Chaves da Liga dos Combatentes, promoveu no dia 11 de Novembro de 2015, a realização da Cerimónia de Comemoração do Dia do Armistício. O RI 19 associou-se à cerimónia, fazendo-se representar pelo Exmo. Comandante, Coronel de Infantaria “CMD” Armando dos Santos Ramos, e por uma delegação de Oficiais, Sargentos e Praças da unidade.



A Guarda de Honra, constituída por um pelotão do RI19, realizou a cerimónia de homenagem aos mortos no Monumento aos Mortos da Grande Guerra e no talhão da Liga dos Combatentes, no Cemitério “Velho” de Chaves. Estiveram presentes na cerimónia o Exmo. Sr. Arquiteto António Cabeleira, Presidente da Câmara Municipal de Chaves e inúmeros combatentes, o que muito lustre e brilho deu às cerimónias.



“SINTRA VIVA”

O Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1) acolheu, de 01 a 07 de junho, nas suas instalações, o evento cultural “Sintra Viva”, tendo o Presidente da Edilidade Sintrense, Dr. Basílio Horta, presidido à sua inauguração.

Esta atividade divulga o trabalho desenvolvido pelos Agrupamentos de Escolas Secundárias, Associações Desportivas e Juvenis, IPSS, Associações de Cultura



e Recreio com o objetivo de promover a partilha de experiências e assim contribuir para o desenvolvimento educativo, cultural, juvenil e social do Concelho de Sintra. Este é um projeto de responsabilidade conjunta desenvolvido pelos Departamentos de Educação, Cultura, Juventude e Desporto, Solidariedade e Inovação Social da Câmara Municipal de Sintra (CMS) e tem periodicidade bianual. Foi com júbilo que esta Unidade recebeu, mais uma vez, esta atividade, contribuindo para o sólido espírito de cooperação existente entre o Regimento e a CMS.



IMPOSIÇÃO DE MEDALHAS A EX COMBATENTES DO ULTRAMAR

Realizou-se em 16 de junho de 2015, na Sala de Honra do RAAA1, a primeira Cerimónia de 2015 referente à Imposição de Medalhas Comemorativas das Campanhas a Ex-Combatentes do Ultramar.

A Cerimónia contou com a presença de catorze Ex-Combatentes que serviram a Pátria nas Ex Províncias Ultramarinas da Guiné, Angola e Moçambique, dando-se ênfase e honra aos factos passados e ao historial das suas vidas nos serviços de campanha prestados, enaltecendo-se o esforço e abnegação de uma geração que tanto deu à nação sem exigir nada em troca.



EVOCAÇÃO DOS 49 ANOS DA MORTE DE MILITARES DO RAAF

O RAAA1 na qualidade de herdeiro dos costumes e tradições do Ex-Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa (RAAF), homenageou os 25 militares do RAAF que há 49 anos pereceram no combate a um incêndio na Serra de Sintra, numa cerimónia que decorreu no RAAA1, em Queluz, e na Serra de Sintra, em 07 de setembro de 2015.

A cerimónia iniciou-se com a celebração de uma missa em memória de todos os militares que perderam a vida, na Capela do Regimento, prosseguindo depois para o “Pico do Monge”, na Serra de Sintra, local onde decorreu a cerimónia militar com a respetiva homenagem aos militares falecidos. Usou da palavra o Exmo. Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia, José Costa dos Reis, evocando a abnegação e coragem dos Militares que tombaram naquele dia fatídico, tendo também sido elencadas as atividades que o Regimento desenvolve atualmente em coordenação com a Autoridade Nacional de Proteção Civil no âmbito do patrulhamento e prevenção dos fogos florestais, com especial ênfase nas Serras de Sintra e da Arrábida. A cerimónia concluiu-se com uma romagem ao local onde foram encontrados os corpos dos Militares.



No Pico do Monge, presidiu à cerimónia o Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, contando ainda com a presença do Presidente da Assembleia Municipal e do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sintra, de um representante da Câmara Municipal de Cascais, do Presidente da Junta de Freguesia de Colares, de representantes das Uniões de Freguesias de Queluz e Belas, e de Massamá e Monte Abraão, do representante do Presidente da Autoridade Nacional de Proteção Civil e do Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, entre diversas corporações de Bombeiros da Área de influência do Regimento. Alguns familiares dos Militares marcaram a sua presença, já habitual nesta efeméride, onde também agradeceram o apoio contínuo do RAAF e do RAAA1 desde a data da tragédia até aos dias de hoje.





BATERIA DE SALVAS DO RAAA1

A Bateria de Salvas do RAAA1, composta por 3 secções de obus, equipadas com o material QF Pounder-25 88mm, de origem inglesa, tem como missão a prestação de Honras regulamentares, com salvas de obus, a entidades nacionais ou estrangeiras. Des-



tacou-se esta Bateria na execução de salvas a Sua Excelência o Presidente da República, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, aquando da sua visita à Escola das Armas em Mafra em 22 de julho de 2015. A Bateria de Salvas do RAAA1 executa ainda Honras Fúnebres, sendo também solicitada para efetuar as Honras regulamentares aquando da chegada de navios estrangeiros à barra de Lisboa, junto ao monumento dos descobrimentos, em Belém.



DIA DO REGIMENTO DE ARTILHARIA ANTIAÉREA N.º 1

No âmbito das comemorações do 27.º Aniversário do RAAA1, teve lugar em 25 de setembro de 2015, no Centro Cultural “Olga Cadaval”, em Sintra, um concerto da Banda Sinfónica do Exército (BSE), que contou com uma audiência de cerca de 500 pessoas, entre militares e civis, os quais acompanharam o concerto durante 2h30m, manifestando em diversas ocasiões o seu apoio e regozijo pela prestação da Banda.

Em 01 de outubro de 2015, data do seu aniversário, realizou-se a cerimónia militar no RAAA1, em Queluz, a qual constituiu o culminar das respetivas comemorações.

A cerimónia militar foi presidida pelo Exmo. Comandante das Forças Ter-

restres, Tenente-General António Xavier Lobato Faria de Menezes, con-

tando com a presença de elevadas entidades militares e civis.

Terminada a cerimónia militar, teve lugar a atuação da BSE e uma demonstração da Bateria de Salvas do RAAA1, a qual executou salvas ao som da “Abertura 1812” de Tchaikovsky. Após os excertos musicais foi efetuada uma demonstração de capacidades de Artilharia Antiaérea, após a qual foi apresentado o Boletim de Artilharia Antiaérea 2015, produto de investigação e conhecimento de assuntos de AAA do Regimento. No final, foi efetuada uma evocação da 5ª Bateria mobilizada para Angola pelo Regimento de Artilharia N.º8, a qual motivou a origem da mais alta condecoração da qual o RAAA1 é herdeiro.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

CERIMÓNIA DA LIGA DE COMBATENTES

Na sequência da participação das Forças Armadas na organização das cerimónias comemorativas do 97º Aniversário do Armistício da I Grande Guerra, do 92º Aniversário da Liga dos Combatentes, do 41º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar e da evocação do Centenário da Grande Guerra, realizadas em Lisboa, junto ao Forte do Bom Sucesso, no dia 11 de novembro de 2015, o RAAA1 foi chamado a representar o Exército nas referidas cerimónias, integrando uma força de escalão Companhia.



Este evento, realizado pela Liga de Combatentes, contou com a presença de S. Exa o Ministro da Defesa Nacional, Dr. José Pedro Aguiar-Branco, entidade que presidiu à cerimónia e o Exmo. Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, General Artur Neves Pina Monteiro.

O RAAA1 integrou uma Guarda de Honra conjunta (Marinha, Exército e Força Aérea) com um pelotão, e participou igualmente com militares na deposição de flores em homenagem aos mortos caídos em defesa da Pátria.



EXERCÍCIOS FINAIS DE CAMPO DO 1º CFGCPE/15

De 22 a 25 de junho de 2015, o Regimento de Artilharia N.º 5 (RA5) realizou os Exercícios Finais de Campo do 1.º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército de 2015 no Polígono de Tiro de Vendas Novas.



Estes Exercícios Finais tiveram por finalidade validar os conhecimentos adquiridos durante o curso, bem como adaptar e treinar os Soldados Graduados às vivências, técnicas e perícias próprias do permanecer por período superior a 24 horas em campanha, mais concretamente numa operação defensiva, sendo que, a finalidade última deste, foi proporcionar o desenvolvimento de um conjunto de competências pessoais, sociais, funcionais e organizacionais

IMPLEMENTAÇÃO DA COMPANHIA DE SISTEMAS DE VIGILÂNCIA

No dia 01 de agosto de 2015, foi implementada a Companhia de Sistemas de Vigilância do Agrupamento de Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento, com a organização constante do Quadro Orgânico N.º 09.02.15, aprovado por Despacho de S. Exa. o General CEME de 13 de maio de 2015.

De forma a assinalar a implementação no RA5 da Companhia, realizou-se em 03 de agosto de 2015, perante formatura geral, a entrega da respetiva Flâmula pelo Exmo. Comandante do Regimento.



TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE DO REGIMENTO DE ARTILHARIA N.º 5

Em 15 de setembro de 2015 teve lugar no RA 5, a cerimónia de tomada de posse de comando do Coronel de Artilharia João Luís Morgado Silveira.

O Exmo. Comandante foi recebido na Parada D. Pedro V pelo 2.º Comandante e pelo Adjunto do Comandante, recebendo as honras regulamentares por parte da Guarda de Polícia, dirigindo-se de seguida à parada principal da Unidade, onde estava formada a Unidade na sua máxima força.



Após as forças em parada terem prestado as honras devidas foi lido, pelo Chefe da Secção de Pessoal, o despacho de nomeação “Por Escolha” do Exmo. Comandante a que se seguiu a receção do Estandarte Heráldico do RA5. De seguida, o Exmo. Comandante proferiu uma breve alocução, passando de imediato uma revista às forças em parada e assistindo ao desfile das mesmas. Numa segunda fase, no salão nobre da Unidade, foram apresentados os cumprimentos de boas vindas por parte de todos os Oficiais e Sargentos e de uma representação de Praças e Civis do RA5.



EXERCÍCIO “EFICÁCIA 15”

De 26 de setembro a 02 de outubro de 2015 realizou-se o Exercício “EFICÁCIA15” no Campo Militar de Santa Margarida. O RA5 participou no Exercício com a 2.ª Bateria de Bocas-de-Fogo reforçada com elementos da 1.ª Bateria de Bocas-de-Fogo, o Pelotão de Aquisição de Objetivos, um Pelotão da Companhia de Sistemas de Vigilância e militares do Comando e Estado-Maior do Grupo de Artilharia de Campanha e do Regimento.

Este exercício permitiu treinar e aperfeiçoar a componente tática e componente técnica das Unidades de Artilharia.



TOMADA DE POSSE DO CMDT DO GAC/BRIGINT

Em 16 de novembro de 2015 teve lugar a cerimónia de tomada de posse de comando do Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada de Intervenção do Tenente-Coronel de Artilharia José Carlos Pinto Mimoso, na Parada General Bernardo Faria

Após as forças em parada terem prestado as honras devidas foi lido o despacho de nomeação do Comandante do GAC/BrigInt, a que se seguiu a receção do Guião do Grupo. O TCor Pinto Mimoso passou de imediato uma revista às forças em parada finda a qual proferiu uma breve alocução. No final da Cerimónia as forças em parada desfilaram em continência perante o seu novo Comandante.



ESTAÇÕES DE OBSERVAÇÃO DIGITAIS

Em 17 e 18 de novembro de 2015 decorreu a ação de formação sobre as Estações de Observação Digitais, ministrada por dois formadores ingleses da INS-

TRO e um formador espanhol da CORAL (ELBIT), com um total de nove Oficiais e sete Sargentos dos diferentes Grupos de Artilharia de Campanha e da Escola das Armas.

A formação terminou com um exercício de fogos reais no polígono de tiro do Regimento.



VISITAS AO MUSEU DA ESCOLA PRÁTICA DE ARTILHARIA

Nos dias 10 e 21 de novembro de 2015 realizaram-se visitas ao Museu por parte de duas turmas de alunos da Escola EB/JI Nun'Álvares do Seixal e do Agrupamento de Escuteiros 34 de Vendas Novas, respetivamente.

Após a receção, iniciou-se a visita às diversas salas que compõem o Museu, onde puderam inteirar-se da evolução histórica da Artilharia Portuguesa, tendo ainda aproveitado a oportunidade para tomar contacto com os materiais que se encontram nos parques de artilharia.



CERIMÓNIA MILITAR DE HOMENAGEM A MOUZINHO DE ALBUQUERQUE

No âmbito das comemorações de evocação do Patrono da Arma de Cavalaria realizou-se nos dias 16 e 17 de julho, a tradicional Marcha a Cavalo entre Mafra e a Vila da Batalha - onde nasceu Mouzinho de Albuquerque. Participaram nesta marcha 42 conjuntos oriundos dos Regimentos da Arma de Cavalaria, da Escola das Armas, do Núcleo Preparatório do Regimento de Apoio Militar de Emergência do Exército e da Guarda Nacional Republicana - através da sua Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE).

A romagem teve o seu início na Escola das Armas (EA) com uma formatura a Cavalo - presidida pelo Exmo. Comandante da EA, Cor Tir Art Luís António Morgado Baptista, passando pelas povoações de Soudos, Caneiro e S. Mamede, nos Concelhos de Torres Novas e da Batalha, até à Vila da Batalha, numa extensão de cerca de 50 km.

A Cerimónia Militar, que se realizou no dia 18 de julho, junto do monumento de Mouzinho de Albuquerque existente na Vila da Batalha, contou com uma Força a Cavalo com 34 conjuntos, representativos das Unidades que tinham participado na Marcha a Cavalo.

A Cerimónia Militar foi presidida pelo Exmo. Comandante do Pessoal do Exército, Tenente-General José Carlos Filipe Antunes Calçada - em representação do Diretor Honorário da Arma de Cavalaria - contando com a presença do Exmo. Presidente da Câmara da Batalha, Sr. Dr. Paulo Jorge Frazão Batista dos Santos, entre muitos outros Oficiais Gerais, Oficiais Superiores, Comandantes e Adjuntos das Unidades de Cavalaria. De destacar a presença na cerimónia do Dr. Pedro Gaivão, sobrinho-neto de Mouzinho de Albuquerque.



COMEMORAÇÕES DO DIA DA ARMA DE CAVALARIA E DO 306.º ANIVERSÁRIO DO RC6

Em 23 de julho de 2015 realizou-se, no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), a Cerimónia Comemorativa do Dia da Arma de Cavalaria e do 306º Aniversário do RC6. O evento foi presidido por Sua Excelência o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, contando também com a presença do Diretor Honorário da Arma de Cavalaria, de outros Oficiais Gerais e ainda ilustres Autoridades Cíveis, Militares, Policiais e Académicas da região de Braga. De destacar as presenças dos Presidentes das Câmaras Municipais de Amares, Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto, do Vice-presidente da Câmara Municipal de Braga e S. Exa. Reverendíssima D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga.

Do programa das comemorações destacam-se ainda dois eventos realizados no centro da cidade de Braga: o concerto com a Banda Militar do Porto, em parceria com a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, no dia 19 de julho no Theatro Circo; e um Espetáculo Equestre na Praça Conde de Agrolongo no dia 22 de julho, com a participação de 03 Coudelarias cíveis da Região de Braga e da Coudelaria Militar de Mafra.

Da Cerimónia Militar realizada no RC6 é de relevar a ligação estabelecida, via videoconferência, com as Forças Nacionais

Destacadas, no Kosovo e na Lituânia, na qual foi feito pelos respetivos Comandantes um ponto de situação a S. Exa. o General Chefe de Estado-Maior do Exército sobre as respetivas missões. Todos os presentes na Parada Mouzinho de Albuquerque, puderam assistir a esta videoconferência, através dos vários ecrãs gigantes existentes e os militares no Kosovo e Lituânia assistiram à cerimónia em tempo real. A cerimónia militar terminou com a apresentação de algumas capacidades ilustrativas dos encargos operacionais das Unidades da Arma de Cavalaria.

Durante o almoço de confraternização, S. Exa. o General CEME entregou ao antigo General CEME, General António Eduardo Queiroz Martins Barrento um livro sobre Património Arquitetónico de Braga como lembrança pelo seu 77º aniversário.





1.º CURSO DE PROMOÇÃO A CABO – 2015

Em 31 de agosto de 2015, apresentaram-se no RC6, 101 militares da categoria de praças para iniciarem o 1º Curso de Promoção a Cabo de 2015.

Pelas 10 horas, realizou-se uma formatura geral para a graduação dos formandos no posto de 2.º Cabo.

O TCor Cav José Pimenta deu as boas vindas aos militares e proferiu algumas palavras de incentivo para a obtenção de bons resultados pelos formandos que agora iniciam o curso, bem como das responsabilidades e deveres inerentes ao novo posto.

O curso foi constituído por 86 Praças masculinos e 15 femininos, oriundos de 13 UEO distintas. No final do curso 95 obtiveram aproveitamento, média 15,26 valores.



II FASE DA 11ª EDIÇÃO DO DIA DA DEFESA NACIONAL – 2015



Iniciou-se no dia 17 de setembro, no RC6, a 2.ª fase da 11ª Edição do Dia da Defesa Nacional (DDN) do ano de 2015.

Nesta fase, que decorrerá de 17 de setembro a 30 de novembro, num total de 52 dias úteis, o Centro de Divulgação do DDN/Braga tem previsto a participação de 7.547 jovens de ambos os sexos (nascidos em 1996), a uma média de 144 jovens/dia.

No total foram convocados para comparecer na 11ª Edição do DDN, a realizar no RC6, um total de 16.716 jovens, constituindo-se este Regimento como o maior Centro de Divulgação do País, tanto em número de jovens participantes como em número de dias de atividade.

A 1.ª fase deste ciclo de 2015 decorreu de 06 de janeiro a 08 de abril, durante 65 dias, com uma participação de 7.948 jovens.

CERIMÓNIA MILITAR DE ENTREGA DOS ESTANDARTES NACIONAIS DAS FND

Realizou-se no dia 10 de outubro de 2015, pelas 16h00, na Praça do Município, localizada no centro da cidade de Braga, a Cerimónia Militar de entrega dos Estandartes Nacionais do GAM/KFOR e Recce Coy/PRT Army-2015 à Brigada de Intervenção. Esta cerimónia marca o final das missões que estas forças cumpriram no Teatro de Operações do Kosovo e da Lituânia, respetivamente.

A cerimónia presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Exmo. Tenente-General António Xavier Lobato de Faria Menezes, contando com a presença do Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, da Exma. Presidente da Assembleia Municipal de Braga, Dr.ª Hortense Lopes dos Santos e outras ilustres Autoridades Cíveis, Militares, Policiais e Académicas da cidade de Braga, tendo sido ainda presenciada por centenas de bracarenses que fizeram questão de se associar ao evento.

Durante a cerimónia foi efetuada uma evocação da história recente relativa a todas as Forças Nacionais que o RC6 desde 1998 já destacou para os Teatros de Operações da Bósnia Herzegovina, Kosovo, Timor Leste e Afeganistão.

No seu discurso, o Exmo. Tenente-General Comandante das Forças Terrestres, enalteceu o papel fundamental das Forças Nacionais destacadas para os diversos Teatros de Operações e, no caso concreto, as que foram projetadas pelo RC6, que levaram bem longe o nome de Portugal e da Cidade onde se encontra inserida esta Unidade.

De seguida ocorreu o momento mais alto da cerimónia, o Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Aguiar Santos, recebeu os Estandartes Nacionais do GAM/KFOR e da Recce Coy/PRT Army 2015, os quais estiveram à guarda daquelas Forças durante o período em que as mesmas estiveram nos respetivos teatros de Operações.

A cerimónia militar terminou com o desfile das duas forças em parada e de uma força montada em Viaturas Blindadas PANDUR II 8x8.



13º ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DOS COMBATENTES DO ULTRAMAR PORTUGUÊS (ACUP)



No dia 14 de junho de 2015, o RE3 participou na cerimónia de homenagem aos combatentes Paivenses mortos no Ultramar Português, promovida pela Associação dos Combatentes do Ultramar Português (ACUP), em Castelo de Paiva, integrada no 13º Aniversário da ACUP.

A cerimónia contou com a presença de diversas entidades civis e militares destacando-se o Exmo. Vereador da Câmara Municipal de Castelo de Paiva, Exmo. General Governo Maia, representante da Cruz Vermelha Portuguesa, Exmo. General Rui Rodrigues, Exmo. General Andrade, representante da Liga Nacional dos Combatentes, Exmo. Coronel Jâra Franco, representante da AOFA, entre outras.



VISITA DO 2º CPSA ENGENHARIA 2015 AO RE3

Em 27 de julho de 2015 o RE3 foi visitado pelo 2º Curso de Promoção a Sargento-ajudante de Engenharia 2015 (CPSA_Eng_2015), no âmbito da formação da Parte Específica de Engenharia.

A visita iniciou-se com um brífingue, onde foram apresentadas as potencialidades e as atividades desenvolvidas pelo RE3. Decorreu a apresentação de cumprimentos ao Exmo. Comandante do RE3, no Salão Nobre tendo procedido à entrega de uma lembrança Institucional seguindo-se um almoço na Messe de Sargentos. Da parte da tarde, foi efetuada uma visita às Instalações da Unidade. Para finalizar, os futuros Sargentos-ajudantes de Engenharia efetuaram uma visita à Frente de Trabalho de Mira.

Os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis do RE3, desejam que esta visita tenha atingido os objetivos desejados pela Escola das Armas, formulando votos de sucesso aos formandos.



COLHEITA DE SANGUE NO RE3

Teve lugar no dia 21 de outubro de 2015 no RE3 mais uma iniciativa de doação de sangue com o contributo do Lions Clube de Espinho em parceria com o Instituto Português do Sangue e de Transplantação (IPST), contribuindo assim para o aumento das reservas de sangue nacionais.



As Instalações da Enfermaria Regimental foram o local escolhido para a instalação de todo o equipamento médico necessário à colheita de sangue, que contou com a presença de mais de 30 dadores num espaço temporal compreendido entre as 09.00 horas e as 13.00 horas.



CERIMÓNIA DE PROMOÇÃO DE MILITARES

Em 29 de outubro, no Salão Nobre do Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3), realizou-se a cerimónia de promoção a Primeiro-Sargento dos seguintes militares: 2Sarg NIM 06307806 Fábio Manuel Santos Pinto, 2Sarg NIM 09972604 Cláudio Miguel Ferreira de Barros e 2Sarg NIM 18554903 Luís Américo dos Santos Vieira.



Em nome de todos quantos servem no RE3, desejam-se as maiores felicidades aos militares promovidos



DIA DOS FINADOS

No dia 2 de novembro, e à semelhança de anos anteriores, o RE3 participou na Cerimónia do Dia de Finados promovida pelo Núcleo de Espinho da Liga dos Combatentes.

A referida Cerimónia, que se realizou no Cemitério Municipal de Espinho, foi presidida pelo Maj José Henriques do RE3, tendo contado com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Espinho, Dr. Pinto Moreira, bem como a de outras Entidades Militares e Cíveis.

As Honras foram prestadas por uma Secção, após as quais se realizou a Eucaristia celebrada na Capela do Cemitério de Espinho.



O Dia de Finados, dia da tradição religiosa de culto à memória daqueles que já partiram, é um dia em que a Instituição Militar consagra à recordação dos seus militares, à qual o Regimento se associou.

INICIO DA 2ª FORMAÇÃO MODULAR DE ELETRICISTA DE INSTALAÇÕES



No dia 27 de julho de 2015, teve início no Regimento de Engenharia nº3 (RE3) a Formação Modular de Eletricista de Instalações.

Esta formação está a decorrer com a colaboração do Centro de Emprego e Formação Profissional de Entre Douro e Vouga - Rio Meão (CEFPEDV-Rio Meão), conforme protocolo assinado entre as duas entidades, estando a ser frequentada por 19 militares de diversas Unidades do Exército, incluindo das Ilhas.

A Formação é certificada pelo IEFP através do CEFPEVD-Rio Meão garantindo deste modo aos formandos a qualidade de formação necessária. Esta é uma ferramenta indispensável para o desempenho das suas funções na instituição militar e uma boa ferramenta de trabalho para o seu futuro aquando da sua transição para a vida civil.

ENCONTRO ANUAL DA COMPANHIA DE CAÇADORES 168 (ANGOLA 1961-1963)

Decorreu no dia 27 de setembro de 2015 no RT, a visita anual dos militares pertencentes à companhia de Caçadores nº 168 mobilizada para Angola (1961-1963).

Esta visita contou com a presença de cerca de 40 convidados, ex-militares e familiares. Do programa constou a Homenagem aos Mortos, frente ao memorial existente junto ao jardim de entrada do RT a que se seguiu uma missa celebrada na Capela do RT.

Foi mais uma jornada de confraternização e convívio destes ex-militares, cumprindo a tradição de se reunirem no último Domingo de setembro, sempre nas instalações do atual Regimento de Transmissões.



JURAMENTO DE BANDEIRA DO 2º CFGCPE

Em 09 de outubro de 2015 teve lugar a cerimónia de ratificação de Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutas do 2º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPE) que, decorre no Regimento de Transmissões (RT) até 27 de novembro de 2015, presidida pelo Exmo. Comandante do RT Cor Tm (Engº) Carlos Jorge de Oliveira Ribeiro.

Dos 173 Soldados Recrutas incorporados ratificaram Juramento de Bandeira 134.

A cerimónia teve a seguinte sequência:

- Formatura Geral do RT;
- Continência das forças em parada ao Exmo. Comandante do RT;
- Integração do Estandarte Nacional nas Forças em Parada;
- Imposição de Condecorações a militares do RT;
- Alocução alusiva à Cerimónia;
- Leitura dos Deveres Militares;
- Desfile das Forças em Parada;
- Atuação da Banda Militar do Porto;
- Entrega da boina aos Soldados Recrutas do 2º CFGCPE;
- Demonstração de atividades pelos Soldados Recrutas da Companhia de Formação.

Esta Cerimónia de Juramento de Bandeira realizou-se, novamente, neste quartel do Viso após dois anos de interregno e apraz-nos salientar a elevada adesão por parte dos familiares dos soldados recrutas que, apesar de ser um dia normal de trabalho, quiseram marcar presença neste ato tão importante da vida dos seus familiares.



VISITA DO EXMO. CMDT DA BRIGINT MGEN AGUIAR SANTOS AO REGIMENTO DE TRANSMISSÕES

O Regimento de Transmissões recebeu em 13 de outubro o Exmo. Comandante da BrigInt, Major General Carlos Henrique de Aguiar Santos, na sua primeira visita de trabalho ao RT e que formalizou a passagem definitiva deste Regimento para a estrutura orgânica da Brigada de Intervenção.

Após as honras regulamentares e da apresentação de cumprimentos no Salão Nobre, foi apresentado um bríngue pelo Exmo. Comandante do RT, Cor Carlos Ribeiro, tendo-se seguido uma visita a algumas infraestruturas do RT.



A visita do Exmo. Comandante da BrigInt terminou com a assinatura do livro de Honra do Regimento onde foi reiterada a importância da integração do RT na BrigInt expressa na frase "...quero deixar nota do enorme orgulho que sinto por ter sobre o meu comando uma unidade tão importante para o produto operacional da Brigada e do Exército...".





Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RI13	22Mai15 e 13Jun15		No âmbito do Programa D. Afonso Henriques, foi prestado apoio ao Clube de Ciclismo do Exército na Subida à Sra. da Graça e ao Clube de Golfe do Exército na realização do II Torneio de Golfe do RI13, terceira a contar para o Open da Brigada de Intervenção e a contar para a Ordem de Mérito do Clube de Golfe do Exército.
	30Mai15		Apoio convívio anual da Companhia de Caçadores (CCaç) 153, que cumpriu uma missão na Guiné Bissau (Mai61-Nov63).
	06Jul15	10Jul15	Apoio à Academia Militar no âmbito dos exercícios finais na região de Chaves na cedência de equipamentos, viaturas táticas incluindo uma VBR PANDURII com guarnição e um Oficial Subalterno para acompanhamento
	09Jul15	12Jul15	Apoio ao Município de Vila Real e à Comissão Organizadora do 45º Circuito Internacional de Automóvel de Vila Real na confeção de cerca de 850 refeições diárias para o pessoal afeto à Organização, no alojamento e na distribuição de alimentação para pessoal da PSP e no estacionamento de viaturas de apoio das equipas desportivas participantes.
	19Nov15		Apoio ao Desporto Escolar na realização de um Corta-Mato para cerca de 400 crianças das ES/3 Camilo Castelo Branco, AE Morgado de Mateus, AE Diogo Cão e ES/3 S. Pedro, da cidade de Vila Real.
RI14	08Jun15		Militares do RI14 demonstraram o seu caráter solidário numa campanha de Dádiva de Sangue promovida pelo Instituto de Português de Sangue (IPS) – Centro de Sangue e Transplantação de Coimbra.
	17Set15	20Set15	Apoio à realização da EDP II Meia Maratona do Dão, através da execução e coordenação de um conjunto de ações. Paralelamente, participou com uma equipa de 19 elementos, a par de 10 elementos de outras unidades da BrigInt.
	13Out15		Desenvolveu com a EDP – Distribuição Rede e Clientes Mondego, uma atividade de liderança e desenvolvimento de equipas, ao estilo de Boot Camp. O objetivo da atividade foi o de, em ambiente militar, contribuir para o desenvolvimento da coesão, cooperação e espírito de equipa nos Quadros da organização.
	12Nov15		Apoio à Associação Comercial de Viseu (ACV) na confeção e distribuição de um Rancho à Moda do 14, junto à sede da ACV, aquando da realização do evento “ROTA DO RANCHO”, o qual contou ainda com uma atuação da Fanfarra da UnAp/BrigInt. Este evento foi realizado pela ACV em parceria com a Câmara Municipal de Viseu.
	17Nov15		Realização da Prova de “CORTA MATO ESCOLAR ESAM 2015”, no perímetro do RI14, constituída por 3 corridas distintas, distribuídas pelos vários escalões. Foi organizada pelo Grupo de Educação Física da Escola Secundaria Alves Martins (ESAM) e com a colaboração do Centro de Recrutamento de Viseu, da PSP de Viseu (na segurança ao longo do percurso de deslocamento apeado dos alunos da escola Alves Martins até ao RI14) e dos Bombeiros Municipais no apoio Sanitário.
RI19	12Jul15		Apoio à Paróquia de Chaves com o transporte da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, no âmbito do Centenário das Aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos.
	25Jul15	02Ago15	Empréstimo de 220 colchões e almofadas à Câmara Municipal de Montalegre, no âmbito do Festival de Música Jovem de Montalegre.
	30Jul15	01Ago15	Apoio em alojamento ao Clube de Ciclismo LA Alumínios/SGR/Aldeia de Paio Pires, no âmbito da 10ª Volta a Portugal em bicicleta (Júnior).
	25Set15	27Set15	Apoio ao Clube WolfPack Unit de Chaves com o empréstimo de material e montagem de exposição de armamento e equipamento, no âmbito da realização de um evento de Airsoft, em Chaves.
	19Out15	26Out15	Apoio ao clube de futebol feminino S.G.Findorff com a cedência de instalações desportivas da Unidade, durante a realização de estágio realizado na região de Chaves.



Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RAAA1	01Jun15	17Jul15	Limpeza, localização e georreferenciação de cerca de 100 minas de água na Serra de Sintra.
	01Jun15	30Set15	Patrulhamento de prevenção aos incêndios florestais na Serra de Sintra, em Sintra.
	01Jul15	30Set15	Patrulhamento de prevenção aos incêndios florestais na Serra da Arrábida, em Setúbal.
	05Jul15	10Jul15	Workshop da Casa Pia de Lisboa. Fornecimento de refeições e alojamento a 17 professores e 82 alunos daquela instituição
	08Set15		Colheita de sangue realizada pelo Instituto Português do Sangue e da Transplantação.
RA5	24Out15	25Out15	Realização de atividade “Team Building” em que participaram quinze altos quadros da Câmara Municipal de Vendas Novas
	24Ago15	09Set15	Cedência da Parada D. Pedro V para a realização do 53.º Aniversário da Elevação de Vendas Novas a Concelho.
	03Jun15	05Jun15	Cedência da Parada D. Pedro V para realização da Feira da Saúde organizado pela Associação de Intervenção Comunitária de Vendas Novas.
	12Jun15		Cedência de parte do polígono para a realização do evento Airsoft solidário “Casa do Gil”, organizado pelo Clube Hostile Operations Team.
	27Set15		Cedência da pista de aviação para a realização do “XIV Encontro de Aeromodelismo” organizado pelo Clube de Aeromodelismo de Vendas Novas.
RC6	04Jul15		Apoio à Câmara Municipal de Braga através da montagem de 03 tendas na Avenida Central em Braga, no âmbito da “Feira do Livro”.
	29Jul15		Apoio à Universidade do Minho (UM) com cedência de espaço, promovendo a execução de algumas atividades e apoiando o Centro de Recrutamento de Braga na montagem da Torre de Multiatividades (TMM) no âmbito da 8ª edição do Programa “Verão no Campus”, que contou com a participação de cerca de 420 estudantes.
	04Ago15		Apoio à Câmara Municipal de Braga na visita à Unidade e fornecimento da 2ª refeição para 40 jovens e 06 Monitores no âmbito do projeto “Férias Fantásticas 2015” que visa atender as necessidades das famílias em situação de vulnerabilidade social e promover a ocupação saudável de crianças e jovens no período de férias.
	02Out15	03Out15	Apoio à Junta de Freguesia de S. Victor com um stand (mostra de equipamento militar), um Roll up do Regimento e filme do RC6, no âmbito da “Feira de Emprego e Formação Profissional”, a qual visa o fomento da empregabilidade e formação profissional com o intuito de dar lugar e tempo às empresas que procurem os recursos humanos mais indicados para as funções necessárias, constituindo uma forma privilegiada para obter a garantia de sucesso nesta atividade, contribuindo para a diminuição do desemprego da Freguesia, do Concelho e do nosso País.
	24Set15	26Set15	Apoio à Universidade do Minho com a cedência e montagem de 02 tendas, no exterior do Museu D. Diogo de Sousa em Braga, no âmbito d’ “A Noite Europeia dos Investigadores (NEI)”, iniciativa promovida pela Comissão Europeia, que ocorre no mesmo dia em diversos países europeus e Isra
RE3	07Abr15	21Jul15	O RE3 levou a cabo os trabalhos de beneficiação de um caminho agrícola em Vila Galega, na freguesia de Alvarenga, Arouca, no âmbito do Plano de Atividade Operacional Civil 2015 (PAOC 2015). Estes trabalhos foram realizados por um Destacamento de Engenharia que chegou a ser constituído por 2 Sargentos e 7 Praças da Companhia de Engenharia da Brigada de Intervenção. Para a realização dos trabalhos previstos houve necessidade do apoio de 1 Viatura Táctica Ligeira (VTL), 2 Viaturas Basculantes (VB), 1 Escavadora de Lagartas (EL), 1 Retroescavadora (RE), 1 Cilindro Vibratório (CV) e um Trator de Lagartas (TL).



Unidade	Período do Apoio		Tipo de Apoio
	de	a	
RE3	07Abr15	21Jul15	No âmbito do Plano Lira, o Exército, através da Brigada de Intervenção e do RE3, apoiou a Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC), projetando dois destacamentos de engenharia, dotados com dois tratores de lagartas, com a missão de efetuar combate indireto a incêndios, defesa de aglomerados populacionais e apoio ao rescaldo na localidade de Arga de S. João – Vila Nova de Cerveira – Viana do Castelo, durante os dias de 11 e 12 de agosto de 2015.
	22Set14	13Out15	O RE3 apoiou o Município de Mira com o objetivo de melhorar as condições de vida e bem-estar da população, nomeadamente aquando da ocorrência de inundações. Nesse sentido, através do emprego de meios no âmbito das construções horizontais, na limpeza de cursos de água nas principais artérias da rede hídrica do concelho, desde 22 de setembro de 2014 até 13 de outubro de 2015, o RE3 destacou um Destacamento de Engenharia com um efetivo de 1 Sargento de vias de comunicação, 3 praças Operadores de Equipamento Pesado de Engenharia e 1 condutor, bem como um conjunto de equipamentos constituído por 3 escavadoras de lagartas e 1 viatura táctica média.
RT	30Ago15	05Set15	Apoio em alojamento e alimentação de grupo de 1220 jovens do sexo masculino e feminino e respetivos monitores, que participaram na iniciativa “Universidade Júnior - Cursos de Verão 2015” sob a égide da Universidade do Porto
	14Nov15	15Nov15	Realização da prova de obstáculos militares denominada “Army Race” dividida em 3 categorias (elite, corporate e kids) com a participação de cerca de 1400 participantes, dos quais 50 crianças.
	09Ago15		Apoio à celebração do 3º aniversário de um grupo de 40 voluntários do grupo de solidariedade social “Amor Perfeito” que apoia os mais carenciados da cidade do Porto.
	01Set15		Realizou-se uma visita de um grupo de 40 atletas do Dragon Force Andebol do Futebol Clube do Porto, da faixa etária dos 14 aos 16 anos acompanhados pelos respetivos treinadores.
	05Nov15	07Nov15	Ação de formação promovida pela Sociedade Portuguesa de Cirurgia no âmbito do programa “Advanced Life Trauma Support for Doctors” (ATLS).
UnAp	2º Semestre 2015		Apoio com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro às seguintes Unidades militares e Forças de Segurança: Cmd/BrigInt; UnAp/BrigInt; RI10; RA4; RE3; CSMC; CRC; Guarda Nacional Republicana; Polícia de Segurança Pública; ASAE; SEF; Polícia Judiciária; Polícia Marítima; Serviços Prisionais.
	2º Semestre 2015		Apoio ao Instituto de Emprego e Formação Profissional de Coimbra com cedência de instalações no âmbito da Formação de Educação e Formação de Adultos – nível 2 na Área de Formação em Hotelaria e Restauração.
	21Mai15	16Jul15	Apoio às Jornadas do Dia da Defesa Nacional com cedência de Meios Materiais e Humanos Instalações e Alimentação no âmbito da 11ª Edição do DDN conforme diretiva nº 04/UNAP/BRIGINT/15.
	15Jun15	21Jun15	Participação nas Comemorações do Dia do CFT e BrigInt, com meios materiais e humanos e cedência de instalações para alojamento aos participantes nas comemorações.
	03Out15	04Out15	Apoio à Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Coimbra com cedência de instalações para realização da VII Mostra de Doçaria Conventual e Regional de Coimbra.





Descubra o café que sabe a Portugal.

Há mais de 50 anos que a Delta aperfeiçoa o sabor do café ao gosto de Portugal. Podemos não ser um país produtor de café mas sabemos bem como é que ele fica bom. Delta Portugal é o café como nós gostamos, no ponto perfeito da torra ao sabor português. Uma tradição que se renova, porque o sabor ao que é nosso nunca muda.



O CAFÉ DA SUA VIDA 

